

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO (UNILEÃO)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM SAÚDE (PPGESA)  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM SAÚDE (MEPESA)**

**ERICK LINHARES DE HOLANDA**

**O PROCESSO DE AUTORIZAR-SE E RECONHECER-SE GESTALT-TERAPEUTA:  
narrativa de formadores no Ceará**

Juazeiro do Norte – CE  
2023

ERICK LINHARES DE HOLANDA

**O PROCESSO DE SE AUTORIZAR-SE E RECONHECER-SE GESTALT-  
TERAPEUTA: narrativa de formadores no Ceará**

Dissertação submetida para defesa no curso de Mestrado Profissional em Ensino em Saúde do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

Orientador: Prof. Dr. Márcus Cézar de Borba Belmino

Juazeiro do Norte – CE  
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
UNILEÃO - Centro Universitário  
Sistema de Bibliotecas Acadêmicas - BIA  
Ficha catalográfica elaborada pelo BIA/UNILEÃO, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

H722h Holanda, Erick Linhares de  
O PROCESSO DE AUTORIZAR-SE E RECONHECER-SE GESTALT-TERAPEUTA: narrativa de formadores no Ceará. / Erick Linhares de Holanda - Juazeiro do Norte, 2023.  
135 f.

Orientação: Prof. Dr. Márcus César de Borba Belmino  
Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Saúde) - Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, 2023.

1. Gestalt-terapeuta. 2. Formação de professores. 3. Método fenomenológico. I. Belmino, Márcus César de Borba, Orient. II. Título.

---

CDD 610.7

ERICK LINHARES DE HOLANDA

**O PROCESSO DE AUTORIZAR-SE E RECONHECER-SE GESTALT-  
TERAPEUTA: narrativa de formadores no Ceará**

Dissertação submetida para defesa no curso de Mestrado Profissional em Ensino em Saúde do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

BANCA EXAMINADORA:

---

**Prof. Dr. Márcus César de Borba Belmino**  
*Orientador*

---

**Prof. Dr. Cícero Magérgio Gomes Torres**  
*Avaliador (UNILEÃO)*

---

**Prof. Dr. Paulo Coelho Castelo Branco**  
*Avaliador (UFC)*

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Ensino em Saúde.

---

**Coordenação do Programa de Pós-Graduação**

---

**Prof. Dr. Márcus César de Borba Belmino**  
Orientador

Juazeiro do Norte, 2023.

## RESUMO

Esta dissertação propõe pesquisar o processo de reconhecer-se e autorizar-se Gestalt-terapeuta a partir da narrativa das(os) formadoras(es) pioneiras(os) no Ceará, utilizando o método fenomenológico de pesquisa qualitativa, dissertando sobre uma breve história da Gestalt-Terapia, contextualizando alguns dos principais marcos da teoria, assim como os principais conceitos da abordagem. Explorar o processo de formação e currículo de institutos pelo Brasil se faz necessário para examinar como, ao longo dos anos, essas formações foram autorizando seus alunos até agora. O objetivo geral desse trabalho é, portanto, compreender o processo de autorização e reconhecimento do ser Gestalt-terapeuta de formadores pioneiros nas formações em Gestalt Terapia pelo Ceará. Os objetivos específicos visam: 1) descrever a história da Gestalt-Terapia no Ceará através da narrativa das(os) formadoras(es) pioneiras(os); 2) compreender sobre os caminhos de formação que a(o) formador(a) pioneira(o) passou no processo de autorizar-se Gestalt-terapeuta; 3) compreender a relação entre a narrativa da(o) formadora(or) pioneira(o) dos cursos de formação em Gestalt-Terapia no Ceará e seu processo de autorização e reconhecimento sobre ser Gestalt-terapeuta. Para a análise de dados, este trabalho utilizou-se do método fenomenológico de Giorgi (2008), criando unidades de significação após a coleta de dados da entrevista semiestruturada, o que desencadeou em quatro tópicos para esta dissertação. Por fim, o produto final deste trabalho, visto se tratar de um programa de mestrado profissional, nasceu, através dessa pesquisa, atravessando os desejos do pesquisador em pensar formações em Gestalt-Terapia em sua atual cidade de morada, Garanhuns-PE, assim como proposta idealizada na banca de qualificação, pela importância do tema e do pensamento crítico para a comunidade de Gestalt-terapeutas sobre autorização do ser Gestalt-terapeuta. Assim, o Produto final desta dissertação trata-se de uma ementa de um curso básico com o título: “Curso básico de Gestalt-Terapia: processo de formação e autorização do ser Gestalt-terapeuta”.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapeuta; formação de professores; método fenomenológico.

## ABSTRACT

This dissertation proposes to research the process of recognizing and authorizing oneself as a Gestalt therapist based on the narrative of the pioneering trainers in Ceará, using the phenomenological method of qualitative research, talking about a brief history of Gestalt-Therapy, contextualizing some of the main landmarks of the theory, as well as the main concepts of the approach. Exploring the training process and curriculum of institutes across Brazil is necessary to examine how, over the years, these training courses have authorized their students until now. The general objective of this work is, therefore, to understand the process of authorization and recognition of being a Gestalt therapist by pioneer trainers in Gestalt Therapy training in Ceará. The specific objectives aim to: 1) describe the history of Gestalt Therapy in Ceará through the narrative of the pioneering trainers; 2) understand the training paths that the pioneer trainer went through in the process of becoming a Gestalt therapist; 3) understand the relationship between the narrative of the pioneer trainer of Gestalt Therapy training courses in Ceará and her process of authorization and recognition of being a Gestalt therapist. For data analysis, this work used Giorgi's (2008) phenomenological method, creating units of meaning after collecting data from the semi-structured interview, which led to four topics for this dissertation. Finally, the final product of this work, as it is a professional master's program, was born through this research, crossing the researcher's desires to think about training in Gestalt-Therapy in his current city of residence, Garanhuns-PE, as well as proposal idealized in the qualification panel, due to the importance of the topic and critical thinking for the community of Gestalt therapists on the authorization of being a Gestalt therapist. Thus, the final product of this dissertation is a syllabus for a basic course with the title: "Basic Gestalt-Therapy Course: process of training and authorization of being a Gestalt-therapist".

**Keywords:** Gestalt-therapist; teacher training; phenomenological method.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABG - Associação Brasileira de Gestalt-terapia

ACP - Abordagem Centrada na Pessoa

AWARE - Centro de Gestalt-Terapia

CDH - Conselho de Direitos Humanos

CGF - Centro Gestáltico de Fortaleza

CRP - Conselho Regional de Psicologia do Ceará

COVID-19 - (Co)rona (vi)rus (d)isease

IGC - Instituto Gestalt do Ceará

IPA - International Psychoanalytical Association

MEC - Ministério da Educação

PHG - Perls, Hefferline e Goodman

TCC - Teoria Cognitiva Comportamental

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFC - Universidade Federal do Ceará

UFG - Universidade Federal de Goiás

UNIFAFIRE - Centro Universitário Frassinetti do Recife

UNIFOR - Universidade de Fortaleza

UVA - Universidade do Vale do Acaraú

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
2.1 BREVE HISTÓRIA DA GESTALT-TERAPIA.....	12
2.2 PROCESSO DE AUTORIZAÇÃO PARA A PSICANÁLISE: DE FREUD A LACAN .....	16
2.3 CURRÍCULO NA FORMAÇÃO DE GESTALT-TERAPEUTAS .....	21
2.4 FORMAÇÃO PEDAGÓGICA.....	23
<b>2.4.1 Formação em Gestalt Terapia no Brasil .....</b>	<b>25</b>
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>26</b>
3.1 TIPO DE PESQUISA .....	26
3.2 LOCAL DE ESTUDO .....	27
3.3 PARTICIPANTES DE PESQUISA.....	28
3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DO SUJEITO DE PESQUISA .....	28
3.5 INSTRUMENTOS .....	28
3.6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	30
3.7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE INFORMAÇÕES .....	31
3.8 ENTREVISTADAS(OS): AS(OS) FORMADORAS(ES) PIONEIRAS(OS) EM GESTALT- TERAPIA NO CEARÁ.....	32
<b>3.8.1 Maria Gercileni Campos de Araújo .....</b>	<b>33</b>
<b>3.8.2 Georges Daniel Janja Bloc Boris .....</b>	<b>33</b>
<b>3.8.3 Maria Alice Queiroz de Brito.....</b>	<b>34</b>
<b>3.8.4 Sergio Lízias Costa de Oliveira Rocha .....</b>	<b>34</b>
<b>3.8.5 Maria de Fátima Pereira Diógenes .....</b>	<b>34</b>
<b>3.8.6 Maria do Carmo Latorre .....</b>	<b>35</b>
<b>4 PROCESSO DE SE AUTORIZAR E SE RECONHECER GESTALT-TERAPEUTA ATRAVÉS DA NARRATIVA DAS(OS) FORMADORAS(ES) PIONEIRAS(OS) DO CEARÁ .....</b>	<b>35</b>
4.1 HISTÓRIAS DA GESTALT-TERAPIA NO CEARÁ A PARTIR DA NARRATIVA DAS(OS) FORMADORAS(ES) PIONEIRAS(OS).....	35
4.2 FORMAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS CURSOS DE GESTALT-TERAPIA.....	59
4.3 DESCOBRINDO OS CAMINHOS PARA AUTORIZAR-SE NO CAMINHAR .....	82
4.4 RECONHECENDO-SE E AUTORIZANDO-SE GESTALT-TERAPEUTA .....	98
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>117</b>
<b>6 PRODUTO EDUCACIONAL .....</b>	<b>119</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>125</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>126</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>127</b>
<b>ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO .....</b>	<b>131</b>
<b>ANEXO C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ .....</b>	<b>132</b>
<b>NOTAS .....</b>	<b>133</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Gestalt-Terapia é uma proposta clínica construída a partir de uma leitura rigorosa acerca da experiência humana. Para isso, a clínica gestáltica propõe, conforme Belmino (2017), desde o seu nascimento, uma discussão sobre como a experiência humana se constitui e como o sofrimento se manifesta em sua multiplicidade. De acordo com Ribeiro (2019), pensar o sofrimento é sempre pensar um sofrimento cocriado, constituído em a partir das relações sociais, políticas, econômicas, ambientais, etc.

Nesse sentido, compreendendo a matriz do sofrimento a partir das relações, é também no campo relacional que a clínica gestáltica propõe um lugar ético de cuidado ao sofrimento de Outrem. Por isso, a clínica gestáltica é eminentemente dialógica, propondo que é também no campo da relação que é possível acolher, ressignificar e transmutar o sofrimento, possibilitando que a pessoa atendida possa recobrar sua potência e vitalidade, atenuadas pela apatia que somos constituídos em nossas relações sociais (BELMINO, 2020).

Para isso, desde a fundação da Gestalt-Terapia, sempre se colocou em questão como é possível formar alguém para tal escuta, compreendendo que, para além das questões teóricas e técnicas, é necessário, também, uma formação vivencial para construir suporte experiencial. Esse suporte experiencial é fundamental para que se possa produzir com o outro essas formas de atravessamento e ressignificação do sofrimento, e, também, que o psicoterapeuta possa entregar-se ao encontro e à alteridade (CARDELLA, 2002).

Por isso, em concordância com Cardella (2002), pensar a formação do gestalt-terapeuta é algo fundamental pois implica em refletir sobre como é possível adquirir os conhecimentos teóricos e técnicos, mas, também, como adquirir esse suporte experiencial. Mais do que isso: a pergunta passa por como alguém, em seu processo formativo, reconhece em si esse suporte experiencial e se autoriza psicoterapeuta, reconhecendo-se pronto para trilhar esse desafio.

Desde a criação da psicanálise o processo de autorizar-se psicoterapeuta ou analista é largamente debatido e pensado (NASIO, 1999). O mesmo acontece,

também, nas discussões sobre os processos formativos dentro da psicologia humanista. A partir de Belmino (2020), todas essas correntes concordam com esse tripé fundamental de que a formação do psicoterapeuta passa pela formação teórica/técnica, a sua psicoterapia pessoal e seu processo de supervisão. Na Gestalt-terapia, não é diferente. Quando se fala da construção do suporte experiencial para que seja possível o acolhimento à alteridade, é desse processo que se está falando.

Nesse sentido, essa dissertação busca explorar esse tema, mais especificamente sobre o processo de formação dos pioneiros da Gestalt-terapia no Ceará. Especificamente no Estado brasileiro do Ceará, esses processos ganham uma atenção peculiar considerando o contexto histórico e a trajetória da Gestalt-Terapia nessa região. O presente estudo visa compreender o processo de autorização e o reconhecimento do ser gestalt-terapeuta por formadoras(es) pioneiras(os) das formações em Gestalt-terapia no Ceará.

Serão abordados aspectos como a história da Gestalt-Terapia no Ceará, principalmente narrada pelas(os) formadoras(es) pioneiras(os) do Estado, a relação entre as narrativas das(os) formadoras(es) pioneiras(os) dos cursos de formação em Gestalt-Terapia e seu processo de autorização e reconhecimento e a descrição do processo de formação em Gestalt-Terapia no Estado. Assim sendo, esta dissertação tem como objetivo geral compreender o processo de autorização e reconhecimento do ser Gestalt-terapeuta por formadores pioneiros nas formações em Gestalt-Terapia no Ceará.

Com esta pesquisa, pretende-se contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a prática Gestalt-terapêutica no Ceará, sua história e desenvolvimento, bem como fornecer subsídios teóricos e práticos que possam enriquecer o desenvolvimento profissional dos Gestalt-terapeutas da região e em outras áreas de atuação. Ao compreender o processo de autorização e reconhecimento do ser Gestalt-Terapeuta pelas(os) formadoras(es) pioneiras(os), espera-se também fortalecer a própria identidade do pesquisador e auxiliar na orientação de futuros gestalt-terapeutas ao pensar em seus próprios processos de autorização e reconhecimento.

Para tanto, falar-se-á das formações em Gestalt-terapia que têm crescido bastante durante os últimos anos no Brasil, conquanto que as bases da teoria foram se solidificando em território nacional e sua fama foi se alastrando país adentro, porém

de forma heterogênea, já que várias perspectivas foram adotadas para o currículo e processo formativo. Com isso, esses cursos de formação vêm aprimorando e revendo seu processo formativo para transformar a didática e metodologia oferecidas.

Nesse interim, este trabalho traz alguns conceitos básicos em Gestalt-Terapia a partir de seus criadores, a saber Perls, Hefferline e Goodman (1997), para que assim possa-se começar a pensar novos caminhos através das vivências dos formadores dos cursos de formação em Gestalt-Terapia para o currículo na atualidade. O pensamento de Paulo Freire (2020), também, ampara a mencionada pesquisa quando traz a ideia de interação entre educador-educando e educando-educador numa perspectiva de experiência medial e construção conjunta da educação, para pensar um currículo integrativo.

O estudo do currículo se faz importante nesta discussão da formação em Psicologia, já que é por meio da estruturação didática e metodológica dos programas formadores que engendrará o percurso formativo de Gestalt-terapeutas. Ora, sem um projeto pedagógico, sobretudo curricular, a ideia de formação ficaria deficitária, além de que poderia carecer de rigor e credibilidade para estes cursos. Para as teorias de currículos propriamente ditas, recorre-se a autores clássicos como Tomaz Tadeu Silva (2005) e José Gimeno Sacristán (1998, 2013) que vão dar arcabouço teórico para os tipos de discussões sobre o tema, além de corroborar com as ideias freirianas sobre uma construção curricular na educação como construção temporal e ambiental na presencialidade.

Na pesquisa de Sales (2020), o autor traz uma autoetnografia sobre seu processo de formação, como aluno e como docente, na tentativa de narrar os processos políticos de uma formação docente que perpassa pelos entremeios neoliberais que tomam conta da educação, evidenciando a importância desta narrativa para se pensar nas estruturas educacionais e formativas, assim como estruturando novas perspectivas para as formações, tomando a narrativa autoetnográfica como importante instrumento para esta construção.

O estudo da teoria de campo “*self*” traz para a pesquisa um caminho integrado, dialético, onde as histórias e experiências dos sujeitos não são meramente estáticas ou enclausuradas individualmente, mas continuamente atravessadas por predecessores, mestres, professores, vivências, entre outros encontros, deixando o

ser Gestalt-Terapeuta aberto, sempre em construção neste campo temporal de vividos (BELMINO, 2020).

Nesta pesquisa, então, considerar-se-á a narrativa de cinco gestalt-terapeutas formadoras(es) que foram pioneiras(os) na abordagem no Nordeste do país e, particularmente, no Ceará, importantes na Gestalt-terapia, que atuam há pelo menos vinte anos e ainda contribuem com um trabalho significativo para o alastramento desta abordagem. Com as narrativas, fundamentar-se-á, de início, o processo de autorização do ser gestalt-terapeuta, conteúdo nada ou quase nada explorada na literatura gestáltica até agora, com a preocupação de dar os primeiros passos para se pensar em como o estudante ou psicoterapeuta profissional pode, em seu processo, considerar autorizar-se como gestalt-terapeuta. As narrativas irão trazer o histórico, a formação, os caminhos possíveis e, finalmente, as possibilidades de autorização, integrando-se nessas unidades de significação como processos a serem estabelecidos para tal feito.

Assim, surge a pergunta disparadora para o problema: como é o processo de se autorizar e se reconhecer gestalt-terapeuta para as(os) formadoras(os) pioneiras(os) no Ceará? Essa pergunta pode ajudar a elaborar, repensar, evidenciar e/ou criticar, mas, sobretudo, compreender de forma integrativa a vivência dos Formadores nas formações em Gestalt-Terapia no Ceará, fazendo com que esses conhecimentos se alastrem de forma estruturada no pensamento progressista, analisando e revendo erros, e implementando e aprimorando o que já vem dando bons frutos para estas formações.

Sales (2020) traz a importância da pessoa como aluno ou formador perceber sua trajetória acadêmica e formativa para elaborar novas perspectivas sobre o caminho trilhado. Para uma quebra do ensino bancário, essa perspectiva da vivência pessoal se torna imprescindível para a construção conjunta de novas perspectivas formativas para a Gestalt-terapia, abrindo espaços para que novos trabalhos acadêmicos, assim como novas estruturas de formação surjam, justificando uma temporalidade presentificada e num contexto sociocultural mais brasileiro, nordestino, com suas dinâmicas correspondentes à época e lugar em que são propostos os cursos.

Com isso, surge como justificativa um incentivo pessoal dos pesquisadores que são gestalt-terapeutas, encontrando na abordagem ética e filosófica um sentido para

a vida que constitui libertação, acolhimento à alteridade, uma educação e clínica progressiva, visando a autonomia, assim como a relação do sujeito com seu meio ambiente, além de uma proposta pragmática, podendo rever e repensar os problemas da educação no Nordeste Brasileiro, visto que ainda não se encontra pesquisas sobre formação em Gestalt-Terapia no Ceará. Concomitante a isto, o pesquisador reside em Garanhuns-PE, cidade onde a Gestalt-terapia é pouco ou quase nada disseminada, pensando assim em difundir os conhecimentos desta abordagem nestas redondezas a partir de seu local de nascimento, a saber, o estado do Ceará, sendo mister a importância desta pesquisa para a comunidade científica, sem o objetivo de findar a discussão, mas abrindo caminhos para que novas pesquisas possam complementar.

Com as narrativas, fundamentar-se-á, de início, o processo de autorização do ser Gestalt-terapeuta, conteúdo nada ou quase nada explorada na literatura gestáltica até agora, com a preocupação de dar os primeiros passos para se pensar em como o estudante ou psicoterapeuta profissional pode, em seu processo, considerar autorizar-se como Gestalt-terapeuta. As narrativas irão trazer o histórico, a formação, os caminhos possíveis e, finalmente, as possibilidades de autorização, integrando estes conteúdos como unidades de significação em processos a serem estabelecidos para tal elaboração. O item 4.4 denotará os resultados desta proposta, sem a pretensão de exaurir o tema, mas com a perspectiva de abrir caminhos para novas reflexões e pesquisas.

## **1 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1 BREVE HISTÓRIA DA GESTALT-TERAPIA**

Apesar de algumas biografias já terem sido escritas sobre Fritz Perls, Paul Goodman e Laura Perls, as origens epistemológicas da Gestalt-Terapia ainda são controversas, fazendo com que isso seja uma preocupação em vários departamentos de pesquisa na área. No Brasil, particularmente, autores como Suassuna e Holanda (2009) ressaltam a importância de retomar a história, não só da Psicologia, mas das abordagens, como a Gestalt terapia, que permeiam nesta área mundo afora.

Humores, emoções e sentimentos complexos são qualidades da gestalt. Assim, dados sensoriais combinam entre si em várias modalidades para construir uma gestalt específica para nossa percepção. É assim que o cientista pesquisador austríaco Ehrenfels define a gestalt. O autor considera o mundo como uma totalidade atomística, onde os átomos só podem ser considerados partes em relação ao todo. Assim, nossa percepção de uma cor, ou de um sentimento, não pode ser separada do ambiente total em que estas qualidades se relacionam. Por isso, Ehrenfels considera o mundo como uma unidade atômica, onde as qualidades da Gestalt não são meras combinações de elementos, mas algo novo em relação ao mundo, que existe junto com essas combinações, mas que também se distingue delas (SMITH, 1988).

Os estudos de Ehrenfels foram cruciais para estreitar os laços da Gestalt-Terapia com a fenomenologia, considerada por Suassuna e Holanda (2009), a teoria que mais se aproximou dos objetivos da filosofia fenomenológica, trazendo uma ideia de integração, confrontando os ditames cartesianos dos estudos objetivistas. Este pensamento influenciou sobremaneira Friedrich Salomon Perls.

Em 08 de Julho de 1893, nasce Friedrich Salomon Perls (Fritz Perls) em Berlim na Alemanha. Com pais judeus, enfrentou as repercussões das duas grandes guerras. Voluntariou-se na primeira Guerra mundial e, depois do terror, em 1921, terminou sua formação como neuropsiquiatra na Universidade Friedrich Wilhelm de Berlim. Sua privilegiada, em termos teóricos, vivência na Alemanha o proporcionou encontros muito caros, principalmente na teoria psicanalítica e como analisando de figuras icônicas como Karen Horney e Whilhem Reich (SUASSUNA; HOLANDA, 2009).

Reich ajudou o pensamento de Perls a deslocar a percepção dos sintomas dos conteúdos para a forma, uma atenção para o corpo, de maneira que o levou a fazer uma crítica à metapsicologia de Freud (BELMINO, 2014). Karen Horney lhe proporcionou uma compreensão mais ampla do problema da pulsão e da libido, permitindo compreender essas questões de maneiras menos naturalistas e com uma compreensão mais acurada no que diz respeito ao fundamento cultural da formação da neurose e das formas de sofrimento psíquico. Foi também por indicação de Karen Horney que Fritz se mudou para Frankfurt para estudar com Kurt Goldstein, médico

neurologista professor que trabalhava no Instituto de soldados com lesão cerebral (PERLS, 1969).

Kurt Goldstein procurava compreender os efeitos das lesões cerebrais em soldados com traumas advindo da guerra. Porém, a partir da influência dos teóricos gestaltistas, Goldstein compreendeu que a lesão não alterava somente as funções designadas por aquela parte do cérebro, mas sim toda a organização funcional daquele sujeito. Com isso, Goldstein passa a investigar o funcionamento do organismo como totalidade, a partir da ideia de que há uma capacidade intrínseca de todo e qualquer organismo vivo de reconfigurar sua experiência total a partir das relações de equilíbrio e desequilíbrio de suas necessidades em relação ao meio circundante (GOLDSTEIN, 1995).

Fritz Perls (2002) acompanha essa perspectiva de Goldstein e começa a propor uma releitura da teoria psicanalítica clássica a partir do que aprendeu com seu mestre, mas também com Wilhelm Reich e Karen Horney. É também em Frankfurt que Fritz Perls conhece Lore Posner (que mais tarde mudará seu nome para Laura Perls), uma psicóloga e psicanalista que também estava estudando gestaltismo em Frankfurt e juntos eles começam a construir novas ideias para as suas práticas clínicas. Laura Perls (2016) tinha uma forte influência das teorias existencialistas e dialógicas e procurava desenvolver pesquisas e investigações sobre a corporeidade e a arte a partir de sua prática como bailarina e pianista.

Fritz e Laura fogem para a África do Sul no período da ocupação nazista e lá fundam um Instituto de Psicanálise. É na África do Sul que Fritz Perls publica seu primeiro livro, o *Ego, Fome e Agressão: uma releitura da teoria e método de Freud* (PERLS, 2002). Neste livro, de acordo com Belmino (2020), Fritz apresenta as principais críticas que ele irá desenvolver à teoria freudiana, já propondo uma substituição da compreensão inconsciente e psíquica para uma leitura organísmica e holística, que consiga apreender o ser humano numa totalidade.

No final da década de 1940, eles se mudam para os EUA e juntamente com Paul Goodman e outros intelectuais que estavam a sua volta, fundam a Gestalt-terapia. Paul Goodman era um escritor e crítico social estadunidense, que procurava investigar as relações entre o campo político e as tendências psicanalíticas que se desenvolviam na época. Ele buscava desenvolver novos fundamentos para a sua crítica social, e, por isso, buscou ampliar as ideias desenvolvidas por Fritz e Laura

para uma nova forma de compreender a psicologia, a antropologia e a política (BELMINO, 2017).

A integração das ideias desses diferentes autores possibilita a formação de uma nova abordagem, a saber, a Gestalt-terapia. Se a ideia inicial de Fritz Perls e Laura Perls era apresentar uma releitura da psicanálise a partir de novos fundamentos, Paul Goodman amplia essas ideias dando um teor fenomenológico e pragmatista para essa compreensão (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2012).

A partir de Belmino (2017), percebemos que Goodman também amplia as ideias de Fritz e Laura sobre a neurose e apresenta uma tese política e antropológica sobre esse tema. Todas essas ideias vão ser descritas no livro Gestalt-terapia publicado em 1951 sendo constituído por duas partes. Um tomo teórico escrito por Paul Goodman a partir da influência das ideias de Fritz Perls e Laura Perls, mas também trazendo suas contribuições em torno da problemática da natureza humana a partir da fenomenologia e do pragmatismo, e um tomo experimental, escrito por Fritz Perls e aplicado em contextos educacionais por Ralph Hefferline, que era uma ampliação dos exercícios práticos que Fritz já havia apresentado na última parte de seu Ego, Fome e Agressão.

Após a publicação do livro Gestalt-terapia, é fundado o primeiro Instituto de Gestalt-terapia em Nova Iorque, que ficou sendo coordenado por Laura Perls com o apoio de Paul Goodman e Fritz Perls se muda para Los Angeles a fim de começar um novo movimento lá. Assim, durante as décadas de 1950 e 1960, Fritz acaba procurando expandir o alcance de suas ideias e começa a ter novas influências em seu trabalho. Sua abordagem experimentalista lhe permite incorporar técnicas de ampliação da consciência, *rolfing* e psicodrama aos seus estudos práticos. Ele também busca aprofundar a filosofia oriental viajando por países orientais para conhecer mais sobre suas práticas e cultura (HELOU, 2015).

Seus Workshops terapêuticos passam a ser muito procurados e muitas pessoas começam a buscar compreender e estudar o modelo técnico de Fritz Perls, o que levou a criação de muitas propostas que tinham influências da gestalt-terapia, mas procuravam misturá-la com outras práticas terapêuticas. Isso fez com que a Gestalt-terapia fosse muitas vezes confundida com o estilo pessoal de Fritz ou o uso de algumas técnicas que acabaram ficando popularizadas por ele (YONTEF, 1998).

Laura Perls se mantém em Nova Iorque e vai desenvolver sua prática clínica em consultório, mas também buscando formar novos gestalt-terapeutas tendo como fundamento as ideias estabelecidas no livro *Gestalt Terapia* assim como seu modelo de trabalho que se fundamentava no desenvolvimento do autossuporte e da capacidade de conscientização da experiência presente (PERLS, 2016).

Paul Goodman, a partir da década de 1960, abandona a prática psicoterapêutica e volta a discutir mais profundamente as problemáticas políticas e educacionais dos Estados Unidos. Seu livro *Growing Up Absurd* de 1960 ganha um enorme destaque tornando Goodman um intelectual muito influente dos movimentos de nova esquerda e de contracultura durante toda a década de 1960 (GOODMAN, 1960).

Sendo assim, a Gestalt-terapia acaba se tornando uma abordagem conhecida, porém, ela já nasce cindida. Isso porque o estilo empregado por esses diferentes autores permitiu a construção de diferentes modelos formativos e de diferentes modelos teóricos e técnicos (BELMINO, 2018).

Essa cisão inicial contribuiu para que houvesse diferentes formas de compreensão da Gestalt-terapia, desenvolvendo desde movimentos mais teóricos e preocupados com o rigor epistemológico de suas práticas propostas por From (1988), até perspectivas mais práticas e experimentalistas como a de Yontef (1998), que criticavam qualquer forma de teorização.

## 2.2 PROCESSO DE AUTORIZAÇÃO PARA A PSICANÁLISE: DE FREUD A LACAN

A história da psicanálise é marcada por revoluções nos fundamentos de sua base teórica e prática. O próprio Freud passou por várias fases em seu pensamento e atuação no trato com neurastenia, histeria, neuroses e psicoses, por exemplo, utilizando técnicas como concentração, sugestão, associação livre e hipnose. A interpretação das questões inconscientes ainda se mantém como uma prática segura na psicanálise dentre suas várias vertentes.

Uma das principais preocupações estruturais para o pai da psicanálise era sobre como um analista tornava-se analista. Que processo ele deveria passar para

traçar os caminhos de sua prática analítica e finalmente se reconhecer e se intitular psicanalista. Em um texto intitulado “Recomendações ao médico que pratica a psicanálise” (FREUD, 1912), o pai da psicanálise observa algumas atitudes fundamentadas em sua prática individual, depois de anos de experiência como médico que pensa a psicanálise, essas recomendações foram o começo para se pensar a prática e teoria no processo de se reconhecer e se autorizar psicanalista.

Para tanto, foi-se analisado um percurso de reeducação das práticas no sentido de que a psicanálise não é uma técnica a ser aplicada. Antes de virar um conceito ela era trabalho, mas que foi sendo desenvolvida junto com as observações, mudanças e análise de cada caso. Mais do que uma aplicação técnica, a psicanálise é um investimento de aprendizado, uma invenção de um saber, principalmente, de aprender a desaprender para, em cada caso, analisar seu próprio experimentar singular (PACHECO, 2023).

A primeira recomendação e, segundo o próprio autor, “a regra fundamental da psicanálise” (FREUD, 1912, p.3) é crucial para não perder, na análise com o paciente, materiais importantes para o próprio processo. Nesta direção, o analista não pode envolver suas próprias expectativas no processo, de maneira que leve o paciente a um caminho em que o próprio analista já conhece. Suspender a sabedoria pré-estabelecida como médico e tentar escutar a totalidade da história do paciente é fundamental para escutar e não se preocupar em notar alguma coisa, entregando-se totalmente à sua “memória inconsciente”.

As recomendações sobre a escrita de cada caso estão voltadas a publicações acadêmicas, para futuros estudos de análises para serem estudadas por outros analistas. Porém, que essas anotações não sejam feitas na hora da sessão, para não comprometer o processo mental voltado a escrita, perdendo conteúdo da análise enquanto anota. Freud afirma que ele anotava os casos à noite, depois das sessões, de memória, e pedia para cada analisando redigir seu sonho (FREUD, 1912).

Apesar da importância científica da elaboração desses escritos, seria prejudicial, segundo Freud, que a pesquisa começasse durante a análise, momento em que o analista deve se concentrar no processo, como um cirurgião, que se abstém de seus afetos e até da compaixão humana para ficar atento ao seu trabalho médico. O material escrito deve ser feito depois do fim do processo e deve ser reunido para pesquisas futuras (FREUD, 1912).

É de grande importância para o autor observar que as repressões não trabalhadas do analista são pontos cegos na análise do doente, pois, o analista deve estar atento a entrelaçar seu inconsciente como instrumento ao inconsciente do paciente, de modo a conseguir interpretar as repressões ocultas. Se o analista tiver repressões não trabalhadas, isso atrapalharia o processo. Freud, então, recomenda que toda pessoa que se propõe a ser psicanalista, deve primeiramente estar em sua análise pessoal, para que suas questões inconscientes sejam aliadas no processo e não impedimentos (FREUD, 1912).

A autorização dos primeiros psicanalistas seguia a recomendação do mestre. A primeira geração era pessoas formadas pelo próprio Freud e analisadas entre si ou pelo próprio criador da psicanálise. Contudo, com o alastramento e o aumento do interesse pela psicanálise, Freud propõe a criação de uma associação internacional que garanta a transmissão e formação dos novos interessados na abordagem, uma instituição que pudesse legislar, fiscalizar, regulamentar e autorizar novos analistas. Assim, a *International Psychoanalytical Association* foi criada em 1910 (ALVES, 2013).

Assim, Freud institucionaliza a formação do analista e, com isso, outros nomes importantes da psicanálise, como Jung e Sandor Ferenczi, fundam associações de psicanálise em outras cidades, a Sociedade Freudiano de Zurich em 1907 e a Sociedade Psicanalítica de Budapeste em 1913, respectivamente, entre outros alunos de Freud que disseminaram seus conhecimentos. Em um artigo intitulado *Psicanálise Selvagem*, Freud justifica a criação da IPA com duas preocupações principais: 1 – antever uma psicanálise “silvestre”, proteger os pacientes dos perigos de uma psicanálise sem a devida supervisão e formação. 2 – Repudiar a prática daqueles que dizem fazer psicanálise, mas não participava do grupo psicanalítico de formação proposto pelo mestre (ALVES, 2013).

Neste interim, o trabalho de Alves (2013) destaca que, no congresso de Budapeste em 1918, um analista vienense chamado Herman Numberg “foi o primeiro a necessitar de que todo analista fosse ele próprio analisado”. Esta afirmação que surgiu como sugestão, posteriormente virou regra nos institutos. Não demorou para que o próprio Freud endossasse essa ideia e, assim, as outras associações ficariam responsáveis para estruturar e fiscalizar essas formações, considerando o tripé de análise pessoal, supervisão e formação, assim como considerar também estudos

globais que incluíam temas como a história da civilização, a mitologia, a psicologia da religião e a ciência da literatura.

Apesar da cuidadosa preocupação de Freud com o processo de reconhecer-se e autorizar-se psicanalista, com recomendações que movimentavam centros acadêmicos rígidos, colocando o analista com um contato aproximado do analisante que não era comum na comunidade médica, as instituições educacionais ainda corriam o perigo de enrijecer o processo e burocratizar o processo de construção do analista. Por isso, a sociedade psicanalítica pós-freudiana e pré-laciana vivia um tabu, tinha um horror à universidade que queria enrijecer e padronizar à sua maneira o processo de tornar-se analista, transformando-o num processo academicista com avaliações, disciplinas, periodizações letivas, duração pré-defnida e até diploma, o que contrariava as críticas freudianas ao academicismo e as lacanianas de entender a psicanálise nas instituições acadêmicas como discurso, operando no espaço acadêmico como orientação de pesquisas, dialogando com a ciência, sem cair na querela de uma universitarização (FONSECA, 2016).

Lacan empreende esta crítica de maneira mais radical. O processo de reconhecer-se e autorizar-se psicanalista passa por processos que não podem ser abarcados a não ser metaforicamente. Os ciclos, atividades e encontros da sociedade psicanalítica para se tornar um analista não passam de um cerimonial, uma “simulação” para acompanhar seu processo, mas sabendo que não há nada de concreto que possa fundamentar sua prática. No entanto, para o mesmo autor, tudo na análise gira em torno da confiança que o analisando deposita em seu analista que, para que sustente este papel, é exigido que ele que seu ponto pivô é o seu próprio desejo, o “desejo do analista” (ARRUDA, 2012).

Esta discussão foi obnubilada pelo hiato de criação teórica da psicanálise pós Freud. Lacan preocupava-se com a falta de rigor que os sucessores do mestre da psicanálise apresentavam, sobretudo o esquecimento dos principais fundamentos da psicanálise fundamentada no inconsciente e da psicologia do ego, que retornava a ideia de um “eu” que governa o inconsciente, dominando-o, virando uma técnica de fortalecimento desse ente para o controle das emoções e afetos, a despeito das afirmações contrárias de Freud (ANDRADE JÚNIOR, 2017).

Ora, já era uma preocupação de Freud que o “eu” fosse deslocado para a teoria de que seria um mecanismo de defesa do ego em relação aos instintos pulsionais, ao

contrário do que queria a psicologia do ego que, por sua vez, colocava o “eu” como central e governante de toda estrutura da existência do humano. Mas para o criador da psicanálise, as instituições negam tais instintos que fazem de a existência ser um empreendimento propriamente humano, e, em consequência, Lacan trabalha a ideia do mestre e elabora a teoria do desejo do analista de modo a tratar as questões inconscientes como orientadoras da prática e teoria da psicanálise. É através dela que Lacan pensa uma ética para a prática do analista (ANDRADE JÚNIOR, 2017).

Esta ética pode ser desbravada, segundo Pacheco (2023), na transmissão da psicanálise que deve ser uma transmissão em psicanálise, no sentido em que não é uma aplicação onde se utilizará os conceitos, mas sim deixá-los atravessar a experiência de modo a reconhecer o novo do encontro e reconhecer-se no novo, trabalhando todo o aprendizado e experiência psicanalítica através dos estudos, da análise pessoal e da supervisão analítica, tentando ao máximo transformar esse saber em um saber de “cor”, espontâneo, arrebatando o encontro. Com tudo isto, Lacan pensa numa ética do autorizar a si mesmo, mas também através de outras coisas.

Ao criticar a burocracia das instituições de formação em psicanálise, Lacan estrutura um modelo de autorização que se baseia numa verdade a ser revelada pelo inconsciente. Esse empreendimento pode ser construído a partir do momento que o aspirante deseja ser analista. Este desejo já é um ato que, ao se revelar, ele deve decidir por um analista que, para ele, sustentará o lugar de mestre e poderá conduzi-lo rumo à verdade de seu inconsciente. Assim, poderão trabalhar seu desejo sobre essa verdade que, ao final do processo, será revelada (ALVES, 2013).

O analista que assume o papel de mestre não é dono da verdade do processo, mas sim o objeto (a) que causa o desejo do analisando, fazendo com que este se movimenta à verdade do seu inconsciente, sendo conduzido para o grande Outro que possui a verdade a ser buscada pelo analisante. Ao ser confrontado, o analisante se depara com a verdade insuportável de seu desejo, até que ele próprio de aperceberá deste movimento e seu analista perderá o posto de sujeito do suposto saber. Lacan vai enfatizar, neste ponto, o fim do amor da transferência ou, em outras palavras, a liquidação da transferência.

Então, Lacan denominará o ato psicanalítico em 3 momentos: o ato inicial que leva o sujeito a engajar-se numa análise; o ato do analista que se efetiva durante a

análise; o ato psicanalítico que se opera no fim da análise. É neste processo que, ao final da análise, o sujeito passa por seu processo do desejo inicial almejado, passando de analisante para analista (ALVES, 2013).

Para Lacan, um sujeito só se tornaria analista depois de ter passado por todo o processo de análise. Esta foi uma de suas brigas com as instituições ortodoxas que, em nome do pai (ALVES, 2013), não largavam mão das regras mais rígidas da psicanálise e culpava Freud por esta estrutura tão inexorável. Lacan fora expulso das Sociedade Francesa de Psicanálise pois criticava a maneira como eles viam a formação do analista com tantas regras institucionalizadas que, além de não ter um rigor teórico, negligenciando os principais fundamentos da psicanálise sobretudo com bases no inconsciente, mas também a hierarquia proposta por elas: Lacan não se dobrou a nenhum veterano da psicanálise, mas sim, apesar de todas as críticas, seguiu os ensinamentos sobre o inconsciente de Freud.

Como resultado de seu embate contra a *International Psychoanalytical Association* (IPA), Lacan elabora sua própria teoria e prática de formação de analistas, e destaca que, não se pode autorizar um analista com regras rígidas e ortodoxas, produzindo *semblantes* que apenas imitariam os analistas didatas, mas sim, o analista se autoriza por si só e por outras coisas. O que não quer dizer que ele não precise de um processo junto a uma comunidade que pense com seriedade a psicanálise, mas que deve passar por todo o processo descrito, desde seu desejo de ser analista, colocar um mestre como sujeito de suposto saber, depois encontrar-se com seu desejo, a verdade de seu inconsciente e assim, junto ao processo e com os outros que participaram de seu caminho, autorizar-se e reconhecer-se psicanalista.

### 2.3 CURRÍCULO NA FORMAÇÃO DE GESTALT-TERAPEUTAS

É de importância significativa a compreensão de um currículo para os cursos de formação em Gestalt Terapia para além do que já existe. A teoria é intrinsecamente permeada pela linguagem de uma época. Assim, sua metamorfose é permanente: seus valores, teorias e paradigmas são atravessadas por novos tempos constantemente e o currículo não pode ser cristalizado, tentando acompanhar estas mudanças.

A Gestalt Terapia tem uma longa trajetória histórica, para muito antes do clássico livro “Gestalt Terapia” e vários outros desdobramentos nos tempos atuais, o que contempla um arcabouço importante para se entender o currículo da Gestalt Terapia nas formações vindouras, mas também, usando a própria teoria gestáltica de relação em que “a experiência se dá na fronteira entre o organismo e seu ambiente, primordialmente a superfície da pele e os outros órgãos de resposta sensorial e motora” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1951, p. 41), quebrando assim com a dicotomia entre o que experiencia e a experiência. Apoiando-se em Freire (2020), vemos a relação que acontece como contato deste fenômeno, o que leva a se pensar o currículo de forma relacional, junto com os educandos-educadores.

A Gestalt Terapia ultrapassa os limites da clínica individual e se constitui como uma ética com engajamento social, atingindo níveis comunitários de política e acolhimento, num processo em que o que é suposto ser dito e feito, deve ser dito e feito junto com as(os) outras(os), de maneira que haja espaço de abertura para que o estranho apareça, para que a alteridade ganhe forma mais abrangente. Para além de um projeto clínico-terapêutico, a Gestalt Terapia é um projeto crítico-social, portanto, não deve se limitar aos conceitos medicalocêntricos de psicoterapia (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012).

Assim, pensar um currículo para formação em Gestalt Terapia é pensar teoria e prática. Uma teoria que desvela novos caminhos para a formação visando uma prática engajada na sociedade circundante, de forma que seja construída junto com o educando-educador, para uma experiência relacional no processo. A ideia de currículo antecede a própria teoria que será trabalhada num curso de formação, de maneira que pensar esse currículo é descrever o processo de realidade em que o currículo está inserido, junto com os educandos-educadores que participam e participaram de processos educacionais na área para, assim, estabelecer as bases e os métodos mais adequados.

Aqui, há de se distanciar do processo de currículo como discurso, pois este pretende, apesar de tentar descrever a realidade, produzir uma noção de realidade pré-existente, uma verdade anterior à experiência, fazendo da formação um fenômeno mercadológica e industrial, o que contrapõe os princípios da Gestalt-terapia de experiência. Assim, enquanto um discurso produz seu próprio objeto de estudo, a

descrição descobre, traz à tona o que se quer estudar na realidade e na presença espacial e temporal junto com o fenômeno de estudo (SILVA, 2005).

A descrição pode então desvelar junto com o educando-educador os saberes pedagógicos da educação podendo construir novas possibilidades didáticas e de metodologias pois, sem saber o que se faz na prática e sem fazer junto com todos os envolvidos, a prática pedagógica seria uma mera repetição de hábitos aprendidos para dar respostas a alguma autoridade hierárquica que demande um certo tipo de ensino fixo, estático e bancário (SACRISTÁN, 1998).

Deste modo, poder-se-á pensar os currículos de formação em Gestalt-terapia de maneira integrativa, na relação entre o educador-educando e o educando-educador, além de verificar o ambiente em que o curso está inserido, para que ele serve e para quem, analisando aspectos do passado mas também configurando novas visões de futuro para estabelecer o que o educando-educador irá aprender, quais são suas novas habilidades que serão adquiridas e de que maneira poderia melhorar esta configuração (SACRISTÁN, 2013).

Implicar-se na realidade faz parte do estudo do currículo. Como na Gestalt-terapia, há uma mediação entre os sujeitos e o ambiente, configurando a experiência em seu aspecto temporal. Currículo é descobrir a realidade, mas é também a construir de forma que os conhecimentos e a práxis estabelecida tenham as características da cultura, do ambiente e do povo em que ele propõe intervir. Construir o currículo da Gestalt-terapia é participar desta mediação.

## 2.4 FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

A formação pedagógica que ainda permeia as instituições educativas do Brasil, em sua maioria, é orientada por um viés bancário, ortodoxo, num processo sedimentado em um idealismo vertical, hierárquico de aprendizado, onde os alunos são passivos recipientes de conteúdo, e o currículo é apenas uma estrutura pré-estabelecida pelos órgãos de poder que ditam o que se deve aprender e como se deve educar (FREIRE, 2020).

Para além disso, uma formação progressiva e autônoma constitui uma práxis dialética, numa conjugação educando-educador e educador-educando onde será construído cooperativamente a vivência deste processo. Destarte, interagindo com a instituição que, não é detentora dos domínios curriculares, mas entra na conversa para a construção formativa, dando ao professor a autonomia de ser capaz de conduzir seu projeto didático junto com os educandos, considerando a realidade socioambiental, financeira e familiar de toda a conjuntura escolar, e não apenas reproduzindo as matrizes curriculares tradicionais (DREY; GRUIMARÃES, 2016).

O que caminha na contramão das pesquisas mais desenvolvidas sobre o assunto que na verdade fragmentam como entes isolados, tanto o professor como o aluno, impedindo uma utilização dinâmica e integrativa dos processos de formação. Ora, ao desconsiderar o caráter contextual e próprio da situação de ensino, os pesquisadores desconsideram historicamente, culturalmente e geograficamente a vivência educacional dos educandos-educadores dentro da instituição educadora contida também em seu contexto sociocultural (SACRISTÁN, 2000).

Assim, a formação deve ser política, implicada na vivência e política dos integrantes, observando também os lugares onde os formandos irão atuar. Por isso, tanto o educador-educando quanto o educando-educador devem estar implicados e conscientes das instituições sociais que permeiam socialmente suas comunidades assim como ter senso crítico aguçado sobre os órgãos de poder que governam sociedades como a brasileira, as indústrias, o comércio, os bancos e afins. Para dar vazão a esse senso crítico, pode-se pensar numa construção cooperativa, que não se finda, dando abertura para novas perspectivas e novas estruturas para se pensar a formação (APPLE, 1979).

Portanto, para compreender uma formação que atenda necessidades de uma comunidade, como a Gestalt Terapia, o pesquisador deve se pautar numa abordagem que observe os fenômenos psicológicos de um ponto de vista social e cultural de maneira que se possa tratar das relações sociais tentando entender as vivências dos formandos a partir de uma realidade mais concreta. A formação, portanto, deve ser integrada com a presencialidade integrada com o tempo e lugar ofertada, para que assim possa servir de fato a comunidade de forma cooperativa com sentimento de autonomia para com os integrantes (GAMA; SCHNEIDER, 2021).

### **2.3.1 Formação em Gestalt Terapia no Brasil**

No que diz respeito ao modo como se constituem as formações em Gestalt-terapia no Brasil é importante citar o trabalho de Nascimento (2019). Esse autor procurou desenvolver um mapeamento das formações em Gestalt Terapias a partir de diferentes perspectivas. Ele procurou desenvolver um mapeamento e análise curricular nos cursos de formação em Gestalt terapia no Brasil, verificando-se que a grande maioria dos cursos se encontram nas capitais brasileiras (82,97%), enquanto apenas 14,89% encontram-se nas cidades do interior e 2,14% em institutos que tinham suas sedes em capital, mas que também ofereciam formações no mesmo instituto no interior, considerando a data da pesquisa.

Assim, as formações têm construído um rumo heterogêneo no seu currículo, teoria e prática em vários Institutos espalhados por todo país. Porém, o mesmo autor também problematiza uma realidade que atravessou muitos dos institutos de gestalt-terapia brasileiros, a saber, a mudança na legislação que impediu que vários desses institutos pudessem emitir o título de especialização, dado que a legislação do ministério da educação foi alterada, exigindo que essa titulação fosse concedida apenas por instituições de ensino superior regulamentadas pelo Ministério da Educação - MEC (BRASIL, 2018). Com isso, muitos desses institutos preferiram, então, oferecer cursos de formação livres em Gestalt-terapia, cursos introdutórios e outros tipos de especialidades. Portanto, as formações perderiam seu caráter *lato senso*, mas continuaram com o mesmo rigor teórico e formativo, sem perder a qualidade.

A importância da continuidade desses cursos se dá principalmente pelo fato de o processo formativo ser mais que certificados, ou de uma busca por pontuação em mestrados, doutorados e concursos públicos (SALES, 2020), mas também um processo formativo pessoal, uma posição no mundo como uma ética, onde se vai pensar condições de trabalho, mas também um percurso intelectual, importante para a academia, mas também para a atuação do Gestalt-terapeuta, numa perspectiva que vai além dos entremeios neoliberais.

Para o que concerne este trabalho, se torna importante entender como este processo formativo tem sido analisado pelos formadores nesses cursos de formação,

como é a vivência do educando-educador nessas instituições de ensino, para que se possa contribuir com a comunidade gestáltica, para um aprimoramento de seus currículos. Mas, principalmente, entender como esses Gestalt-terapeutas estão sendo formados, que tipos de entraves e possibilidades de melhoras eles percebem para novas formações, como é o processo de se reconhecer e se autorizar Gestalt-terapeuta, e, por fim, mas não menos importante, que tipo de Gestalt-terapia, em toda sua heterogeneidade, está sendo desvelada no território Nordeste, em particular, no Ceará.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

#### **3.1 TIPO DE PESQUISA**

Esta pesquisa qualitativa básica tem caráter descritivo e exploratório, pois pretende gerar novos conhecimentos para a ciência sem previsão para uma aplicação prática. Uma das técnicas mais utilizadas para este tipo de pesquisa visa a coleta de dados através de entrevistas e a observação sistemática. Tem como característica dominante descrever as características de determinada população ou fenômeno para assim estabelecer a relação entre essas características e o objetivo de estudo da pesquisa. A pesquisa exploratória baseia-se em construir problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. A rigidez no planejamento proposta nesse método é menor, mas a visão é ampliada, do tipo aproximativo, acerca de determinado fenômeno. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas a ponto de serem trabalhadas (GIL, 2008).

A pesquisa qualitativa caracteriza-se por debruçar-se sobre dados que não podem ser quantificados, trabalhando, assim, com um universo de significados vivenciais e um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis a interpretação que os sujeitos fazem de acordo com as vivências e interações ocorridas no meio social (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2009).

Assim, apoiado nessa compreensão qualitativa, essa pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa fenomenológica. Esse tipo de pesquisa, procura focar na descrição da vivência do ser humano como agente de sua realidade, não obstante, desapegando-se dos conceitos pré-formulados como rótulos que ciências mais rígidas têm disponíveis, permitindo ao pesquisador aprofundar-se no modo de apreensão da experiência tal como ela se mostra. A premissa é que este método lide com mais dúvidas e incertezas do que basear-se preliminarmente por rótulos (MOREIRA, 2002).

Ademais, a fenomenologia quebra com a ideia natural da centralidade da consciência, buscando dedicar-se muito mais ao processo, ou seja, às formas de experienciação do mundo. Por isso, é um método que busca compreender o percurso de vida dos entrevistados, ou com a forma de experimentação de determinado contexto, mais do que uma busca da gênese da vivência. Isso se dá porque o estudo do fenômeno é, em seu rigor, compreender aquilo que aparece, como se aparece, e isso só pode ser dado no presente. Essa característica, aberta e contemplativa, é uma não preocupação em sedimentar o conhecimento, mas viver junto com o processo, uma postura que vai ao encontro de uma pesquisa qualitativa (MOREIRA, 2002).

O método utilizado nesta pesquisa é o fenomenológico empírico que visa uma atitude sem pressupostos, dando uma sustentação apodítica para a pesquisa. É um método descritivo baseado na consciência transcendental, ou seja, na presença da relação entre observador e fenômeno estudado, retirando pressupostos e atento ao que aparece como aparece (MOREIRA, 2004).

### 3.2 LOCAL DE ESTUDO

A pesquisa foi realizada de forma on-line, combinando data e hora com as(os) entrevistadas(os) que foram entrevistadas(os) em seus locais de residência atual, visto que a distância entre as cidades em que residem e a atual condição pandêmica em que nos encontramos hoje são impedimentos para a presencialidade. Assim, o local virtual foi uma sala criada no *google meet*, onde entrevistador e entrevistadas(os) se encontravam em suas respectivas residências, em lugar reservado e confortável para entrevista.

### 3.3 PARTICIPANTES DE PESQUISA

A coleta das informações desta pesquisa foi realizada com 6 (seis) participantes voluntários que foram formadores em Gestalt-Terapia durante pelo menos 20 anos no Brasil, portanto, acima de 18 anos, sem distinção de gênero escolhidos através de busca junto com o orientador visando a importância que essas pessoas têm na história de formação e construção da Gestalt-terapia do Brasil e mais precisamente no Ceará. Desse modo, a amostra foi intencional e por conveniência, pois os participantes serão selecionados e julgados conforme característica descrita previamente, com base nesta busca.

### 3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DO SUJEITO DE PESQUISA

Como critério de inclusão, considerou-se os pioneiros formadores dos cursos de formação em Gestalt-terapia do Ceará que têm mais de 20 anos de atuação como formadores e grande importância para a história da abordagem, portanto, fizeram parte da pesquisa pessoas acima de 18 anos, que tiveram disponibilidade em participar da pesquisa. Foram cinco entrevistados de acordo com suas respectivas disponibilidades e considerando suas relevâncias, assim como pioneirismo, neste cenário.

Para os critérios de exclusão, não fizeram parte do estudo crianças, adolescentes, pessoas que não são gestalt-terapeutas, pessoas que são gestalt-terapeutas mas não têm 20 anos como atuante na formação da abordagem, gestalt-terapeutas que não participaram da construção da formação da abordagem no Ceará e/ou que não foram pioneiros neste cenário.

### 3.5 INSTRUMENTOS

Foi realizada a coleta de informações por meio de entrevista fenomenológica semiestruturada (em anexo), pelo aplicativo do *google meet*, com perguntas flexíveis e abertas às diferentes maneiras de reações das pessoas entrevistadas. Foram 3

(três) perguntas que serviram como instrumento mediador ao longo da conversa, da maneira mais espontânea possível, tomando como partida a pergunta disparadora: “Como foi para você o processo de reconhecer e se autorizar gestalt-terapeuta durante os anos como formador(a)?”, seguida de duas outras perguntas: “Como é para você ser formador(a) em gestalt-terapia atualmente?” e “Como é trabalhado por você o processo de se reconhecer e autorizar gestalt-terapeuta junto com os alunos em formação?”, o que estimulou criativamente a(o) participante descrever de forma aberta e confortável sua experiência com o intuito de compreendê-la na relação proposta na entrevista. Esse modelo possibilitou ao pesquisador analisar a existência de emoções e sentimentos, assim como dados objetivos sobre o processo de formação em Gestalt-terapia e, assim, compreender novas formas de experimentação da formação e pensar em novos caminhos para a Gestalt-terapia neste interim.

A entrevista é compreendida como uma técnica que mantém um diálogo espontâneo entre entrevistado e entrevistador, sendo possível se utilizar de várias estratégias. No entanto, o entrevistador deve ficar atento para que o participante não seja submetido a interrogações com perguntas que lhe cause desconforto (LAKATOS; MARCONI, 2003).

As autoras ainda descrevem esse instrumento de duas formas: estruturada e semiestruturada onde na semiestruturada o entrevistador possui liberdade para desenvolver e explorar mais amplamente uma questão ou situação em qualquer direção que considere necessária. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal. O aplicativo utilizado para a entrevista foi o *google meet* com gravação de áudio e vídeo para posterior transcrição, mediante a assinatura da(o) voluntária(o) do Termo de Autorização do uso de imagem e voz (Anexo C).

Para a coleta de dados, foi combinado um horário específico para cada colaborador de maneira que as entrevistas sejam individuais. O local e o tempo foram variados, pois foi visto mediante a necessidade de cada colaborador, mantendo sempre cautela e zelo para minimizar toda e qualquer ocorrência de danos ao entrevistado.

A inexistência de um planejamento rígido e da utilização de técnicas não estruturadas ou semiestruturadas para coleta de dados são características das pesquisas fenomenológicas que partem do cotidiano, da experiência de vida das

peessoas onde, dessa forma, há uma implicação maior do pesquisador frente à análise dos dados, devendo este estar consciente de seus preconceitos, livres de julgamentos, para assim ser possível minimizar as possibilidades de deformação da realidade que se dispõe a pesquisar (GIL, 2008).

### 3.6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Seguindo as normas éticas estabelecidas, este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Leão Sampaio, por meio da Plataforma Brasil. Após posterior aprovação e liberação do Comitê, foram solicitadas informações sobre as(os) seis entrevistadas(o), a fim de verificar aqueles(as) que de fato estejam dispostos(as) a participar da pesquisa. Foi definido com os(as) participantes um horário propício para a realização da coleta de informações de forma on-line.

A Resolução nº 466/2012 e 510/2016 foi considerada durante todo o processo, zelando, assim, pelos aspectos éticos regidos por ela, uma vez que os(as) participantes estavam respaldados(as) quanto a sua participação voluntária, sigilo e a garantia da plena liberdade para decidir sobre sua participação, podendo retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo algum. Todo e qualquer processo foi e será considerado o respeito pela dignidade humana, da autonomia, considerando que a relação pesquisador-participante se constrói continuamente no processo da pesquisa, de forma que esta pode ser redefinida a qualquer momento mediante o diálogo entre o encontro de pessoas, implicando reflexividade e construção de relações não hierárquicas.

O(a) participante poderia ter vergonha, se emocionar, chorar, ter medo sobre a quebra do sigilo e desconforto no momento da pesquisa, por isso, a referida pesquisa apresentou risco mínimo. Para minimizar os riscos, mesmo no ambiente on-line, a entrevista foi feita numa sala fechada, de maneira que não haja interrupções de terceiros. Além disso, foram apresentadas ao colaborador informações sobre os zelos e cuidados éticos em todo o processo da pesquisa pelo pesquisador. É mister ressaltar que, caso houvesse algum dano, desconforto ou inconveniente de caráter psicológico, a(o) participante poderia ser encaminhada(o) para um serviço de psicologia para ser acompanhada(o) no seu processo, acolhendo os possíveis desafetos que a entrevista possa causar.

Há o risco também de vazamento de dados. Como se trata de entrevista *online* que será mantida em nuvem as informações podem ser vazadas e parar na mão de terceiros que poderão ter acesso a estes. Para minimizar este risco, será colocado senhas nas pastas compactadas assim como restrição de acesso na nuvem do e-mail que foi feito na própria pesquisa. Caso o vazamento ocorra, o participante será prontamente informado, o e-mail reconfigurado ou apagado tentando ao máximo impedir o acesso não autorizado.

Quanto aos benefícios esperados com o estudo, não haverá nenhum benefício financeiro para o participante, somente contribuição para uma melhor conscientização da sociedade a respeito da natureza da construção do conhecimento científico. Apesar de os benefícios não serem diretamente para os participantes da pesquisa, os benefícios indiretos, no que consiste em ampliar a discussão na área da gestalt-terapia, trazendo novas perspectivas formativas e os próximos passos de estudos na área, vão influenciar beneficentemente o participante, pois este também é gestalt-terapeuta. Ademais, a narrativa de sua história, contada a partir de sua própria experiência na gestalt-terapia, beneficia tanto a comunidade acadêmica, que terá mais recursos de dados para pensar novos caminhos para a abordagem, quanto ajuda a disseminar o trabalho do participante que ainda atua na área.

Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), como também o pós-esclarecido e Termo de autorização de uso de imagem e voz, para que fossem lidos, analisados e assinados pelos participantes logo no contato inicial. Nestes documentos, estavam descritas as intervenções que poderiam ser realizadas pelo pesquisador, quais ações (entrevista) o entrevistado deve ser submetido e apresentar, na sua descrição, a existência de um gravador durante a entrevista. Foi também combinado que usaríamos os nomes verdadeiros dos participantes para fins de dados históricos de relevância acadêmica.

Os procedimentos desta pesquisa poderiam ser revistos de acordo com o momento em que ela foi realizada, uma vez que, na época, o Brasil vivenciava momentos delicados e incertos em relação a pandemia da COVID – 19, (co)rona (v)irus (d)isease, uma infecção respiratória causada pelo novo coronavírus.

### 3.7 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE INFORMAÇÕES

O modo de produção social através da linguagem enquanto narrativa é compreendida como interação, não é neutra e nem natural, mas é um elemento de mediação entre o ser humano e sua realidade. É também uma forma de engajá-lo em sua própria realidade, sendo assim, é vista como o lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser deslocada da sociedade, considerando que os processos que a constituem são histórico-sociais: analisar os narrativa é pensar o ser humano, história e sociedade (BRANDÃO, 2004).

Foi utilizado o método fenomenológico de Giorgi (1985) para uma obtenção de “unidades de significação” a partir da narrativa da(o) colaboradora(o) sobre sua formação, que constituíram elementos integrativos na descrição que revelam temas ou estruturas que tenham a ver com a proposta desta pesquisa, tendo como foco o processo vivencial formativo da(o) sujeita(o) no material coletado junto com os participantes. Constituiu os seguintes passos: uma leitura geral será foi de todo o material para uma apreensão do todo constituinte. Segundo, foi feita uma nova leitura com o objetivo de elencar “unidades de sentido” dentro da perspectiva que interessa este trabalho, o processo de se reconhecer e autorizar-se gestalt-terapeuta no caso. Terceiro, expressou-se o que cada unidade de sentido contém concernente ao interesse deste trabalho. Quarto, e último passo, o pesquisador transformou as unidades de sentido em síntese, fazendo uma declaração sobre elas, organizando-as em “estruturas de experiência”.

As unidades de sentido elencadas na leitura das entrevistas foram quatro: 1. Histórias da Gestalt-Terapia no Ceará a partir da Narrativa das(os) formadoras(es) pioneiras(os); 2. Formação e institucionalização dos cursos de Gestalt-Terapia; 3. Descobrimos os caminhos para autorizar-se no caminhar; 4. Reconhecendo-se e autorizando-se Gestalt-terapeuta. Depois de expressar o que cada unidade de sentido contém concernente aos interesses deste trabalho, foi feita a síntese em tópicos, fazendo declarações que as estruturaram de acordo com as experiências das(os) formadoras(es) pioneiras(os) no Ceará.

### 3.8 ENTREVISTADAS(OS): AS(OS) FORMADORAS(ES) PIONEIRAS(OS) EM GESTALT-TERAPIA NO CEARÁ

Em consonância com a construção histórica da Gestalt-terapia no Ceará, foram elencadas(os) seis participantes para a entrevista, de maneira que contemplasse a relevância para a Gestalt-terapia no Ceará e que tivessem, em sua história, um pioneirismo nas primeiras formações da abordagem no estado.

Nesta sessão, far-se-á uma breve apresentação das(os) formadoras(es), com os nomes completos e como será referenciada cada narrativa:

### **3.8.1 Maria Gercileni Campos de Araújo**

Gercileni Campos foi uma das mais importantes pioneiras na psicologia e da Gestalt-Terapia no Ceará. Nascida em Fortaleza, Gercileni se mudou para Recife para prestar e passar em primeiro lugar no vestibular da Faculdade de Filosofia de Recife, em 1973. Participou da chegada dos movimentos humanistas no Brasil em *workshops* que aconteciam, mais precisamente em São Paulo. Foi significativamente influenciada por Theresse Amelie Tellegen, docente da Universidade de São Paulo (USP) que foi uma das pioneiras a trazer a Gestalt-Terapia no país.

Gercy, para os amigos, volta para fortaleza e ministra o primeiro *workshop* em Gestalt-Terapia da capital, juntamente com Afonso Fonseca. Hoje, os caminhos da formadora encontram-se permeados pela psicanálise, mas sua contribuição e importância para a Gestalt-terapia no Estado do Ceará é indubitável.

### **3.8.2 Georges Daniel Janja Bloc Boris**

Boris é psicólogo desde 1981, mestre em educação (1992), Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2000), foi o responsável por traduzir para o português a primeira obra de Fritz Perls, o *Ego, hunger and aggression: A revision of Freud's theory and method* (1969). Produziu vários trabalhos em Gestalt-Terapia, grupos na abordagem, entre vários outros temas relevantes. É psicoterapeuta humanista-fenomenológico, professor da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), formador de psicoterapeutas e supervisor em Gestalt-Terapia, é co-fundador e coordenador do *AWARE* – Centro de Gestalt-Terapia, em Fortaleza.[1]

### **3.8.3 Maria Alice Queiroz de Brito**

Lika Queiroz (2023) é fundadora e diretora do Instituto de Psicologia da Bahia. Fez parte do primeiro grupo de Gestalt-terapeutas do Brasil, sendo influência em vários estados sendo, inclusive, uma das primeiras a trazer grupos de formação para o estado do Ceará. É membra fundadora e vice-presidente da primeira diretoria da Associação Brasileira de Gestalt-Terapia, e membra do Colégio Internacional de Terapeutas. É pioneira na formação de Gestalt-terapeutas no Ceará e, atualmente é professora e supervisora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA)[2]

### **3.8.4 Sergio Lízias Costa de Oliveira Rocha**

Sergio Lízias é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em Vitória da Conquista – BA, especialista em Psicologia Clínica, Mestrado (2000) e Doutorado (2009) em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Gestalt-terapeuta formado por Lika Queiroz e Afonso Fonseca, hoje se interessa na pesquisa de gênero, psicoterapia e cinema. Fundou o Instituto Gestalt do Ceará (IGC) em 1995, tendo sido um dos primeiros institutos formadores de gestalt-terapeutas do estado do Ceará onde desenvolveu vários cursos em Fortaleza desde a fundação do Instituto trazendo Gestalt-terapeutas de vários lugares do país.[3]

### **3.8.5 Maria de Fátima Pereira Diógenes**

Fátima Diógenes é especialista em Gestalt-terapia pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA), em educação especial pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e em psicologia clínica e do trabalho pelo Conselho Regional de Psicologia do Ceará (CRP). Formação e pós-formação em Gestalt-terapia com Lika Queiroz, atua com psicoterapia individual e de grupo, além de Terapia de Casal na abordagem da Gestalt-Terapia, tendo sido formada com Teresinha Mello da Silveira (RJ). Fundou o Centro Gestáltico de Fortaleza (CGF) e desenvolve trabalhos com histórias e contos como experimentos em Gestalt-Terapia.[4]

### **3.8.6 Maria do Carmo Latorre**

Psicoterapeuta e Supervisora clínica Especialista em Gestalt-terapia, fez formação com Lika Queiroz e com Formação em Abordagens Corporais: Terapias Reichianas, Bioenergética e técnicas afins com Formação em Gestalt-terapia com Casal e Família. Hoje dá aulas em variados institutos de formação, em particular, da Gestalt-Terapia, tanto em São Paulo quanto em Fortaleza, possuindo forte vínculo com o Centro Gestáltico de Fortaleza, cuja direção é de Fátima Diógenes, atualmente é Docente da formação plena em Gestalt-terapia e membra do colegiado neste instituto<sup>1</sup>.

## **4 PROCESSO DE SE AUTORIZAR E SE RECONHECER GESTALT-TERAPEUTA ATRAVÉS DA NARRATIVA DAS(OS) FORMADORAS(ES) PIONEIRAS(OS) DO CEARÁ**

### **4.1 HISTÓRIAS DA GESTALT-TERAPIA NO CEARÁ A PARTIR DA NARRATIVA DAS(OS) FORMADORAS(ES) PIONEIRAS(OS)**

*“Imaginação e memória aparecem numa “Gestalt” indissolúvel. As memórias são sempre inventadas, e estão para além dos fatos”  
(MENDONÇA; BRITO, 2019, p. 35).*

Memória é verbo, é dar força política de sustentação para o que se está acontecendo no presente, assim como potencializa em excitação o horizonte de futuro que atravessa a humanidade e sobretudo um tempo, Mendonça e Brito (2019) irão falar que essas memórias “são, portanto, memórias poéticas: gesto criativo” (p.35), aludindo a um dos principais conceitos em Gestalt-terapia, que é o ajustamento criativo do organismo, uma disposição afetiva corporal para ajustar-se a um tempo e espaço no qual se insere e assim criar junto com esta dinâmica, possibilidades, caminhos, ideias, atitudes e afecções, que voltam de um passado, mas de maneira inédita (PHG, 1997). Assim, a memória é uma criação, junto com um

novo tempo disposto, é uma poética política para dar ao tempo presente, a importância devida a quem já passou pela história e ajudou a sustentar os caminhos de quem a continua.

Na narrativa dessas memórias, as(os) formadoras(es) podem usar suas afecções em relação ao passado, seus sentidos, para que se possa correlacionar com o momento presente e interligar com o vindouro. Desta maneira, segundo Suassuna e Holanda (2009, p. 27):

O trabalho tenta no contato com relatos do passado, construir um quadro compreensivo da atualidade. O relato colhido é a memória da vivência individual, ou a concretização, pela fala, de uma experiência outrora vivida.

Vislumbrando o conceito de contato da própria teoria da Gestalt-Terapia, esta implicação é uma intervenção, no presente, na própria experiência de narrar elementos constitutivos do passado na tentativa de construir e compreender a própria presentificação e os próximos passos para o futuro, denotando a importância que cada um(a) teve na história dessa abordagem (PHG, 1997).

Uma das mais influentes e mais importantes pesquisadoras da Gestalt-Terapia, sobretudo no Ceará, a professora Doutora Maria Gercileni Campos de Araújo, ou simplesmente Gercy para os amigos, influenciou várias gerações. Tirou primeiro lugar no vestibular para o curso de Psicologia na FAFIRE onde foi laureada como a melhor aluna de todos os cursos naquele ano, recebendo o “Prêmio universitário Banorte”. Primeira professora de psicologia concursada e contratada para ensinar no curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) que tinha carência de professores naquela época, em 1974, época em que já ensinava na FAFIRE.

Depois de ter feito Workshop com Carl Rogers em Recife, realizou um workshop para a primeira e segunda turma de Psicologia da UFC, em 1979, junto com Theresse Amelie Tellegen, docente da USP, considerado assim o primeiro grupo de Gestalt-Terapia de Fortaleza. Em 1981, realiza o primeiro Workshop em Gestalt-terapia e ACP de Fortaleza, junto com um dos pioneiros no Nordeste brasileiro, Afonso Henrique da Fonseca, psicólogo de Maceió, tornando-se referência em

psicologia Humanista no Ceará (CAVALCANTE JUNIOR; SOUSA, 2007). Neste ínterim, Gercy fala como foi seu primeiro contato com a Gestalt:

Quando eu comecei, a primeira vez que eu ouvi falar em Gestalt-Terapia foi em 1971, 72, com Lúcio Flávio Campos que era meu professor na FAFIRE, no curso de Psicologia da FAFIRE aquela época eu era da turma... da segunda turma do curso de Psicologia, então naquela época o Lúcio Campos ele era [...] trabalhava dentro de uma concepção humanística centrada da pessoa e ele conheceu, quando foi aos Estados Unidos, a Maureen Muller [...] Maureen Müller Ohara e ela era a especialista em Gestalt-Terapia dentro daquela equipe de psicoterapeutas de La Jolla. Então eu comecei a me fascinar pela Gestalt-Terapia naquela época e, como diz o Sartre, a gente é [...] o homem é ele e suas circunstâncias, então eu fui [...] as circunstâncias me levaram para um [...] para eu me interessar, eu gostei muito, nessa época eu fazia também um grupo de formação em psicodrama triádico que tinha sido [...] era o Pierre Weil que cuidava dessa [...] lá em Minas Gerais e o Lúcio Campos tinha sido formado por ele, formado entre aspas [...] as coisas [...] elas engatinhavam naquela época (Gercy, 2022).

Para Moreira (2010), esta época configura um tempo privilegiado para as(os) terapeutas humanistas, já que foi o ápice da prática em grupos por conta da vinda de Carl Rogers ao Brasil na década de 80, trazendo tal perspectiva dos Estados Unidos e deixando seu legado junto com Maureen Muller O'hara, Gestalt-terapeuta e colaboradora de Rogers em *La Jolla*. Assim, os Gestalt-terapeutas formados nesta época tinham uma grande influência da ACP, mas também com os fundamentos da Gestalt-terapia trazidos por Maureen Muller, abrindo os primeiros caminhos para a abordagem e, através de Gercy, chegando também no Ceará.

Assim, Gercy foi orientada por uma abordagem humanista e conseguiu conjecturar um tipo de liberdade em seu trabalho, liberdade esta que a implica responsabilmente na época em que está inserida, da Bossa Nova, da Contracultura, da minissaia, do *Rock and Roll*, tomando para si valores que tinham a ver com esta revolução e liberdade, do potencial humano, situação que fala com muita alegria e nostalgia (PAIXÃO; TAMELINI; BERVIQUE, 2007).

Sobre a busca do potencial humano em suas formações, Boris lembra de como Gercy ensinava e como seu legado influenciou em sua própria maneira de ensinar:

Eu fui formado nesse modelo com a Gercileni Campos, eu dei formação com ela para profissionais da Gestalt-Terapia [...] hoje é complicada, essa questão do vivencial e do acompanhamento das pessoas, então durante algum tempo, a gente ouve das pessoas que fazem formação 'ah! Eu não vou poder ir pra aula hoje, hoje a aula é de...' não é aula! Em momento algum ou quase nenhum você tem uma exposição nossa! [...] pode ter pontualmente, ou algo a partir do que surge mas a discussão é dos textos, especialmente os clássicos da Gestalt-Terapia, em um dado momento isso vai intercalando e se misturando com as supervisões, porque a discussão teórica nos reporta a experiências concretas da clínica, tanto deles quanto nossas, e isso vai criando, não só uma consistência que eu acho que é importante, que as pessoas que não fazem formação eu acho que é difícil ter, e vai criando vínculos entre as pessoas do grupo (Boris, 2022).

O formador então lembra da liberdade criativa em Gestalt-Terapia e de sua relação dialógica junto com o educando-educador. Neste Caminho, está o ideal que se construiu nas origens da Gestalt-terapia no Brasil. Tal ideal fez com que várias pessoas se interessassem pela nova abordagem e quisessem disseminá-la pelo Brasil. Na década de 1970 houve uma grande procura pela Gestalt-terapia e várias pessoas que a estudavam se reuniam como o encontro em Boiçucanga, em São Sebastião-SP com o intuito de juntar os Gestalt-Terapeutas do país e formar o primeiro grupo nacional (SUASSUNA; HOLANDA, 2009).

Neste interim, vários institutos de Gestalt-Terapia começaram a surgir, teóricos preocupados com a história da Gestalt no Brasil montaram seus próprios institutos. Walter Ribeiro foi um dos pioneiros, fundador de Centro de Gestalt-Terapia de Brasília (Cegest, fundado em 1984), destacou-se por seu engajamento em contar a história da Gestalt-Terapia no Brasil e abrir espaço para novos institutos serem criados em alicerçando com a formatação que se tornou "o marco mais objetivo da abordagem" (SUASSUNA; HOLANDA, 2009, p.43) que são os fundamentos filosóficos (Humanismo, fenomenologia e existencialismo) e as teorias de base (Psicologia da Gestalt, teoria organísmica, teoria de campo e teoria holística). Seguindo o modelo, no Ceará Sérgio foi um dos pioneiros:

Eu terminei a formação em 90. 1990. E, deixa eu ver quando é que eu comecei. O Instituto Gestalt do Ceará se não me engano, eu comecei em 95. E eu comecei ali na Barão de Studart numa sala alugada em que eu convidava alguns professores, não tinha nada ainda assim oficializado em termo de firma, IGC, não tinha nada. Era algo muito informal. Mas teve algumas pessoas que fizeram essa formação já com o modelo de formação. Depois de um tempo, aí sim eu oficializei o Instituto, acho que não sei se foi em 98 mais ou menos, eu teria que ver, depois se você quiser, posso depois te mandar essas datas separadas, porque eu não tenho aqui exatamente em mente. Mas foi mais ou menos nessa época de 95 a 98 em Fortaleza que eu comecei um grupo. Depois eu oficializei o Instituto, ele ficou registrado, o nome ficou Igc (Instituto Gestalt do Ceará), foi fundado por mim, e exclusivamente por mim, não teve ninguém do meu lado como sócio. (Sergio Lizias, 2022).

O IGC, portanto, foi fundado 9 anos depois que o Cegest iniciou em Brasília, disseminando também pelo Nordeste brasileiro a nova abordagem, de uma maneira bem gestáltica em suas peculiaridades, começa informal, com pequenos grupos, e assim, pessoas vão conhecendo e agregando. Neste entremeio, outra formadora chegava na capital Cearense para disseminar um trabalho corporal irreverente, com fundamentos Reichianos: Maria do Carmo Latorre. Ela chegara na cidade apenas para passear, mas os rumos foram tomados de outra forma, já que, como ela narra: “Mas, segundo o meu querido amigo César Wagner, que foi meu grande anfitrião em Fortaleza, eu tomei água de coco demais em Fortaleza. Fiquei apaixonada por aquela cidade, é a minha cidade do coração.” (Maria do Carmo, 2023).

Mal sabia ela que, além de se apaixonar pela cidade, Fortaleza abriria as portas para um desenvolvimento clínico e crescimento profissional, sobretudo no que tange sua forma clínica corporal e, em particular, a Gestalt-Terapia:

Então eu fui conhecer a cidade e me apaixonei mesmo pelo Ceará! A minha amiga que me recebeu, ela era psicóloga também, mas não estava trabalhando no momento, isto foi em 1985. Ela tinha feito o curso de psicodiagnóstico comigo no Sedes. Ela falou: ‘Maria...’ – aí que o povo começou a me chamar de Maria, que aqui em São Paulo eu era Do Carmo, mas eu gosto dos dois jeitos – aí, Mariazinha falou assim: “Maria, as pessoas precisam muito do que você faz, deveria ensinar as pessoas...”. Eu, paulista, louca para ficar perto do mar, dar um tempo do clima bambolê de São Paulo, eu falei: ‘Eu acho que eu vou!’. Nessa época eu tinha uma clínica

aqui em São Paulo com os amigos, trabalhava com bioenergética junto com uma grande amiga do psicodrama e dava aula na graduação no campus de São Paulo e na Universidade de São Francisco. Eu dava aula para a pedagogia e toda a parte da educação e em Serviço Social eu dava aula de Psicologia da Saúde. A minha intenção era passar um ano... um ano e pouco em Fortaleza. Mas paixão é paixão né meu amigo! Não adianta! Eu me apaixonei por Fortaleza e não teve jeito! E aí eu passei a integrar a equipe do centro de vivências em Fortaleza, isto foi em outubro de 1986. Em pouco mais de um mês eu já estava me sentindo como uma companhia aérea em tempos de alta estação: com fila de espera com gente que ia fazer terapia comigo. Eu falei: 'Meu Deus, isso aqui é um paraíso!' (Maria do Carmo, 2023).

Compreender o movimento que Fritz Perls fez durante sua trajetória intelectual e de vida ajuda a vislumbrar como a Gestalt-terapia se alastrou mundo afora e inclusive no Brasil. O fundador da Gestalt-terapia sempre andou com revolucionários, poetas, filósofos, pessoas com outras atividades para além da psicologia e medicina. Assim, a Gestalt-terapia faz interlocuções com variadas áreas do conhecimento, sendo considerada muito importante para ficar apenas com psicoterapeutas (PRESTELO, 2001). No Ceará, além de Fortaleza, não demorou muito para que a Gestalt-Terapia fosse disseminada também no interior. Sergio Lizias fala dos primórdios dessa disseminação e como a Gestalt-Terapia começou plural:

Comecei a fazer e dar cursos no CDH – Centro de Desenvolvimento. Era um Centro que oferecia diversas atividades como Bionergética, Biodança, e diversas terapias corporais. Ai comecei a dar cursos introdutórios de Gestalt-terapia, sobre sonhos, arte etc. ai vi que as pessoas começaram a se interessar e montei, juntamente com Fatima Diógenes, um curso aberto a pessoas de diversas áreas, entendendo a Gestalt-terapia como um estilo de vida e que oferece elementos interessantes para pessoas que trabalham com pessoas, independente de ser psicólogo. Chegamos a apresentar esse trabalho em um congresso, bem na pegada dos Polsters que diziam que a Gestalt-Terapia é boa demais para ficar só no consultório. (Sergio Lizias, 2022).

Juazeiro do Norte-Ce, cidade do interior do estado, uma das maiores, fora agraciada com o movimento Gestáltico abrangendo psicoterapeutas e outras áreas

através dos pioneiros. Sérgio Lizias desenvolveu formações nesta cidade juntamente com Socorro Oliveira, Gestalt-terapeuta que atua como psicoterapeuta individual e de grupo até hoje na cidade. Esta semente fez com que vários outros centros e institutos de Gestalt-Terapia fossem criados na cidade, fazendo interlocuções com a capital, Fortaleza e, também Brasil adentro: A clínica Diálogos e A Ethos – Estudos e psicologia clínica são os dois Institutos de formação em Gestalt-Terapia na cidade.

No Ceará, os grupos de Gestalt-terapia também eram formados por afinidade sobre a visão de mundo Gestáltica, construindo Institutos e fazendo das relações de parceria entre psicoterapeutas uma colaboração que dava uma cara peculiar a abordagem no estado:

Foi mais ou menos assim que começou eu dava esse curso, e aí depois Fátima Diógenes, ela é minha irmã em termos de formação em 98, em 89, a gente se forma, em 90 com Lika. Então Lika vinha de Maceió dar essa formação em Fortaleza. E aí, tanto eu, como Fátima Diógenes, Raimundo Severo, somos da mesma turma, e aí enquanto fazíamos formação, enquanto Fatinha ficava muito envolvida com biodança, Severo também, eu estava muito envolvido com Gestalt, cheguei até a conversar com Fatinha sobre a possibilidade de a gente montar uma, um Instituto. Mas como Fatinha estava muito envolvida com Biodança, ela falou que tinha muito interesse mas que naquela época não daria para ela, e estava envolvida também com o próprio Instituto dela que era o CDH (Sergio Lizias, 2022).

Nesta época, a Gestalt-terapia estava se construindo no Ceará com as configurações pretendidas, em simbiose, com os lados Leste e Oeste dos Estados Unidos: uma mistura de preocupação e rigidez teórica sobre os fundamentos e teorização, chegando a formar institutos para as aulas teóricas, mas também práticas, que influências como a Biodança, ACP e teorias Reichianas poderiam dar, o que denota um sentido de equilíbrio entre os “Pele vermelhas”, os Gestalt-terapeutas das ruas, da intuição da expressão, e “cara-pálidas” os Gestalt-terapeutas mais institucionais, teóricos e acadêmicos (PRESTELO, 2001):

Então eu falei, então eu vou montar um Instituto, aqui tinha, tinha muita gente interessada, aqueles primeiros cursos, as pessoas

começaram a mostrar interesse e aí eu falei assim “pronto, vou formar turmas” então aí começou, mais ou menos nessa época eu acho que 95 (Sergio Lizias, 2022).

Eis o pioneirismo na construção de uma Gestalt-Terapia Cearense, agora formalizada em Instituto, Sergio Lizias, tomado, tanto pelas influências de suas parceiras(os) que influenciavam de todo o Brasil, quanto demandado no Estado do Ceará pela nova abordagem, dá a Gestalt-Terapia sua concretização em Fortaleza, formando várias turmas até hoje, mesmo que sem sua administração atualmente.

Assim, os pioneiros no Ceará tiveram suas influências marcadas por um pensamento Gestáltico revolucionário, que sempre questionava as leis e cultura vigentes. Então no Estado foi criando seus próprios contornos, com suas críticas fundamentais, porém com demandas institucionais, mas sempre com uma postura ética que se questionava sobre o que é ser Gestalt-terapeuta (CIORNAI, 1995) e quais os limites das institucionalizações:

Nós na verdade fomos convidados por 3 outras formandas de turmas atrás que queriam consultoria, a gente optou que ao invés de ser só consultor sermos sócios e fundamos o Aware, já tá... nunca sei a data, mas acho que foi em... 17? É acho que foi isso... 2017 acho. Ou foi 17 ou 18. Eu originalmente nunca quis essa coisa, embora eu dei formação há bastante tempo, essa coisa da institucionalização, mas foi muito mais por uma questão de se organizar e de sistematizar. (Boris, 2022).

Boris e suas alunas fundam o Instituto Aware em 2017 segundo site do próprio Instituto[5]. Porém, Boris já trabalhava há mais de 20 anos como formador de Gestalt-terapeutas e psicoterapeutas fenomenológicos-existenciais. Além disso, também ensinou as disciplinas voltadas para a prática fenomenológica existencial na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), assim como é orientador de mestrado e doutorado na mesma instituição, também pesquisando temas voltados a clínica humanista, gestalt-terapia e psicoterapia fenomenológica-existencial. Aqui parece haver um dilema para o formador, que nunca gostou dessa institucionalização, corroborando com o pensamento gestáltico revolucionário, contra hegemonias. Ao mesmo tempo que estava imbricado com as influências gestálticas de Martin Buber

em seu conceito de “EU-TU”, “Relação dialógica”, da experiência no entre, entrelaçando seus próprios anseios, mas também de alunas que viam na Gestalt-Terapia uma vasta importância para a comunidade acadêmica e na construção de seu tempo. 2017 não era mais o ano dos Hippies e do movimento libertário e, no Ceará, outras configurações demandavam para a época (CIORNAI, 1995).

Apesar disso, as heranças trazidas dos companheiros que montaram e lutaram por uma Gestalt “bem-dita” tornaram-se claras na construção de novos institutos. Ora, os pioneiros no Ceará estão entrelaçados temporalmente com suas influências estadunidenses e brasileiras. Tinha-se que construir e/ou reconstruir uma Gestalt-Terapia mais sólida, que não fosse uma imitação de seus predecessores - como muitos psicoterapeutas que imitavam o jeito de Perls e pensavam a Gestalt-Terapia como “a-teórica” (GOMES, 2001) - assim, o surgimento das formações tinha sua peculiaridade gestáltica:

O melhor momento, digamos assim, de estrutura do IGC foi na rua Regino [...] Eu esqueço o nome dele. É ali na Água Fria. João Regino eu acho, ou é John Regino [...] e ali começou uma estrutura muito mais sólida, então a gente já tinha funcionários e aí montamos um trabalho [...] começamos também o PAS (Programa de Atendimento Social), onde a gente atendia a população que não tinha condições de pagar o valor, tinha um valor bem acessível. E montamos também o PSIUNI, um programa de psicoterapia para estudantes Universitários, que também era um programa bem interessante, que o pessoal de Fortaleza também se queixava muito que os estudantes não tinham condições de pagar uma terapia e começou um processo bem interessante porque os alunos faziam formação, atendiam pelo PAS, a galera que realmente não tinha condições, se formava, que o tempo da formação era mais ou menos o mesmo da graduação. Às vezes você terminava, às vezes você ficava mais um ano, aí você começava a atender também, tinha também grupos de supervisão, então era bem interessante (Sergio Lizias, 2022).

Programas integrativos, que coadunavam com as perspectivas gestálticas, tanto na teoria quanto na prática. Atividades que ajudam ao que Gomes (2001) tenta ressignificar em seu trabalho a maldição na herança da Gestalt-Terapia. Assim, o IGC, fundado em 1995[6], constrói, através de sua missão, uma grade rica, com

terapeutas experientes, tanto na prática, mas também com uma carga teórica que reconstrói esta herança gestáltica e, no Ceará, toma sua forma.

A ideia de herança e passado em direção ao futuro no presente, este emaranhado temporal que subverte a cronologia cotidiana tradicional, serve para entender como esse novo movimento de instituição da Gestalt-Terapia foi se formando. Segundo Ribeiro (2019), como junto com a Terra, em um processo de ambientalidade, comunidade, conjugal, casando com a ideia de Buber supracitada, o pensamento gestáltico é um pensamento de parceria, de alinhamento, não apenas físico, concreto, mas também temporâneo, onde anseios futuros almejam experiências passadas para reconstruir a Gestalt-Terapia no presente:

Então não é incomum que surjam parcerias, o próprio Aware surgiu de uma parceria entre três formandas que nos convidaram para sermos supervisores e orientadores delas e a gente optou por formar o centro com a participação efetiva da gente e aí a gente dá formação, faz cursos, outros cursos de questões correlatas ou que acrescentam a formação, de acompanhante terapêutico, de psicopatologia e de outras questões né (Boris, 2022).

Várias questões contemporâneas surgiram como demanda para o Instituto, e, em sua contínua construção, vão surgir na caminhada, como Ribeiro (2019) traz sobre a Gestalt-terapia ser um inacabamento contínuo, aonde não se chega, mas aproveita o processo, atenta às mudanças e se ajustando criativamente às situações.

No IGC por exemplo, estas situações se transformaram de modo mais dinâmico, fazendo um intercambiamento entre Gestalt-terapeutas da época., também no caminho das preocupações que todo Gestalt-terapeuta tinha, com suas influências internas e externas, de configurar e se apropriar de uma Gestalt-Terapia fundamentada em sua prática e teoria (GOMES; HOLANDA; GAUER, 2004).

Neste sentido, o Instituto processava sua dinâmica:

Teve uma época uma vez que o IGC, não sei se o Marcus César te contou[7], mas que lá tinha uns 30 terapeutas, sabe? Muita gente atendendo, muita gente por conta dos projetos, como o PAS – Projeto de Atendimento Social – onde os clientes eram atendidos pelos alunos dos cursos de formação; o PSI-UNI – que era um Projeto para

estudantes universitários em que psicólogos que fizeram formação atendiam, e ainda os próprios diretores que atendiam particular. Era muito... bem dinâmico. E aí eu fui para Paris fazer um doutorado sanduíche, aí fiquei todo o ano de 2007, e aí acho que foi o Marcus César que assumiu nessa época a coordenação do Instituto. Trabalhava muita gente nessa época nos diversos departamentos do IGC; Silvério Karwoski, Márcio Arthoni, Marcus César, João Victor e Carol (Sergio Lizias, 2022).

Esta dinâmica e a produção de conhecimento prático e teórico da Gestalt-Terapia no Ceará corrobora com o que Gomes, Holanda e Gauer (2004) trazem como importância para a Gestalt-terapia se firmar no Brasil, com uma cara mais Brasileira e, neste caso, cearense, mas sem perder os fundamentos de suas influências sulistas e estadunidenses.

Neste mesmo trabalho, os autores trazem a grande influência da Abordagem Centrada na Pessoa na Gestalt-terapia brasileira, chegando através de Therése Tellegen, principalmente, junto com outros psicoterapeutas, que faziam grupos de encontros e oficinas práticas na abordagem. Em uma dessas oficinas Ivancko (2022) fala que Therése, considerada “um dos ‘monstros sagrados’ da Gestalt-Terapia” (p.18-19), a pede para se apresentar através de um objeto, o que servia de catarse para mostrar a dicotomia onde elas viviam, numa sociedade que coagia para um esquecimento da própria natureza, segundo a autora.

Para o Ceará, um estudioso, tanto da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), quanto da Gestalt-Terapia, trazia, para os pioneiros, este conhecimento em sua fundamentação tanto epistemológica quanto prática:

Afonso era nosso [...] meu contemporâneo, é uma grande perda. E o Afonso deu várias formações aqui no Ceará, a gente já não tinha tanto contato, mas é uma pessoa afetivamente ligada a mim e a outros colegas, até porque eu venho de um modelo, e desde minha época de faculdade, em que eu tive muito envolvimento com professores e com o próprio movimento da abordagem centrada na pessoa (Boris, 2022).

Segundo o site do Instituto de Gestalt-Terapia e atendimento familiar do Rio de Janeiro[8] e a nota de pesar do CRP 23 de Tocantins[9], Afonso Henrique Lisboa da

Fonseca nasceu em Maceió, estudou a Abordagem Centrada na Pessoa diretamente com Carl Rogers, na Califórnia, Estados Unidos e dedicou-se a ensinar e formar psicoterapeutas nessas áreas em institutos e cursos de formação em todo o país. Influenciou significativamente os pioneiros do Ceará. Foi a óbito no dia 24 de junho de 2020.

As influências na Gestalt-Terapia cearense foram constituindo formas e lugares nos Institutos que tinham objetivo de criar um espaço de aquisição e produção de conhecimentos na área da psicologia, especialmente na clínica. Assim, vários personagens foram agregando a esta história, como no caso do IGC:

Aí quando eu voltei do doutorado sanduíche, e aí eu tive que defender a tese em 2008 e aí surgiu um concurso na UFG na Federal de Goiás, no campus de catalão, que hoje já é uma Universidade independente. E em 2009 eu fui para lá. Então, o meu vínculo com o instituto foi diminuindo, eu às vezes ainda visitava Fortaleza, cheguei a dar alguns módulos, mas foi diminuindo ao ponto que depois o Silvério, não me lembro exatamente quando foi que ele entrou, ele estava voltando de Uberlândia, saiu de Uberlândia, e eu ofereci para ele uma parte da sociedade e, depois, quando eu vi que eu estava em outro rumo, eu falei assim “ah eu vou, já que o Silvério estaria assumindo” aí vendi as minhas cotas e Silvério assumiu o Instituto, eu acho que mais ou menos essa época aí 2009, 2010 por aí (Sergio Lizias, 2022).

A liberdade criativa da Gestalt-Terapia e a sua capacidade de adaptar o meio e as relações a seu próprio potencial criativo, dá espaço para que esses acordos e flutuações nos Institutos aconteçam de forma livre. Sergio Lizias, assim como fez Tellegen, em suas idas a Londres como destaca Esch e Jacó-Vilela (2019), buscara outras influências para a formação, não só na Gestalt-Terapia, mas no âmbito da arte, sendo influenciado e influenciando por onde passa através dos fundamentos e novas leituras contemporâneas gestálticas.

Já no Instituto Aware, Boris ressalta a importância das fenomenologias de Husserl e de Brentano (Boris, 2011), como uma ênfase no esquecimento deste por muitas formações e graduações:

Eu costumo começar algumas palestras e aulas assim, perguntando às pessoas: “quando é que começou a psicologia?”, e aí vem aquela história, os alunos não querem se expor muito, mas eles vão: “é foi Wundt...”, mas o que começou aí foi “UM” modelo de psicologia, que se dizia científica, o que ela descartou? Exatamente a filosofia, a metafísica, as reflexões, que eram limitadas, sem dúvidas, mas existia outros caminhos, aí eu vou falar de Brentano, de Husserl [...] e as proximidades (Boris, 2022).

Assim, Boris, como formador Pioneiro, dá outra cara às origens da psicologia, alimentando no Ceará a filosofia destes autores supracitados (Boris, 2011) contribuindo para uma Gestalt-Terapia não focada somente na técnica, sem desconsiderar a importância desta, mas desenhando os fundamentos filosóficos muitas vezes esquecida ou não dada com tanta importância.

Esta preocupação não é recente. Desde a origem, a Gestalt-Terapia tinha como um dos objetivos de disseminação, de não ser mais uma psicologia técnica e puramente experimental. Mesmo assim, seus criadores, ao fazer dois volumes do livro “*Gestalt-Therapy: excitement and growth in the human personality*” (1951), sendo o primeiro o embasamento teórico e o segundo experimentos comentados das práticas de Perls e Hefferline, trocaram a ordem dos volumes, colocando os experimentos no início em prol de tornar o livro mais comercial (PRESTELO, 2001).

Ora, isso fez com que se disseminasse uma visão distorcida da Gestalt-Terapia, como se sua base residisse numa série de exercícios com, inclusive, “autoterapia”, e fez com que alguns grupos se diversificassem na abordagem:

Naquele texto da Jean Clark Juliano ‘Origens, ideias e tendências da Gestalt Terapia’ hoje ela tem um nome, mas em 91 ela apresentou esse trabalho, que ela faz um histórico da Gestalt-Terapia de como ela chegou no Brasil e ela cita três Gestalt’s, que estava nos Estados Unidos, a Gestalt-Terapia da cabeça, que era o grupo de Nova York, que estava teorizando muito dentre, e aí [...] Paul Goodman [...] era em Cleveland, Cleveland na verdade. E aí a Gestalt Visceral, que era Fritz Perls lá na Califórnia Esalen, que onde ele trazia de fato essa Gestalt assim mais confrontativa que [...] e aí tinha o grupo de São Francisco, que é o grupo dos Polster, Erving e Miriam Polster (Sergio Lizias).

Juliano (2004) mostra que, entre 1952 e 1970 desenvolveram-se dois modos distintos de se trabalhar a Gestalt-Terapia: a “Gestalt da cabeça” desenvolvida e praticada em Nova York e a “Gestalt visceral”, que tinha sua geografia californiana. Estas duas tendências traziam à tona a velha guerra entre o pensar e o fazer. Perls, que fomentava o estilo visceral, tinha uma maestria reconhecida em identificar o que seus pacientes necessitavam, usando da intuição, para colocar no ato a terapia.

A autora ainda traz que Zinker e Sonia Neves, fazendo uma espécie de mediação no conflito entre esses dois estilos, desenvolvem um terceiro: “A Gestalt do coração”, que vai desenvolver uma integração da *awareness* junto com a ação, focalizando para sua maneira de entrar em contato “uma atenção particular é dada à ação, não só como instrumento da *awareness*, mas também como representante da ligação entre o sistema sensorial e o motor” (JULIANO, 2004, p. 8).

O famoso casal Polster também participam desse modelo de terapia, mudando-se para *San Diego, California*, influenciando diretamente o Brasil:

Esse grupo, que tinha Jean categoriza digamos assim como a Gestalt do Coração, então era a Gestalt da cabeça, a Gestalt Visceral de Perls e a Gestalt do coração de Erving e Mirian Polster. Foi essa Gestalt do coração que também digamos assim, ela foi muito receptiva aqui no Brasil, porque combinou mais com o estilo brasileiro, essa Gestalt mais [...] não é uma Gestalt amorosa, mas é uma Gestalt do coração em que está lá presente Buber, esse respeito pelo tempo do outro, ao mesmo tempo terapeuta criativo, dinâmico, e tal, com esse livro ‘Gestalt Terapia Integrada’, que ali tem assim, digamos, o modo de trabalho em Gestalt-Terapia que eu sinto que foi muito mais receptivo aqui no Brasil do que os outros estilos. E Lika tinha esse estilo, esse estilo mais, digamos assim, mais do coração, sem ser essa coisa romantizada e tal. Eu acho legal porque eu peguei esses dois estilos, o estilo da Lika e o estilo do Afonso. Sendo que eu sinto que [...] e acabei também, depois naturalmente, desenvolvendo meu próprio estilo, meu próprio modo de pensar a Gestalt-Terapia, considerando também essas influências que eu recebi (Sergio Lizias).

O formador relata como essa divisão e diversidade de modelos na atuação também foram característicos no Brasil e no Ceará, ao mesmo tempo que, tanto as influências passadas, como as diretamente de sua época, construíram uma atuação

na Gestalt plural, deixando várias marcas e conhecimentos de várias perspectivas e Gestalt-terapeutas.

Muito pertinente como as teorias clássicas da Gestalt-terapia chegaram no Ceará. Só tinha livros em inglês, mas o sentimento ávido por conhecer esta nova abordagem, minado com o sentimento de contracultura e contra ditadura na época, fez com que um dos pioneiros se empenhasse em traduzir uma das primeiras obras emblemáticas de Perls (2002):

Já dava aula na UNIFOR sobre isso, tinha começado essa história da filosofia, eu comecei dando 'Sistemas e teorias em psicologia', tinha, eu costumo contar que eu engolia filosofia um dia e vomitava para os alunos do jeito que eu conseguia articular [...] Eu pedi a meu pai que buscasse comprar nos Estados Unidos e eu recebi o 'Ego, fome e Agressão' e o 'Gestalt Therapy' e eu comecei, como era um texto mais antigo, eu comecei a fazer uma tradução que iria ser o meu trabalho. Nessa formação tinha a pretensão de ter um trabalho final. Que eu acabei nem fazendo. Às vezes eu acho que eu acabei fazendo muito mais depois. E eu traduzia e levava para a formação, e discutia, era novidade! (Boris, 2022).

Hoje a comunidade acadêmica pode contar com a obra "Ego, fome e agressão: Uma revisão da teoria e do método de Freud", de um dos principais autores da Gestalt-Terapia, graças ao árduo trabalho de Boris concomitante a seu interesse em desbravar mais a teoria. Mas não foi simples, a trajetória até o trabalho ser feito e até ser publicado foi complicado devido às limitações burocráticas da época:

Era um texto em inglês, isso parou várias vezes, e eu, meio obsessivo continuei, até que eu concluí a tradução, mas, aí eu digo 'o que é que eu faço?', 'vou publicar né?', 'como é que faz?', não sabia! Escrevi para a Editora, do livrinho que eu tinha [...] nenhuma resposta! Escrevi uma segunda vez dizendo: 'mais uma vez, *again*', peguei o mesmo texto e coloquei '*Again...*', aí me responderam que a Editora original do livro que era de 1969, um ano antes do Fritz morrer, foi publicado nos Estados Unidos, não existia mais, e que talvez eu pudesse saber alguma coisa, uma outra Editora, aí fiz o processo tudo de novo, não me respondem, tentei segunda vez, aí me responderam dizendo que quem tinha os direitos da publicação era o filho do Fritz, mas como eles não se davam mais bem, quando Fritz morreu, e ele meio que [...] não sabia se ele tinha algum interesse nisso, mas quem tinha os direitos para publicação no Brasil era o Schlesinger, acho que era o

Schilesinger, lá da Summus. Mas aí ficou [...] ‘o que é que eu faço?’. Eu não queria... não era uma coisa ‘ah, você publicou isso...’, não, eu publiquei não, eu traduzi, quem publicou... não sou autor do livro, eu sou o tradutor! E aí uma vez a Lilian Meyer Frazão teve aqui no Ceará e eu levei o ... né? Encadernei, todo. Era datilografado com corretor [...] daqueles ... mostrei à Lilian, ela ficou encantada, porque até então, que se dizia: “é um livro antigo, é de psicanálise, é muito complicado...” acho que é uma evitação de entrar em contato [...] o livro é essencial para [...] não é nem um texto pela sua correção, mas é porque você consegue visualizar a transformação do que era psicanálise, do jeito que o Fritz compreendia, e há quem faça restrições a isso, ao que ele propôs, que ele chamou de terapia de concentração, que viesse a se chamar Gestalt-Terapia. E aí a Lilian Levou para a Summus, eles resolveram publicar o livro, fizeram uma revisão técnica, mas tá lá minhas notas de rodapé, e outras questões, o cerne tá lá (Boris, 2022).

Eis as origens dos primeiros passos que o formador deu para que se tenha em primeira mão a tradução dos inícios da Gestalt-terapia, como ela era pensada como uma releitura da psicanálise e, nesse interim, ela chega no Ceará com estes desafios e debanda para todo o país que já tinha as traduções de “Tornar-se presente”, “Gestalt-terapia explicada” e “Isto é Gestalt” traduzidos entre 1976-1977 (CIORNAI, 1995).

Resgatando os conceitos filosóficos fundamentais da Gestalt-terapia, Ciornai (1995) lembra que a “*Awareness*” se dá no presente, mas seu objeto é temporal, atravessado por um passado em direção a uma possibilidade. A construção da Gestalt-Terapia no Ceará teve como correlato a influência de pessoas muito importante para a jornada dos formadores pioneiros, como conta Sergio Lizias:

A Socorrinha me ajudou muito, a gente trabalhou muito junto, e são duas pessoas que eu queria dar destaque como companheiras dessa jornada, que é a Socorro Silva e a Lirian Mascarenhas, que estavam nessa época ai do início do IGC. Ai em 1997 organizamos o III Encontro Nacional de Gestalt-terapia em Fortaleza. Nessa época um pouco antes entrou Aline Ribeiro que ajudou bastante o Instituto e foi uma parceirona na organização das turmas de formação e no Instituto como um todo. Nessa época do Encontro Nacional, e que também ajudou na organização, foi o Márcio Arthoni, Marcio também é outra

figura assim que é um grande amigo também e que também ajudou muito o IGC. Teve uma época também que quase Márcio também entra como sócio, ele até se arrepende 'Serjão, eu deveria ter entrado com você'. E aí depois de Márcio que chegou Marcus César, João Vitor e Carol. Então em primeiro lugar estão Socorrinha e Lirian, depois Aline e Gláucia, Márcio e depois Silvério e depois de um tempo chega esse trio fantástico, um trio maravilhoso que é Marcus César, João Vitor e Carol. E depois também cada um, parece que cada um deles vai para um caminho diferente, mas são muito amigos ainda, são figuras fantásticas. E em termos de início ainda, é como te falei, a minha amizade, a minha relação com Fatinha, Fatinha Diógenes, mas assim, de lembrar de pessoas que foram importantes nessas jornadas, eu acho que em termos cronológicos vem daí (Sergio Lizias, 2022).

O campo temporal que é apresentado por essa dinâmica de *Awareness* é retratado pelos formadores e esta ligação é constituída em laços que vão formando a Gestalt-Terapia no Ceará:

Eu fico pensando muito no conceito de campo. O campo organiza muito direitinho as coisas. Sergio Lizias foi meu colega de formação em Gestalt-Terapia e nós fizemos juntos o primeiro treinamento na abordagem Gestáltica para multiprofissionais. Apresentamos inclusive no congresso lá em Floripa. Nécia minha querida professora e o Georges foi meu colega de turma (Fátima Diógenes, 2022).

O conceito de *awareness* faz parte da teoria de campo do *self* gestáltico, que denota uma abrangência temporal dos vividos nas relações que são interconectados por uma subjetividade intersubjetiva e percorrem cada vivência numa temporalidade de fluxos passados e potenciais e orientam essas vivências de forma inédita (MULLER-GRANZOTTO & MULLER-GRANZOTTO, 2004). Portanto, o campo que Fátima Diógenes fala atravessa sua história de forma espontânea e inédita, mas constituindo os laços da Gestalt-Terapia no Estado.

Assim, Gercileni Campos (Gercy) pode ser considerada a pioneira desta construção no Estado do Ceará. Todos os pioneiros aqui trabalhados passaram por ela de alguma forma, seja como alunos, seja como colegas. Ela trouxe, junto com

Theresse Amelie Tellegen o primeiro Workshop de Gestalt-Terapia para a primeira e segunda turma de psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) em 1979, dois anos após ter participado de um Workshop em que Carl Rogers era integrante. Em 1981 ela se junta com Afonso Henrique Lisboa da Fonseca para realizar uma oficina de Gestalt-Terapia e ACP, influenciando, pelo menos, duas gerações inteiras de psicólogos(os) no Ceará (CAVALCANTE JUNIOR, 2007).

Gercy comenta a importância de ter ido buscar em São Paulo novas fontes de conhecimento na abordagem:

Nessa época eu estava em São Paulo que eu estava fazendo o mestrado, depois vim para cá para Fortaleza, onde eu era professora da Universidade Federal do Ceará, fiz concurso. Primeiro eu ensinei em Recife. Pode ser que isso esteja meio confuso para você! (risos). Mas eu depois posso dizer novamente. Primeiro eu fiquei ensinando em Recife quando eu me formei, formei em 73, depois eu fiz o curso para Fortaleza e comecei a [...] passei [...] vim ensinar em Fortaleza em 75 num curso de Psicologia que estava iniciando (Gercileni Campos, 2022).

Gercy foi a primeira psicóloga contratada como docente do curso de psicologia da UFC que, por sua vez, fora fundado em 1974. Logo depois, ela se interessou no Mestrado e, assim como a conclusão de formação das turmas, deu espaço e legado para novos professores serem contratadas(os), apesar da precariedade de recursos (CAVALCANTE JÚNIOR, 2007). Neste contexto, Gercy fala de alguns trabalhos importantes que teve junto à grandes influências na psicologia e Gestalt-terapia:

Eu ainda estava fazendo mestrado, mas eu vim nas férias com a Therese para Fortaleza e a gente deu através da UFC, ela contratou a Therese para fazer um Workshop com as duas primeiras turmas de psicologia que estavam respectivamente eu acho que estavam no terceiro [...] no segundo e no terceiro ano, alguma coisa assim. Então, a coordenadora do curso era Gláucia, coordenadora do curso de Psicologia e nós fizemos esse Workshop lá na Universidade, a Therese eu em [...] eu acho que em 78 (Gercileni Campos, 2022).

Na entrevista para Cavalcante Júnior (2007), Gercy fala sobre a precariedade, tanto dos estabelecimentos prediais dos cursos de psicologia em Recife que teve de enfrentar na época, quanto das(os) poucas(os) psicólogas(os) que havia ainda na cidade, mas que não tiravam o vigor e o ímpeto de fazer seu trabalho tanto na psicologia quanto como professora, o que deixou um legado de extrema importância para o Ceará:

Uma entrevista dela do Cavalcanti Júnior. A Gercy nunca produziu muito escrito, ela é de outra época, embora ela tenha muito a dizer, nos ensinou e assim, o Gestalt-terapeuta que eu sou tem muito a ver com o que eu aprendi com ela, inclusive esse modelo de Gestalt-Terapia que é mais dialógico, quem tem influência da ACP que provém da Amorim Ohara, que trabalhava com Rogers, morou no Braisl, esteve aqui mais de uma vez. Eu tenho matéria de jornal, eu bem recém-formado, Amorim, que hoje tá com setenta e poucos anos, ativíssima, embora ela trabalhe com questões mais ecológicas hoje, e a Therese Tellegen que eu cheguei a conhecer, embora não tenha tido nenhuma experiência tão próxima, mas, assisti palestras lá na UFC, que é uma holandesa que tinha uma experiência com Psicodrama, e que foi quem publicou, essa é a dissertação de mestrado dela, que é o 'Gestalt e Grupos' (Boris, 2022).

Boris enfatiza a importância de suas influências na Gestalt-Terapia, com destaque para Gercy, que participou de grupos e oficinas com Carl Rogers e, logo após, com a Maureen Muller, onde formou boa parte de sua fundamentação teórica e prática clínica na Gestalt-Terapia (CAVALCANTE JÚNIOR, 2007).

Assim, estas influências fizeram parte da narrativa da Gestalt-Terapia na vida de Boris, de maneira a revelar uma história entrelaçada em seus encontros com outras(os) formadoras(es) e profissionais transformando sua narrativa em uma crônica que se esforça por traduzir seus caminhos históricos na Gestalt e como professor (MENDONÇA; BRITO, 2019).

Os caminhos para a docência se revelaram neste interím:

Eu vim a ser professor meio que por acaso também: 'ah! Vai ter uma seleção da Unifor' e eu tinha um colega que fez formação em psicodrama triádico, era professor de administração e foi convidado pela Unifor para montar o curso de Psicologia e ele chamou os colegas da época da Federal pra pensar o curso e eu participei e aí

teve a primeira vez que a Unifor tentou seleção foi em 84 pra 85 e o programa era fenomenologia existencialismo e humanismo, e lá vou eu, fui estudar com um colega, concorrente, que fez formação em psicodrama triádico, e aí quando me ligaram disse 'foi você' 'e aí?'. (Boris, 2022).

Mendonça e Brito (2019) trazem que, ao relatar uma história, ela não é apenas do narrador, mas de todos os personagens que a compõem, relembrando o processo fenomenológico gestáltico da intersubjetividade temporânea, que intercala várias histórias e vivências juntas com a que está sendo narrada. Boris também fora influenciado por suas colegas e formadores assim como os cursos de formação que eram propostos na época.

Mas, a maneira que se herda os conhecimentos, particularmente aqui da Gestalt-terapia, não pode ser vista como uma repetição dos predecessores nem uma imitação da época, visto os novos desafios da contemporaneidade (GOMES, 2001). O que pode ter remetido à Fátima Diógenes ter tantos caminhos de influências herdadas no seu processo histórico de autorização no Ceará:

Eu comecei o meu estágio na Universidade foi na TCC, para você ter uma ideia, Teoria Cognitiva Comportamental, porque não tinha estágio em Gestalt-terapia, só isso. Nós vimos de uma forma muito *en passant*, muito superficial. Naquela época a grande ênfase era no Psicodrama e na Psicanálise obviamente que já existia dentro da Universidade e também estava chegando o pessoal da [...] do Rogers, da terapia Rogeriana, ACP estava chegando também em Fortaleza. Então a Gestalt não tinha chegado ainda. Por que? Porque a Gercy tinha viajado para fazer o Doutorado dela em São Paulo. E a Gercy conheceu, ela deve ter dito, lá em São Paulo. Ela conheceu a Gestalt Terapia lá em São Paulo. Então a minha formação inicial foi essa. Eu terminei a faculdade em 1980 e só em 89 que eu conheci a Gestalt-Terapia e foi um encontro fascinante para mim, porque eu encontrei na Gestalt tudo o que eu já buscava, que era a liberdade, e principalmente a liberdade de criar (Fátima Diógenes, 2022).

Gercy era uma viajante, sempre buscando conhecimentos e experiências para trazer para suas “herdeiras” (p. 113), assim como o “pai” dessa herança (p.113) fazia nos Estados Unidos, Perls viajava para enriquecer seus conhecimentos experimentais em Gestalt-Terapia, mas também assim como sua “mãe”, Laura Perls

(p.113) busca um esforço intelectual, organizando e transmitindo seus conhecimentos teóricos, sobretudo de seu Doutorado e do encontro com o grupo de Rogers, quebrando então com a dicotomia polarizada sobre o trabalho de corpo ou de mente (GOMES, 2001).

Nesta perspectiva gestáltica e fenomenológica, esta dicotomia é suspensa em prol da descrição narrativa de como as(os) formadoras(es) pioneiras(os) colocam-se em seus relatos na história da Gestalt-Terapia no Ceará com uma fala livre e espontânea (SUASSUNA & HOLANDA, 2009, p. 48).

Destarte, Gercileni Campos traz sua memória sobre os primeiros contatos com a Gestalt-Terapia:

Quando eu comecei, a primeira vez que eu ouvi falar em Gestalt-Terapia foi em 1971, 72, com Lúcio Flávio Campos que era meu professor na Fafire – Centro Universitário Frassinetti do Recife, no curso de Psicologia da FAFIRE aquela época eu era da turma [...] da segunda turma do curso de Psicologia, então naquela época o Lúcio Campos ele era [...] trabalhava dentro de uma concepção humanística centrada da pessoa e ele conheceu, quando foi aos Estados Unidos a Maureen Muller [...] Maureen Müller Ohara e ela era a especialista em Gestalt-Terapia dentro daquela equipe de psicoterapeutas de La Roya. Então eu comecei a me fascinar pela Gestalt-Terapia naquela época e, como diz o Sartre, a gente é [...] o homem é ele e suas circunstâncias, então eu fui [...] as circunstâncias me levaram para um [...] para eu me interessar, eu gostei muito, nessa época eu fazia também um grupo de formação em psicodrama triádico que tinha sido [...] era o Pierre Weil que cuidava dessa [...] lá em Minas Gerais e o Lúcio Campos tinha sido formado por ele, formado entre aspas [...] as coisas [...] elas engatinhavam naquela época (Gercileni Campos, 2022).

Importante a afirmação da formadora pioneira em contextualizar como as coisas ainda funcionavam, diferente de hoje, uma época globalizada e acelerada, de maneira lenta e gradual, foi se formando uma Gestalt-Terapia no Ceará com estas influências históricas, o que permite compreender seus desdobramentos contemporâneos fundamentados em outras epistemologias como psicodrama triádico[10] e a concepção humanística centrada na pessoa (SUASSUNA; HOLANDA, 2009).

Com esta miscelânea de influências, a Gestalt-Terapia no Ceará foi tomando uma forma de uma abordagem para a liberdade criativa, de experimentos e de criação junto com os formandos (ESCH; JACÓ VILELA, 2019, p.13), e assim fazendo parte do processo de autorização das(os) formadoras(es) pioneiras(os) e de suas(eus) alunas(os):

E exatamente nesse sentido, nesse crédito sabe? Acho que, quando o facilitador, o professor, o instrutor que estiver na Gestalt-Terapia, sei lá, o formador, ele tem esse crédito de confiança, rapaz, parece que só precisa disso, o outro mesmo não sabendo vai encontrar. Vi uma menina dizendo assim 'eu nunca tinha me dado conta do quanto que eu sei intervir bem em Gestalt-Terapia', eu falei 'de boa, exatamente isso, você intervém muito bem' (Sergio Lizias, 2022).

A liberdade trazida por Sergio Lizias possibilita perceber como, na relação, o trabalho de confiança se dá na interrelação entre formando e formador no processo de autorização, tanto do formador, quanto de sua formanda, um processo que leva tempo, e não tem um período exato de constatação:

Não sei precisar o tempo mas acho que eu levei uns dez anos para me autorizar dar aula dentro das nossas formações. Porque eu sou muito exigente comigo mesma, muito mais do que sou com os outros, então é uma característica pessoal que às vezes me mobiliza quando eu me deixo transformar isso num perfeccionismo. (Fátima Diógenes, 2022).

Por isso, torna-se imprescindível pensar as formações em Gestalt-Terapia para identificar, analisar e compreender que formando se quer e como a autorização para ser e se reconhecer Gestalt-terapeuta se dá na existência do estudante. Apesar da notável influência da pioneira formadora em Gestalt-Terapia, Therese Tellegen [11], que deu início aos primeiros trabalhos escritos sobre a abordagem além de fazer vários trabalhos experimentais de formação, outro nome se sobrepõe neste trabalho com uma fala mais frequente principalmente de Gercileni Campos: Maureen Muller, com a qual alguns(as) das(os) pioneiras(os) no Ceará participaram de trabalhos em conjunto.

A figura de Maureen Muller Ohara se destaca principalmente por participar, junto com Carl Rogers, de trabalhos no Brasil, trazendo com mais foco o trabalho de grupos em psicoterapia, fazendo este trabalho em diversos estados brasileiros, grupos que “[...] se mantiveram de 1978 a 1981” (ESCH; JACÓ VILELA, 2019, p.13).

Sobre esta época, a pioneira Cearense destaca a influência contemporânea das duas importantes Gestalt-terapeutas:

Eu sei que quando a Maureen esteve no Brasil e um ano depois [...] e depois eu fui para São Paulo, lá eu conheci a Terese Tellegen, minha colega de mestrado, ela foi, em psicologia clínica e também veio a ser minha mestra professora num curso de Gestalt-Terapia que naquela época era Gestalt-Terapia e Reich (Gercileni Campos, 2022).

Além das influências rogerianos, que chegavam a confundir as pessoas na época sobre sua semelhança com a Gestalt-Terapia, o Instituto Sedes Sapientiae também abriu cursos de Gestalt-Terapia e Reich no ano de 1976 (ESCH; JACÓ, 2019). Assim, Gercileni Campos traz demarcada sua trajetória por essas abordagens e como elas moldaram a Gestalt-Terapia cearense.

Maureen Muller fora indicada como um nome de destaque para a construção da Gestalt-Terapia brasileira por John Wood que, assim como Maureen, fazia parte da equipe de Carl Rogers. John Wood casou-se com uma brasileira, estreitando laços com o país e trazendo Maureen Muller para os trabalhos em Gestalt-Terapia (SUASSUNA; HOLANDA, 2009).

Neste sentido, Gercileni Campos lembra de alguns desses trabalhos:

Então, nós fizemos alguns Workshops com a Maureen Müller e aí, o que aconteceu? As pessoas... primeiro esses encontros foram em São Paulo, depois Sucanga e depois Poá, depois foi em Brasília, foi em Minas Gerais em Belo Horizonte, eram anuais, ou semestrais, eu não me lembro direito (Gercileni Campos, 2022).

Talvez por esta razão que Gercileni Campos tenha uma abordagem que interage tanto com a Rogeriana, visto que Maureen fazia suas oficinas pelo Brasil intercalando as duas epistemologias como chamando de “Gestalt-Terapia Centrada

no Cliente”, transformando a Gestalt-Terapia brasileira numa forma bem peculiar dessa junção (SUASSUNA; HOLANDA, 2009).

A abordagem Rogeriana era fortíssima e isso implicou que vários psicólogos que não queriam ir para as abordagens comportamentais nem para a psicanálise eram atraídas(os) pela terceira força, a humanista, mais especificamente a Abordagem Centrada na Pessoa (SUASSUNA; HOLANDA, 2009). Lika Queiroz relata sobre sua identificação nesta força:

É muito interessante isso porque o buscar a Gestalt-Terapia para mim [...] eu era da abordagem centrada e eu fiz o treinamento com a equipe do Rogers, o Carl, e fazia parte da equipe dele a Maureen Muller, e aí quando eu vi a Maureen Muller trabalhando eu me identifiquei com o jeito do trabalho, então eu disse: ‘é isso que eu quero!’ e a gente convenceu ela, meu marido na época Eduardo Bandeira e eu propusemos a ela dar um treinamento logo depois do Workshop do grupo de encontro da abordagem centrada que eles estavam lá no Rio e aí ela fez um mini treinamento no final de semana e nós propusemos que ela desse a formação (LIKA QUEIROZ, 2023).

Lika Queiroz aprende com Maureen Muller este novo modo de ser, junto com a ACP, mas autorizando-se na prática e teoria da Gestalt-Terapia. Maureen Muller então, influencia uma geração inteira de novos terapeutas que vão aderir a seu estilo, não a imitando, mas tendo-a como grande influência na perspectiva prática e teórica (SUASSUAN; HOLANDA, 2009).

Esta prática, além da peculiaridade da ACP como orientação, tinha também uma outra característica que chamava a atenção: o trabalho da Maureen Muller com grupos (ESCH; JACÓ-VILELA, 2019). Esta singularidade é destacada por Gercileni Campos:

Teve dois movimentos: de um lado a Maureen, que trazia essa coisa, digamos, junto com a ACP, e que aí no caso era mais, eu acho, para a leitura grupal. Porque o Fritz, em São Paulo com a Therése, mais Gestalt mesmo, quer dizer, sem essa [...] o Afonso e eu, nós tivemos muita influência da Maureen. Eu acho que foi uma coisa boa no sentido da leitura grupal, porque a Gestalt, na realidade a Gestalt clássica do Fritz, trabalhava com o indivíduo no grupo. O grupo é uma caixa de ressonância. Mas já com a Maureen, a gente aprendeu uma coisa que era você trabalhar o movimento individual no grupo, o movimento intragrupal dos indivíduos [...] aí os indivíduos se

relacionando no grupo, e intergrupais quando havia, digamos, a formação de pequenos subgrupos que acontece na vida, quando havia esses movimentos às vezes como uma diferença, quase como uma espécie de repetição da vida, da comunidade naquele grande grupo. Então, havia um trabalho com *set* [...] Workshops eram de 8 dias, de 10 dias. Começava num dom... não, começava numa sexta-feira à noite e ia até um outro domingo. Então era... foi um momento que eu achei tão bom ter nascido nessa época. Eu sou privilegiada porque eu nasci, eu pude curtir a bossa nova, curti Caetano... (Gercileni Campos, 2022).

Para a Gestalt-Terapia cearense, a influência de Maureen Muller parece se destacar na narrativa das(os) formadoras(es) pioneiras(os) e, com ela, a perspectiva Rogeriana e o trabalho de grupo orgânico. Assim, a Gestalt-Terapia vai se autorizando em terras cearenses com sua singularidade que também vão dar uma forma para as formações em Gestalt-Terapia no Estado.

#### 4.2. FORMAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS CURSOS DE GESTALT-TERAPIA

*A gente brincava na época da faculdade dizia assim 'Ó, quem passou pelo curso de psicologia e sai do mesmo jeito, eu não confio não, tem que ter um...' (movimento abrupto com as mãos). Então Gestalt-Terapia [...] e eu tenho visto algumas pessoas muito imaturas e se transformam e às vezes [...] e aí tem gente que resiste a isso, por isso que eu digo depende do compromisso e da implicação da pessoa (BORIS, 2022).*

As teorias contemporâneas sobre currículo ajudam a perceber a realidade das formações brasileiras numa perspectiva histórica, ética e política, indo ao encontro da perspectiva de campo Gestáltica que tem seu enviesamento desta forma em detrimento do descaso de como as teorias tradicionais burocratizam a educação.

Neste sentido, as formações contemporâneas em Gestalt-terapia não poderiam deixar de ser, também, uma crítica às formações tecnicistas, burocráticas, tradicionais, que se preocupam muito mais com uma teorização sedimentada, do que com as perspectivas que entremeiam as relações humanas. Este tópico visa, através das narrativas das(os) formadoras(es) pioneiras(os), analisar como as formações em Gestalt-terapia, sobretudo no Ceará, se configuraram para a formação de seus estudantes e quais novas perspectivas para a contemporaneidade que são cruciais para a formação deste ser Gestalt-terapeuta.

Silva (2005) corrobora com esta ideia quando propõe que o currículo formativo não pode ser enviesado pelas relações de poder vigentes, já que não leva em conta o espaço de debate e supervisão dos envolvidos para além de uma matriz curricular que alimentam tal poder de controle da educação, mas sim, para uma política educacional contemporânea, deve-se trabalhar contra estes desígnios, já que a vida social e a pedagogia não são feitas apenas de dominação e engessamento dos conteúdos. Em Gestalt-terapia este engessamento tradicional poderia ir de encontro à autonomia e à criatividade dos formadores:

É, na verdade eu sempre fui meio averso a isso embora eu sempre durante muito tempo eu participei dos eventos, havia todo um movimento [...] não tenho nada contra, mas eu tinha uma preocupação de não ficar engessado com uma coisa meio as escolas de psicanálise e como eu sei que existem vários estilos e modelos, embora eles tenham alguma coisa em comum, me parecia sempre que era uma forma de engessar, e eu sempre resisti. Com a formação do Aware, que é razoavelmente recente, 2017 mais ou menos, nós optamos por aderir a ABG (Associação Brasileira de Gestalt-Terapia), eu sou sócio, eu participei pontualmente das discussões, por conta dos meus horários, não só da clínica mas da Universidade, calhava de eu não poder, mas eu participei das discussões, foi importante porque nada obriga uma pessoa, um psicólogo a fazer formação, há modelos diferentes e é muito comum você ter pessoas que trabalham, ou que se dizem Gestalt-terapeutas, mas que não fizeram formação (Boris, 2022).

Boris preocupa-se com as novas formações, tomando o cuidado de não usar um juízo de valor sobre se as formações contemporâneas em Gestalt-terapias estão

certas ou erradas, mas fazendo uma reflexão sobre como deve-se subverter os perímetros da tradição ao mesmo tempo que se deve saber os limites da transgressão: por um progresso baseado na ética do acolhimento ao novo.

Pensando nessa apropriação do espaço acadêmico para dar espaço ao novo, Sales (2020) entende que os grupos de estudo são pilares para uma formação mais aplicada na experimentação. São espaços em que os estudantes desenvolvem autonomia e se apropriam da teoria. Ademais, a prática também é pensada, em modelo grupal, experimentando dinâmicas para este empreendimento. Mas há uma preocupação do autor com os poucos estudos que se tem sobre o tema “grupo de estudos” e sobre como essas atividades estão ligadas a um reconhecimento do próprio educando com o que se é estudado. Se é um dos pilares, este deveria ser uma das preocupações fundamentais da própria pesquisa acadêmica, assim como a importância de fazer tais grupos, tanto teóricos quanto práticos:

E na nossa época tinha muita pouca coisa de teoria, então a formação era muito prática mesmo. Daí quando nós estávamos terminando a formação, meu marido na época e eu resolvemos abrir um grupo de estudos em Gestalt-terapia, que até a Terezinha Melo foi fazer parte e também paralelo a isso logo o Decio Casarim me propôs fazer um grupo de terapia em Gestalt-Terapia, nós dois em coterapia e a Jane Rodrigues inclusive foi fazer parte como cliente, então começou esse movimento (Lika Queiroz, 2023).

A Gestalt-terapia, nos primórdios de sua chegada ao Brasil, já abria as possibilidades de formações com grupos de estudos e grupos de terapia cooperativa frisando a importância desta atividade para o desenvolvimento pessoal e profissional, quebrando os ditames tradicionais sobre uma matriz baseada apenas num conteúdo programático focado na teoria.

Para Apple (1979), frisar esta importância é um ato político, do qual o educador não pode estar desvinculado. Assim, as relações de poder na educação são percebidas cada vez mais de forma estrutural, sendo inviável para o educador se desvincular de uma contextualização da sociedade em que se está inserido, fazendo-

se mister criar programas de vinculação e inclusão que deem acesso às diversas camadas e realidades de estudantes nas próprias formações:

E a gente atendia muita gente, muito estudante universitário, com o preço assim, era com aquela ideia de meia né, então enquanto você paga inteira o estudante paga meia. E era legal porque você fazia formação, atendia a galera de baixa renda, depois atendendo os estudantes, depois você vai crescendo nisto (Sérgio Lizias, 2022).

Vai crescendo politicamente e, de forma comunitária, os programas vão sendo reconhecidos no próprio contexto micropolítico da comunidade, sem que, para isso, precise-se esperar uma lei ou uma instituição para formalizar tais políticas, mais que isso, é uma conduta ética basilar da Gestalt-Terapia.

Contudo, numa perspectiva de mercado, Nascimento (2019) vai argumentar que, apesar de a Gestalt-terapia não se dobrar aos ditames do capitalismo, as formações contemporâneas têm de considerar os anseios neoliberais dos participantes que têm pressa de se formar e tem uma preocupação financeira para além destas atividades comunitárias e grupais, mas um projeto pessoal de crescimento econômico o que também pode influenciar na formação deste currículo em Gestalt-terapia. Neste estudo, o autor ainda traz dados de que, as formações em Gestalt-Terapia não deixam claro, em sua maioria, sobre a quantidade de carga horária que o curso oferece, deixando evidente somente a quantidade de meses e anos. Além disso, *Workshops* e aulas experimentais também estão perdendo espaço no interesse dos novos formandos, por conta desta pressa gerada pelo mercado em seu racionalismo neoliberal:

Mas como formadora eu demorei mais e eu vejo uma pressa hoje em dia nos novos profissionais. Por exemplo eu vejo pessoas que fizeram [...] acabaram de fazer a formação com a gente, acabaram assim, 2, 3 anos e já estão querendo formar outras pessoas, eu digo: 'Minha gente! Ou sou eu que sou muito perfeccionista, ou então o povo tem, assim, uma autoestima que eu vou te contar, viu?', meninos assim, meninos e meninas com vinte e poucos anos já querendo ser formadores. Eu acho que precisa... é uma opinião mesmo, eu acho que precisa de um tempo, para você ser um bom formador você

precisa ter um bom processo como terapeuta, como Gestalt-terapeuta, como professor, sala de aula eu acho que é superimportante, não precisa necessariamente ser de uma Universidade mas dar pequenos cursos, porque eu acho que é uma didática diferente para ser formador (Fátima Diógenes, 2022).

Fátima Diógenes traz sua preocupação com essa aceleração exacerbada dos cursos e para ter um cargo de importância como o de formador(a) trazendo um elemento caro à Gestalt-Terapia que é “o tempo”. O modelo “apressado” das formações contemporâneas, em sua maioria, contradiz a dinâmica processual da Gestalt-Terapia de respeitar o tempo do processo, o tempo de ser Gestalt-terapeuta que é formado minunciosamente em um caminho peculiar e não numa elipse temporal em prol de uma certificação.

A dinâmica acelerada neoliberal contemporânea parece, neste caso, não respeitar este tempo que tem importância fundamental para uma formação em Gestalt-Terapia baseada nesta ética do tempo. Isto se deve, segundo Llavador (2013) à uma dinâmica política para manter uma hegemonia tradicional de poder que já domina a educação durante algum tempo, que se baseiam em focar na teoria, uma matriz curricular engessada, numa apropriação institucional reguladora e num respaldo de certificação relevante para o mercado de trabalho:

Essa é uma questão que já discuti em encontros e congressos e que é complicado porque formação, ela implica num compromisso das pessoas, então isto tem implicações inclusive no processo da formação, então eu tenho... eu percebo às vezes que alguns bons, como por exemplo, a pós graduação, exatamente porque tem uma instituição acadêmica em geral por trás que respalda, só que, no caso da gente por exemplo, a instituição ideal para nós, eu e a Karine seria, temos feito formação, seria a Unifor, só que se você faz com a Unifor ela fica não só com o dinheiro, os valores, com uma boa parte deles, isso tem... compromete né, a nossa... nosso ganho. Mas também ela vai ressuscitar um modelo que não é o que a gente acha que é o ideal. Você funcionaria mais, as formações são, assim... funcionam a base de cursos que são essencialmente teóricos e eu... é tanto que, quando a gente vai entrevistar as pessoas interessadas em formação a gente deixa claro: Isso não é uma pós-graduação! (Boris, 2022).

A importância de se frisar que a formação em Gestalt-Terapia é uma outra coisa que não tem, ao todo, a ver com, apenas, a dinâmica capitalista de inserção no mercado, é um ato político de aplicação de “poder”, em virtude de não ser, na sua estrutura formativa, fagocitado pela hegemonia do pensamento dominante, visto que, Llavador (2013) define a execução de poder como aquela que é contrária aos interesses de outrem. Assim, ir na contramão do mercado, - o que não quer dizer que não haja algumas semelhanças em sua estruturação, mas, de toda forma, não segue em linha reta essa submissão ao emparelhamento político neoliberal, - é um ato político.

Para alguns autores como Sales (2020) os grupos de pesquisa são em si atos políticos e cruciais para a formação política, ética e organizacional de um educando que tem neles uma estrutura hierarquizada, baseada na experiência de uma ou duas lideranças que coordenam os grupos, abrindo espaços para assim os envolvidos repensem e desenvolvam novas práticas para o tema e até estruturar melhor as formações que estavam por vir:

Eu achava a Gestalt-Terapia muito importante, então para a gente precisava ser divulgada, então nós saímos primeiro fazendo isso. Daí então começou a partir [...] se eu não me engano foi do quarto encontro que a gente começou... o pessoal que dava... fazia grupo de estudos, começou a dar formação também, a gente começou a se reunir nos pré-congressos, entre nós ou durante o congresso para começar a discutir. Aí a gente começou a ir discutindo. Eu me lembro que no congresso de Floripa, que foi na ilha residencial, aí a gente se juntou e criou um eixo teórico de todas as formações independente de suas especificidades que deveria seguir. Então foi uma coisa que os primeiros formadores... nós fomos construindo juntos: se juntava, discutia, ponderava, o que é que cada um estava fazendo, como era o programa que estava adotando... então foi uma coisa muito integrada (Lika Queiróz, 2023).

Pensar e repensar os programas, então, torna-se um hábito contínuo entre Gestalt-terapeutas que, mesmo experientes, trocam informações ao longo dos grupos

de estudo formados, assim como dentro das próprias formações e das práticas clínicas, de maneira a abrir espaços para novos caminhos para as formações.

Neste caminho, as formações precisam estar a par dos símbolos e contextualizações sociais de acordo com as demandas necessárias, tanto financeiramente, como também de maneira que se possa “aferir o êxito” no ensino, como pensa Apple (1979). Com isso, dialeticamente com a necessidade de estruturar uma formação que não se subjugue às relações de poder hegemônicas, mas que também não se aparte totalmente, pois há uma pressão externa que exige normas e conceitos para uma sociedade estratificada:

Em 2007 eu acho foi a resolução do CRP que outorga o título de especialista que dá o título de especialista clínica e que as pessoas faziam formação e não tinha ainda a prova então ela usava ainda às vezes a declaração de formação em Gestalt-Terapia para adquirir o título de especialista, que depois surgiram as provas, surgiram outros critérios, mas a gente era feliz, porque a gente não queria muito se envolver muito, em termos assim de uma burocracia muito rígida pra [...] e centrar mesmo nessa condição mesmo como foco, a formação do Gestalt-terapeuta, mas também sem deixar de pensar, já que todo mundo teve uma época aí que todo mundo estava querendo título e hoje ainda continua, quando você começa o curso pergunta ‘Vai ter certificado?’, a gente ficava às vezes assim ‘vai, mas o melhor certificado que você vai ter é o experiencial’ esse que vai te dar a condição de você dizer assim ‘eu me autorizo a atender pessoas e fazer isso’, mas isso é um outro assunto também, mas... (Sergio Lizias, 2022).

Sergio Lizias incisivamente coloca a crítica à certificação como fim nela mesma, reconhecendo que há uma importância para o *status quo* mas que também a burocracia atrapalha nesta autorização de ser Gestalt-terapeuta por se aproximar de abordagens tecnicistas, que caracterizam os sujeitos a partir de propriedades pré-requisitadas para que eles sejam reconhecidos como tal. Ficando nisto, degustar o processo minuciosamente em cada tempo experimentado dele parece ficar em segundo plano.

Silva (2005) traz a perspectiva de Henry Giroux que trata a escola como um lugar de emancipação do estudante em detrimento da dominação do *status quo* supracitado, pensando a construção do currículo da formação como uma estrutura

onde o estudante possa desenvolver suas habilidades de discussão e de participação da vida social. Ainda segundo esta perspectiva, três conceitos serão centrais para a emancipação e libertação nas formações: o conceito de “esfera pública democrática”, que seja um lugar que discuta e repense o lugar das instituições de poder e o lugar social dos estudantes e a formação; o conceito de intelectual transformador: o professor não pode ser visto como técnico ou burocrata, mas como pessoas envolvidas no processo de questionamento e implicação política e social junto com os estudantes em prol da emancipação e libertação; e o conceito de voz: anseios, desejos e pensamentos sejam devidamente ouvidos e considerados, conquanto são cidadãos políticos participativos. Fátima Diógenes propõe um modelo que tenta abarcar esses três conceitos:

Então, nas nossas formações nós continuamos com a mesma metodologia: teoria, vivência e prática. Como é a vivência online nós solicitamos às pessoas que forem participar fiquem com suas câmeras abertas para a gente poder manter o contato visual. Claro que a pessoa tem direito, assim como no presencial, ela tem direito a não fazer, então não tem problema ela não participa. Quer dizer, não tem problema entre aspas, porque eu acho que é um problema. Acho que é um problema. Porque se o que nós temos é o online e o online dentro dessa vivência precisa que a pessoa esteja com a câmera aberta para poder o professor olhar para os alunos e os alunos também interagirem com o professor e entre si, e nós continuamos a fazer os trabalhos de prática, nós trabalhamos com aquele trio: observador, terapeuta e cliente, a gente faz grupinhos de 3, os mesmos que a gente fazia no presencial a gente faz no online. (Fátima Diógenes, 2022).

Os grupinhos de 3, a câmera aberta, a participação ativa do estudante que não é apenas um receptáculo, são propriedades de um espaço que pensa politicamente e contextualmente a vida social e não apenas cumpre o cronograma de uma matriz curricular. Ainda, Fátima enfatiza a importância de, do outro lado, o estudante se implicar, particularmente nas aulas *online*, abrindo a câmera para uma interação mais implicada na discussão e na experiência de aprendizado.

Nascimento (2019) fala que ser Gestalt-terapeuta não pode ser algo institucionalizado, justamente para corroborar com essas contextualizações na sociedade em seu tempo e espaço. A implicação do educando tem que ser

compreendida, tanto em seu caráter questionador das práticas sociais de poder, quanto também em seu caráter de como este educando chega com seus anseios do mercado, de inserção e certificação, com o perigo de perder neófitos se não for pensada esta dialética:

Você vai ter o reconhecimento da comunidade mas o modelo é diferente, não é um curso que você faz, faz uma prova, faz um trabalho, e você tem uma nota, e você vira Gestalt-terapeuta, então tem, não só os encontros teóricos, que são sistemáticos, uma vez por semana, 2:30hs, e isso porque, por exemplo, a minha formação foi 3 pra 4 anos, hoje é impensável, as pessoas tem pressa né? Mas formação, ela requer uma extensão de tempo, você tem os encontros vivenciais, eventualmente eu encontro resistência das pessoas porque elas não querem se expor, não querem compartilhar, e não se trata de fazer terapia, mas eu alerta assim ó, nós vamos precisar de uma certa intimidade para poder tratar da pessoa que é o Gestalt-terapeuta que tá atendendo e as implicações do contato com esse ou aquele paciente que gera isso ou aquilo, isso requer uma certa interferência, que é um contato com sua intimidade, pra isso a gente tem grupos pequenos, em torno, ou no máximo, de 12 pessoas, sei que tem outras formações bem maiores, os encontros vivenciais são mensais (Boris, 2022).

Aos poucos, as formações parecem ter que reeducar os educandos, acolhendo a demanda de mercado institucional, mas também trabalhando as configurações de intimidade, implicação, tempo de curso. Hoje seria inviável formar uma turma com 800 horas de aula, além de ser muitas vezes impraticável uma imersão presencial que dure uma semana, mas fazer cursos radicalmente com pouca duração, com 150 horas por exemplo, seria não aproveitar as potencialidades do educando e não dar conta das variedades extensas do conteúdo programático. Sobre os grupos vivenciais, Boris apresenta:

Eu fiz formação em que isso ocorria todo mês ou a cada dois meses e isso cria uma clara diferença, porque a vivência da teoria na sua própria experiência vivida e a teorização da vivência, muitas vezes após os encontros vivenciais, isso tem repercussões na discursão teórica, nós trabalhamos com alunos, dos últimos semestres de psicologia, profissionais e além disso nós temos alguns encontros abertos com outros profissionais, amigos de abordagens próximas, e com pessoa que se interessam em encontros comunitários que fazem diferença. Mas nem sempre a gente tem uma implicação da pessoa,

então é um diferencial que a gente aposta porque [...] Eu fui formado nesse modelo com a Gercileni Campos, eu dei formação com ela para profissionais da Gestalt-Terapia, como a Ana Karine Melo com quem eu venho trabalhando e outros (Boris, 2022).

Os encontros presenciais nas formações em Gestalt-Terapia, segundo Boris, são de fundamental importância para o processo, pois, saindo das perspectivas positivistas, trabalha-se vivencialmente as próprias questões históricas pessoais de cada educando assim como suas relações com os outros.

Pérez Gómez (1998) traz um modelo compreensivo de investigar a educação, justamente para quebrar os parâmetros rígidos que foram impostos tradicionalmente. Estes trazem uma perspectiva facionária, de medição da realidade, tentando achar parâmetros para serem aplicados. Numa abordagem compreensiva, a educação é compartilhada, é construída em conjunto, percebendo o contexto e interagindo ativamente entre o grupo. Para uma formação em Gestalt-Terapia, tanto o experimento vivencial junto com os educandos quanto a dinâmica ativa da discussão e debate dos textos comparando com a realidade vigente, é crucial:

Hoje é complicada, essa questão do vivencial e do acompanhamento das pessoas, então durante algum tempo, a gente ouve das pessoas que fazem formação 'ah! Eu não vou poder ir pra aula hoje, hoje a aula é de...' Não é aula! Em momento algum ou quase nenhum você tem uma exposição nossa! [...] pode ter pontualmente, ou algo a partir do que surge mas a discussão é dos textos, especialmente os clássicos da Gestalt-Terapia, em um dado momento isso vai intercalando e se misturando com as supervisões, porque a discussão teórica nos reporta a experiências concretas da clínica, tanto deles quanto nossas, e isso vai criando, não só uma consistência que eu acho que é importante, que as pessoas que não fazem formação eu acho que é difícil ter, e vai criando vínculos entre as pessoas do grupo (Boris, 2022).

Particularmente em Gestalt-Terapia estes vínculos criados dão sustentáculos para a compreensão da abordagem de forma mais dinâmica, de maneira que a teoria

é vivida e elaborada junto com as(os) outras(os) de modo que, cooperativamente, se criar novas perspectivas sobre.

Neste sentido, Sales (2020) argumenta que, para se compreender a pesquisa e a prática do educando pesquisador, é necessário observar a cadeia de práticas que o circundam durante o tempo de formação. Para isso, durante a formação, se precisa criar uma intimidade, um encontro dinâmico e desviante para retirar o educando deste lugar viciado que fora colocado com uma educação bancária onde ele é só um depósito de conhecimento:

Mas formação, ela requer uma extensão de tempo, você tem os encontros vivenciais, eventualmente eu encontro resistência das pessoas porque elas não querem se expor, não querem compartilhar, e não se trata de fazer terapia, mas eu alerto assim ó, nós vamos precisar de uma certa intimidade para poder tratar da pessoa que é o Gestalt-terapeuta que tá atendendo e as implicações do contato com esse ou aquele paciente que gera isso ou aquilo, isso requer uma certa interferência, que é um contato com sua intimidade, pra isso a gente tem grupos pequenos, em torno, ou no máximo, de 12 pessoas (Boris, 2022).

Boris traz a dificuldade que é trabalhar com a formação em Gestalt-Terapia que é diferente da do mercado: é uma reeducação, é política, é desviante, ao mesmo tempo que com algum receio, pensa-se nas dinâmicas do mercado em que os educandos estão inseridos.

Isso é compreendido à medida em que se pensa o currículo como uma dinâmica de política cultural, onde currículo e cultura se confundem de forma que não podem ser dissociados. As atividades práticas nas formações em Gestalt-terapias colaboram para que o contexto cultural apareça e possa ajudar a construir a formação em conjunto, quebrando com a prática de uma educação bancária do conhecimento ser apenas um “repasso” do professor para o aluno. Por isto Silva (2005) argumenta trazendo Paulo Freire (p. 58) para ajudar a elaborar uma crítica ao currículo bancário e pensar neste currículo como prática cultura de autonomia do educando. Mas o pensamento bancário é desafiador, por já estar embrenhado no imaginário social.

Contemporaneamente, é difícil implementar uma política de currículo cultural sem uma significativa resistência:

Durante algum tempo, a gente ouve das pessoas que fazem formação 'ah! Eu não vou poder ir pra aula hoje, hoje a aula é de...' Não é aula! Em momento algum ou quase nenhum você tem uma exposição nossa! [...] pode ter pontualmente, ou algo a partir do que surge mas a discussão é dos textos, especialmente os clássicos da Gestalt-Terapia. em um dado momento isso vai intercalando e se misturando com as supervisões, porque a discussão teórica nos reporta a experiências concretas da clínica, tanto deles quanto nossas, e isso vai criando, não só uma consistência que eu acho que é importante, que as pessoas que não fazem formação eu acho que é difícil ter, e vai criando vínculos entre as pessoas do grupo (Boris, 2022).

Os pequenos grupos parecem gerar uma maior intimidade para que assim possa aflorar com mais veemência o contexto cultural e político dos educandos e, assim, construir junto a formação em Gestalt-Terapia. Ao longo do processo a formação vai sendo transformada, sem deixar de dar conta de sua matriz curricular, mas não se prendendo a metas, mas sim, considerando o que se aparece como novo trazido, também, pelo educando.

Outro empecilho para a transformação das formações em Gestalt-terapia é trazido por Nascimento (2019) quando traz que a Gestalt-terapia chegou no Brasil junto com a perspectiva psicológica clínica de psicoterapia individual, corroborando com o pensamento clínico que aqui poderemos correlacionar como bancário, por ter esta prática de hierarquia dimensionada no sentido de o "paciente" ser alguém que espera ser curado. Esta perspectiva nas formações não é a única, algumas escolas, segundo o mesmo autor, trazem a vertente anarquista e revolucionária da Gestalt-Terapia, apesar disso também ser um desafio. Boris relata uma das formas em que ele, em suas formações, tenta quebrar esses paradigmas de forma política:

O formato, da formação, dos grupos e dos encontros tem muito a ver com a questão do compartilhamento da experiência, da experiência vivida, e isso é uma clara influência do Rogers. Eu me inspiro nessas perspectivas que são filosofia, a psicologia vem da filosofia, mas eu não estou ali para fazer reflexões filosóficas para teorizar ou racionalizar o vivido dessas pessoas. Embora eles tenham feito uma

formação que foi idêntica para eles, eles têm estilos diferentes tem focos diferentes, tem trajetórias. Então essa coisa do teórico e do vivencial elas precisam estar juntas, não basta uma coisa só vivencial. É o que algumas abordagens centradas tentam fazer nos encontros: 'É só vivência, vivência, vivência...', vivência sem uma elaboração pode ser muito perigoso (Boris, 2022).

É também uma forma de trazer a vanguarda da Gestalt e não submeter ao tradicionalismo da educação bancária. Em seu caráter revolucionário, a Gestalt-Terapia preza, particularmente na educação, esta aproximação de vínculo e de autonomia junto com o educando. Lavador (2013) ajuda a pensar em que consiste o caráter revolucionário dentro da educação trazendo á tona que educandos e educadores têm de estar atentos às relações de poder e ao racionalismo vigente no que consiste à técnica moderna, numa briga entre o pretense progresso da humanidade e sua luta contra a natureza.

Essa relação política é crucial para o currículo já que, segundo o autor, o conhecimento não pode ter fim em si mesmo, ao contrário, deve ser atualizado em uma abertura junto com o educando para não se submeter às relações de poder hegemônicas:

E aí eu continuo. Eu acho que é importante ir criando um aprofundamento em uma abordagem que para mim faz muito sentido. Não uso isso como um método de aliciamento. Na Universidade eu não abduco de dar aula para o pessoal do primeiro semestre, eu dou ao primeiro e aos últimos semestres, e aí o pessoal que chega eu digo logo: Gente eu não estou aqui para aliciar vocês para a Gestalt-Terapia, vão buscar [...] estou aqui exatamente para vocês refletirem que é importante encontrar os sapatos que lhe cabem e desconstruir esse pensamento linear determinista. Então o olhar fenomenológico... eu trabalho muito com ele. A percepção da realidade como a realidade significada, que não existe uma verdade, então eu acho que se... porque para mim isso é uma postura muito mais ética de relação. Então eu gosto, eu acho que... eu gosto de dar aula, eu gosto desse contato, desse encontro, da troca, de aprender com o outro, passar também o que eu vou descobrindo. Então foi assim (Lika Queiroz, 2023).

Lika Queiroz evidencia sua abertura política para saber criticar a realidade vigente sem introjetá-la indiscriminadamente. É com esta abertura que a formadora trabalha politicamente as potencialidades de seus formandos em Gestalt-terapia, trazendo a formação e a teoria para a realidade, para o vivencial também, trazendo novos sentidos em conjunto para o conhecimento e o currículo.

Nascimento (2019) fala da importância de os cursos de formação em Gestalt-Terapia considerem a abertura política para variadas práticas, com o cuidado de não perder os fundamentos da abordagem, mas para ter uma maior abrangência com outros profissionais. Muitos institutos formam apenas psicólogos com uma exceção para alguns psiquiatras. A Associação Brasileira de Gestalt-terapia (ABG) rompe com isso quando reconhece profissionais que atuam com a abordagem gestáltica. Com isso há uma abertura para ampliar esta variedade nas formações:

E eu para mim eu continuo até hoje estudando, estou fazendo agora a formação com a Ruella Frank para aprender a aprofundar um recortezinho que ela desenvolve. Para mim vai ser muito importante para a formação de trauma. Eu abri a primeira formação do trabalho de trauma em Gestalt-Terapia aqui no Brasil. Já está acontecendo. Ano que vem eu vou abrir a primeira formação de trabalho de corpo em Gestalt-Terapia como uma formação... É online com dois módulos intensivos presenciais porque tem manejos que não dá para ser... tanto a de trauma... tem coisas que dá para você fazer online, mas tem coisas que não dá. Então vai ter dois módulos intensivos residenciais para poder as pessoas treinarem os manejos. Tem coisas da leitura corporal, dos micromovimentos da cintura para baixo que a pessoa precisam ver, tem determinados toques de estimulação do sistema nervoso simpático, parassimpático, que a pessoa precisa trabalhar. Coisas de como perceber enraizamento, os sinais do corpo. Então, tem treinos de manejos que precisam ser presenciais (Lika Queiroz, 2023).

Apesar desta abertura para uma abrangência maior de temas para a Gestalt-Terapia, Lika Queiroz fala sobre um dos maiores desafios para as formações contemporâneas: a presencialidade. Para que esta abrangência seja possível, em contrapartida deve-se haver uma disposição para se trabalhar experimentalmente certos manejos que são bem melhores trabalhados presencialmente em detrimento dos cursos eminentemente teóricos e *online* atuais.

Segundo Apple (1979) as próprias instituições têm na sua tradição a conservação e distribuição cultural de como as escolas pensam a educação de forma a preservar a manutenção do controle social: “Também se pressupõe a ideia de uma manipulação consciente da escolarização por um pequeno grupo de pessoas que detêm o poder” (p.13), mas não se pode esquecer de analisar as estruturas contextuais que levam as instituições e as(os) educandas(os) à se submeterem, neste caso, à uma formação não presencial (*online*) e à um apreço exacerbado à eminência da teoria:

Só teórica, vira aquela coisa, como alguns alunos que resistem a fazer a própria terapia, nunca viram, nunca vivenciaram, e aí ficam lá fazendo suas próprias reflexões ou ficam dando chute no escuro, é uma pessoa que requer cuidado. Então são algumas questões que passam pela ética, não estou dizendo que é errado, mas isso requer uma implicação, um compromisso, um envolvimento que eu acho que, simplesmente, que não fazerem as formações, que requerem extensões no tempo, dedicação, maturação, elas podem oferecer. Um envolvimento com o outro, com o diferente o escasso, com o se autogerir, cuidar um dos outros, brincar, se divertir, fazer festa, essas coisas ocorrem nos vivenciais (Boris, 2022).

A presencialidade então se torna uma das prerrogativas essenciais para uma formação em Gestalt-terapia, mas também abrindo espaço para as novas configurações à distância, desde que se preze pela ética no ensino e a própria ética que a abordagem defende, sobre criação compartilhada, dividir afetos e intimidades, fazer festas... Uma política na presença deve ser reivindicada.

Esta reivindicação não deve ser indiscriminada, é importante que nas instituições os formadores tenham uma experiência consolidada em Gestalt-terapia para não cair num relativismo prático e ideológico. Nascimento (2019), em sua pesquisa sobre o corpo docente nas instituições de formação em Gestalt-Terapia afirma que a na maioria das instituições prezava-se por professores que tinham vasta experiência na linha teórica, com mestres e doutores, com alguns casos de especialistas, e com experiência prática na abordagem com dez, vinte e até trinta anos de atuação (p.66). Esta estrutura contribui com uma maior contemplação de experimentos que podem ser feito que remontam a trajetória do formador, que

aplicam com a forma de aula experimental e constroem em conjunto com as(os) novas(os) formandas(os):

Você tem o aporte teórico então tem a programação que vai ser dada, o módulo. O tema daquele módulo. Então o trabalho... a prática é sempre construída... por exemplo, estava em Fortaleza agora, esse final de semana, dando aula lá e o foco era o papel do terapeuta e o desenvolvimento de estilos terapêuticos. Aí eu trabalhei com... para as pessoas poderem encontrar como era o estilo que tinham, imaginando, trabalhando. Aí trabalhei com as cartas, enuk, um baralho que se chama *inuk*, são imagens, cartas terapêuticas, eu uso muito mistura de recursos. Aí a pessoa fazia a postura, a partir da conexão com isso, vê qual era a carta que para ela fazia sentido, com o que ela identificava que era o jeito dela trabalhar, daí para a postura daquela imagem no corpo, daí trabalhar com o outro que chamava a atenção, trocar, o que eu aprendo... (Lika Queiroz, 2023).

Sair da eminência do teórico e se encontrar com a vasta experiência do formador para, numa abertura, construir juntas(os), não tem a ver com repetir experimentos que a(o) formadora(o) ensinou, mas compreender novas possibilidades de experimentação neste encontro, transformando em conluio com a assimilação da teoria apresentada.

Para se desenvolver tais habilidades autônomas, precisa-se de tempo e de presença, pelo menos numa perspectiva política do “aqui-e-agora” onde o contato no encontro é fundamental. Llavador (2019) fala sobre como o pós-modernismo, “tão genérica quanto discutida” (p.48) traz uma promessa de progresso determinando algumas estruturas de poder. Contemporaneamente, pode-se olhar para isto no que concerne à pressa, particularmente nos processos formativos, o tempo de duração, que não podem ser muito longos. Para a dinâmica de aprendizado formador/formando, deve-se observar este contexto moderno e buscar um comprometimento:

Eu endosso isso, principalmente com aqueles que participaram efetivamente, tem um número de horas significativa que envolvem os encontros teóricos, sistemáticos, muitas horas de discussão da literatura e de supervisão a medida em que se vai avançando. Os momentos vivenciais geralmente ocorrem em um fim de semana por mês, ao longo de 20 meses, tem cerca de 20 encontros, mais ou

menos de 4 horas, geralmente são nos sábados e, uma vez por ano, a gente tenta fazer um grupo de fim de semana de 48 horas, então são geralmente 2 grupos ao longo da formação como um todo, em que eles devem, é claro, alguns têm eventualmente faltas, mas eles devem cumprir isso, e além disso, tem nosso contato, o conhecimento dessas pessoas que respondem bem e que investem que a gente na medida do caminhar, vai percebendo que essas pessoas estão mais comprometidas com essa perspectiva que a gente tá se propondo. (Boris, 2022).

As exigências pós-modernas retardam a dialética do comprometimento formador/formando pois, nesta ambientação, formandos estão procurando cada vez mais cursos que permitam ficar em casa, que não demore muito e que o encontro e comprometimento seja reduzido. As(os) formadoras(os) pioneiras(os) tentam ainda formar estratégias, tanto para interagir com esta demanda, mas também para não perder as bases do que acham importante para a formação de vanguarda da Gestalt-Terapia.

Sales (2020) frisa como na contemporaneidade, falando especificamente como os grupos de pesquisas foram formados no século XXI, as institucionalizações das formações são, eminentemente, voltados à produção de conhecimento, que se assemelha à meta de mercado de larga escala. O que leva à reflexão acerca de como autorizar um Gestalt-terapeuta na formação, no sentido em que, se a maioria está homogênea nessa pressão de mercado, a formação estaria também submetida à ela, ou existe algum diferencial?

Em tese, todos são Gestalt-terapeutas, fizeram a mesma formação, mas é diferente eu indicar uma pessoa para um ou para outro. Então tem uma certa intuição nisso que, nem sempre... mas que a gente espera que funcione (Boris, 2022).

A dialética entre a vanguarda da Gestalt-Terapia e as exigências pós-modernas é explícita nos entremeios deste trabalho de construção das(os) formadores junto com as(os) formandas(os). Assim, as experimentações terapêuticas no próprio processo das aulas ainda são vivenciadas como política de aprendizado e de construção do comprometimento no conjunto formador(a)/formando.

Para tal comprometimento, a formação não deve ser verborrágica, ou bancária, como lembra Silva (2005), que critica com veemência o tradicionalismo da educação que vê a(o) aluna(o), ou, no caso, a(o) formanda(o) como um depósito de conhecimentos pré-estabelecidos e que, por alguma matriz curricular, dever reproduzir. As experimentações terapêuticas visam, também, desviar a(o) formanda(o) do lugar de depósito, e as(os) convidam para tomar responsabilidade em seus próprios processos:

Se bem que na formação faz sentido, algumas coisas precisam ser provocadas porque as pessoas estão ali para isso, elas não estão ali para fazer terapia. Diferente de um grupo terapêutico. A gente até faz coisas terapêuticas para trabalhar a pessoa do Gestalt-terapeuta ou do futuro Gestalt-terapeuta e isso implica em algumas disposições que nem sempre elas são cem por cento, varia muito (Boris, 2022).

O que não significa que nas formações, as pessoas irão fazer “psicoterapia gestáltica”, mas sim, de forma terapêutica, trazer suas questões para que os conceitos tornem-se presentes, pois: “não existe uma separação entre o ato de conhecer e aquilo que se conhece” (SILVA, 2005. p.59), o que corrobora diretamente com os fundamentos da teoria Gestáltica, que preza esta experimentação na pele, na fronteira de contato, que é onde acontece a experiência.

Para as(os) formadoras(os) pioneiras(os) esta perspectiva de trabalhar com a fronteira deveria estar presente em capacitações para Gestalt-terapeutas. Em suas formações, todas(os) elas(es) passaram por uma formação teórico/vivencial. Nascimento (2019) lembra que, em pelo menos 47 institutos de Gestalt-Terapia, há uma capacitação profissional em Gestalt-Terapia e que em suas páginas virtuais, a maioria de seus institutos, apesar de não apresentar explicitamente o currículo de seu corpo docente, mencionavam que tinham “grandes personalidades da Gestalt-Terapia brasileira” (p.66).

Não se sabe quantas(os) dessas(es) Gestalt-terapeutas foram formadas(os) pelas(os) pioneiras(os) trabalhadas(os) aqui, mas Lika Queiroz lembra como eram feitas as formações e como ainda pretende estruturar hoje em dia:

Todo... qualquer tema que... todas as formações minhas e o estilo que eu implantei nos lugares que eu dou formação, a construção da

vivência em cima da... do que precisa ser trabalhado aquela teoria, porque aí você tem uma aprendizagem gestáltica, da totalidade que você é: é sensorio-afetiva-cognitiva, você não é um cabeção solto no espaço flutuando, a gente é corporeidade, então tem que aprender de pele. Eu não consigo dar uma aula só teórica. A pessoa pôr aquilo no seu vivido, pôr aquilo na pele para ver, daí então é que vem as dúvidas. A partir daí então se abre para limpar o que ficou inacabado. (Lika Queiroz, 2022).

Uma aula só teórica, que é uma das características marcantes do ensino bancário, parece não estar condizendo com uma formação gestáltica, segundo as(os) pioneiras(os), pois a implicação da(o) formanda(o) é crucial, e esta preocupação condiz com a ética Gestáltica de considerar a(o) consultante ou a(o) formanda(o) como corresponsável do processo. Sem isso, não há provocação nem mudança, o desvio para que o processo se desenvolva é necessário, e não apenas reproduzir as burocracias indicadas nos métodos tradicionais.

Aqui há de se lembrar da crítica que Pérez Gómez (1998) faz da mera aplicação burocrática de provas e notas para avaliar de forma engessada as(os) alunas(os) e formandas(os) sem trabalhar a perspectiva contextual do ambiente em conjunto com o conhecimento. Neste caminho, tem-se que sair do mero rendimento acadêmico e estar atento à complexa rede de conhecimento que se intercambiam de forma espontânea e intencional, para compreender os significados da realidade, ao invés de meramente reproduzi-los:

Você fazer uma especialização, que é o modelo, e o CRP reconhece aquele modelo, mais de aulas, ou até com supervisão, mas falta... as pessoas vão lá assinam e vão-se embora, não tem tanta, isso que eu falei do afeto porque a sistemática da formação ela favorece essa coisa que a gente chamou de intimidade, lidar com as diferenças, até com desagrado, que num curso de especialização ou numa pós-graduação, ou num curso de graduação, vai ter gente que você nem conhece. Você vai lá comprovar, faz a sua prova e vira Gestalt-terapeuta. Não estou dizendo que isso é errado. É até reconhecido, quem cumpriu as horas, fez teste, passou né, mas não é o jeito que eu funciono, ou que eu acredito, para mim não é o melhor, eu prefiro uma coisa... trabalhosa, dá trabalho (Boris, 2022).

Não é simples, as(os) formadoras(es) têm que lidar com a demanda externa de mercado e até das(os) próprias(os) formandas(os) que vêm tomadas(os) pelo racionalismo de mercado em sua maioria, além de outras burocracias que ainda exigem uma prática bancária do ensino.

Esse racionalismo, outrora visto, apressado e rigidamente exigente, faz com que a maioria das(os) formandas(os) sigam a estratificação apontada por Sales (2020) que coloca a graduação como um processo de profissionalização e a pós-graduação destinada à pesquisa, influência da forma como nos Estados Unidos se trabalha e não se abre mão. A preocupação das(os) pioneiras(os) em Gestalt-terapia é que, o foco nesta finalidade, no diploma, no término da formação para esses fins, desloca as(os) formandas(os) das bases teóricas:

Fazer a formação básica! Isso aí todo mundo tem que fazer! A partir daí você vai se especializando dentro daquilo que a sua área de interesse. Então hoje em dia a gente tem todo um aporte bem amplo em todas as áreas. Então... mas a formação básica é originária, é o que te dá o arcabouço teórico de toda a estrutura conceitual que você vai usar nos desdobramentos e aplicada às várias atuações e níveis de atuação enquanto Gestalt-terapeuta (Lika Queiroz, 2023).

A formação básica vai dar a sustentação para que se possa entender quais caminhos se está na Gestalt-Terapia, assim como vai trabalhar o rigor passado de geração em geração da teoria. Mas para dar sustentação a esse argumento frente ao racionalismo hegemônico, tem-se que considerar que a contemporaneidade não corrobora com as bases desse processo aqui proposto.

Isto porque o racionalismo bancário é hegemônico, como lembra Apple (1979), e tal hegemonia se difere de “mera opinião” ou “manipulação”, mas é um imbricamento com a realidade que reforça os entremeios sociais deste racionalismo, confundindo-se com a realidade. Assim o controle hegemônico é investido nos princípios constitutivos da cotidianidade, atuando para “saturar’ nossa própria consciência” (p.14). Por isso seria no mínimo apressado falar que as(os) formandas(os) chegam nos cursos influenciadas(os) por tal racionalismo, não seria tão simples, mas, não obstante, as(os) formadoras(os) podem resgatar a metodologia

implicativa de trabalhar teoria e prática no que consiste em dar uma autonomia e crítica às influências externas do racionalismo bancário de mercado:

Então, a metodologia, por incrível que pareça, é a mesma! Começamos sempre com a teoria, depois a gente faz a vivência, essa é a informação geral que nossos formadores têm. Estamos numa equipe. E fazer os trabalhos de trio, para que a pessoa passe pela experiência de ser observador, de ser cliente e de ser terapeuta e aí a partilha no grupão. Essa metodologia a gente mantém. Agora, nas nossas formações nós fazemos 3 trabalhos presenciais durante... são 30 meses a nossa formação e tem 3 Workshops presenciais e vivenciais para garantir também esse mínimo (Fátima Diógenes, 2022).

A prática formativa de Fátima Diógenes vai na contramão do simples racionalismo de mercado que é individualizado, apressado e não preza pela presença. Por outro lado, não seria uma tentativa de negar as novidades, pelo contrário, é uma abertura para o novo, mas com autonomia e senso crítico, e não de forma confluyente.

Então, como a Gestalt-Terapia não está sujeita a uma diretriz curricular nacional no Brasil (NASCIMENTO, 2019), os cursos de formação na área são muito parecidos, como foi vista na pesquisa do autor nas 47 instituições. Principalmente nas formações básicas, coincidem, muitas vezes, as mesmas disciplinas, como “teoria holística da Gestalt” ou suas bases filosóficas (p.67). Contudo, novas propostas da vida cotidiana surgem como demanda para as formações, e para que uma formação em Gestalt-Terapia não fique desatualizada, não perca o senso crítico e não negue tais novidades, deve ficar atenta a esses novos olhares:

Acho que tem uma questão ética muito grande hoje sabe Erick envolvida que vocês professores Universitários nos cursos precisam trabalhar bastante. A nossa própria formação em Gestalt-Terapia que vai começar só no próximo ano, nós já vamos introduzir novas aplicações da Gestalt-Terapia, novos olhares, não vai mais ser a minha formação, porque, atualmente o modelo ainda é muito baseado na minha formação, claro que já teve alterações, obviamente, que eu sou formada em Gestalt há mais de 30 anos, então claro que não é o mesmo, mas é minha inspiração, óbvio, claro, eu só posso falar do

que eu vivenciei! E como foi uma formação que eu considero muito preciosa, então eu atualizei, mas fui. Mas eu vejo que para as novas turmas eu vou ter que colocar outras coisas. Não dá mais para a gente deixar de reconhecer as novas configurações, por exemplo, familiares. Não dá mais para a gente deixar de reconhecer, as novas formas das pessoas se relacionarem. É! Mudou muita coisa mesmo! E Gestalt-terapeuta é... o que eu acho interessante na Gestalt-Terapia é que a gente precisa estar imersa na nossa realidade, no contexto, por isso que ela é contextualizada, por isso que ela é holística, nós precisamos estar no mundo. Eu tinha um professor que ele dizia que: 'quanto mais louco e mais sanado, melhor o terapeuta' (Fátima Diógenes, 2022).

Não é apenas uma inserção nas novidades apenas para acompanhá-las, mas é uma atenção à renovação da realidade, que chega em novas facetas e demandas. A abertura para estas novas demandas só podem ser trabalhadas com o desenvolvimento das instituições de ensino em direção à reestruturação de seu sistema e com vistas aos direitos das(os) educandas(os) assim como uma maior preocupação na relação educando-educador e educador-educando.

A institucionalização dos centros de ensino devem ser uma preocupação para a abertura de novas demandas sociais e assim construção de novos modelos de formação. Há uma emergência na necessidade de se rever os currículos formativos para instituições de ensino mais democráticas como Llavador (2013), ao mesmo tempo que, para as(os) formadoras(os) pioneiras(os) em Gestalt-Terapia, há uma preocupação em firmar as bases, o que explicita que tal formação é um trabalho dialógico entre passado (bases) e futuro (novidade):

A ABG também fez uma pesquisa muito interessante ainda na época da minha gestão para se fazer o levantamento dos... não que a ABG fosse fazer uma fiscalização, não é isso, mas de critérios mínimos que as formações deveriam adotar. Você não vai fazer uma formação em Gestalt-terapia em meses. Tem uma carga horária, tem estágio, tem uma produção final. Retomar a questão dos eixos básicos que a gente tinha levantado das bases filosóficas, ter uma noção dos eixos teóricos, pensamentos teóricos que construíram os pensamentos da Gestalt-terapia, daí mergulhar nos conceitos básicos, teoria do *self*, isso é básico (Lika Queiroz, 2023).

Apropriar-se dos eixos básicos e dos principais teóricos da Gestalt-terapia sustenta para a(o) formanda(o) da abordagem um caminho mais amplo e mais conciso com o compreender de sua própria formação já que vai estar ligado aos rudimentos estudados até então e eles, por sua vez, vão dar mais estrutura para abrir-se para novos caminhos.

Nascimento (2020) fala em sua pesquisa sobre dois tipos de conhecimento: o tangível e o tácito, que se pode correlacionar com as formações em Gestalt-Terapia. O tangível refere-se àqueles que podem ser codificados através da escrita e da oralidade, o que está mais perto de uma metodologia burocrática, onde a formanda(o) irá mostrar suas habilidades e rendimento na sua formação, o que não deixa de ser importante. Já o conhecimento tácito é aquele que não pode ser codificado, é um processo intangível, que pode ser relacionado aqui à continuação da pesquisa para além da formação, junto com grupos de pesquisa e, principalmente, a sempre contínua atualização do ser Gestalt-terapeuta:

Mas isso tudo para dizer que a formação não acaba, começando com o que você falou, e agora mesmo eu estou revendo o quanto que eu não sabia, o quanto a perspectiva de self e de campo elas necessariamente precisam estar envolvendo esses temas, eu acho que se o Gestalt-terapeuta, ou que é psicólogo não envolve esses temas no seu fazer clínico, ele fica meio defasado, faltando coisas... sempre vai faltar, mas acho que agora, nesse grupo, pela primeira vez, depois de muito tempo, eu vi o quanto que é necessário pensar, até mesmo perspectiva ontológica, não dá para você pensar a perspectiva ontológica, pensar numa ontologia se as ontologias não incluem o preto, ou seja o preto não é, então como se pode falar de ontologia, então assim, até a crítica a qualquer perspectiva ontológica passa por uma perspectiva crítica de pensar a questão da branquitude, da negritude, além desses outros temas de racismo, de gênero e outros temas de classe social no fazer clínico do Gestalt-terapeuta (Sergio Lizias, 2022).

Para além do conhecimento tangível, o tácito abre possibilidades de novos temas em Gestalt-terapia, além de dar uma importância para os caminhos que cada formadora(o) e formanda(o) caminha antes, durante e depois da formação. O processo do caminho é fundamental para compreender o ser Gestalt-terapeuta.

### 4.3 DESCOBRINDO OS CAMINHOS PARA AUTORIZAR-SE NO CAMINHAR

*“Este ‘agora’ é como todos os agoras, já se foi quando eu começo a notá-lo. Já se transformou em alguma outra coisa” (Stevens, 1978).*

O processo de autorizar-se pode passar por caminhos que se entrelaçam na história das(os) formadoras(es). Os encontros, as descobertas, os *insights* vão dando aberturas para o reconhecimento que sempre é compartilhado com mestres, professores, amigos e culturas, que vão dar forma para esse ser peculiar que é a(o) Gestalt-terapeuta. Este tópico trata de analisar esses caminhos trilhados na formação pessoal narrada por cada formador(a) pioneira(o) em Gestalt-Terapia no Ceará.

Reconhecer-se Gestalt-terapeuta é entender que não há regras. Por isso, não existe um caminho certo a se tomar. É um exercício de parar de tentar entender o que os outros querem e pensar no que se quer da vida, dos desejos, das ações e das emoções. Concentrar-se em si faz parte de reencontrar os caminhos da Gestalt-Terapia: eles não têm início nem fim. O percurso é responsável em relação à própria vida da pessoa, contando com formações, estudos e experimentações vivas. E é exatamente por isso que não existe alguma interpretação que seja sedimentada para todas, nem mesmo que sirva para sempre para uma mesma pessoa ou situação: a cada momento deve-se aprender e descobrir por si só que novo caminho está se abrindo (STEVENS, 1978).

Ora, para Stevens (1978), interpretações são maneiras autoritárias de definir a experiência mas, para compreender seus caminhos na Gestalt-terapia, o ser Gestalt-terapeuta deve responsabilizar a si mesmo, um olhar para a experiência imanente e correr o risco de escolher com sua própria “autor-idade”, pois é, segundo Stevens (1978), uma ilusão deixar que outras pessoas escolham por você. Então a Gestalt pode ajudar a se reencontrar. É também uma articulação espaço-temporal que dá autonomia para se autorizar em caminhos não autoritários e acreditar que são caminhos possíveis:

Então a minha formação inicial foi essa. Eu terminei a faculdade em 1980 e só em 89 que eu conheci a Gestalt-terapia e foi um encontro fascinante para mim, porque eu encontrei na Gestalt tudo o que eu já buscava, que era a liberdade, e principalmente a liberdade de criar. Acho que eu nem sabia, aliás, eu não conhecia o conceito de ajustamento criativo e com a Gestalt-terapia eu percebi como eu já fazia isso, como eu já buscava essa criatividade dentro do meu trabalho (Fátima Diógenes, 2022).

A liberdade buscada por Fátima Diógenes na Gestalt-Terapia remete ao que Stevens (1978) dizia sobre como não é uma abordagem de regras, por isso as possibilidades de se criar junto com o tempo agora são múltiplas, dando autonomia na relação da formadora com seus caminhos para a Gestalt-Terapia. Para Maria do Carmo, a Psicanálise foi importante durante muito tempo em seu caminho para a Gestalt e foi num curso de psicodiagnóstico no Sedes Sapientiae que a formadora se deparou com os primeiros sinais dessa nova abordagem em sua vida:

E o curso funcionava como um grupo de estudos: apresentava o capítulo, na época era datilografado que a gente fazia, quem apresentava ficava responsável de levar um texto. Eu me lembro demais que era um texto de Freud sobre Luto e melancolia e a minha professora da faculdade que me indicou, a Roseli Galvão. Aí eu apresentei o caso, ou o texto e depois você apresentava um atendimento que você achava que exemplificava a teoria. E aí quando eu terminei a apresentação ela me disse assim: Do Carmo, você é uma grande aluna! Realmente seus trabalhos são sempre maravilhosos, mas eu tenho que te dizer uma coisa, nessa época eu já era supervisionada dela também na faculdade, e atendia alguns horários também na clínica dela em São Paulo. Eu sou de São Paulo! Então ela me disse assim: eu tenho que te dizer uma coisa: você nunca vai ser psicanalista! Eu: como? Quase caí das pernas como se diz. E aí ela falou: não, por quê? A psicanálise é a terapia da palavra! Sempre gostei de usar o relaxamento. Sempre prestei atenção na respiração. O que mudava quando a pessoa falava isso ou aquilo. A postura corporal. 'Você está mais para Reich do que para Freud!' Então quer dizer que eu tinha uma paixão por um dos filhos revoltosos de Freud (Maria do Carmo, 2023).

Assim, o campo para Maria do Carmo se abria numa transição da terapia da linguagem, para uma terapia corporal com os estudos de Reich. A formadora estava

se reconhecendo em novas maneiras, mas essa experiência fez com que outros caminhos, outras experiências e outros estudos aparecessem para o desenvolvimento de sua terapia, a saber, uma terapia da forma e da autonomia.

O processo de autonomia e autorização está intrinsecamente ligado à ideia de campo para a Gestalt-Terapia. Segundo Francesetti (2018), o *self* emerge no campo temporal de forma espontânea, cocriando de maneira inédita as situações no momento “aqui-e-agora”, numa dinâmica de passado, presente e futuro simultâneos, não lineares, desorganizando e organizando os processos de relação junto com o outro:

Mas agora que tu falaste, eu fico pensando muito no conceito de campo. O campo organiza muito direitinho as coisas. Sergio Lizias foi meu colega de formação em Gestalt-Terapia e nós fizemos juntos o primeiro treinamento na abordagem Gestáltica para multiprofissionais. Apresentamos inclusive no congresso lá em Floripa. Nécia minha querida professora e o Georges foi meu colega de turma (Fátima Diógenes, 2022).

Fátima Diógenes traz como o campo junta os pioneiros nos caminhos da Gestalt organizando como maestro (FRANCESETTI, 2018, p. 150) de uma orquestra este encontro que vai dar desdobramentos outros para a organização peculiar da Gestalt-Terapia no Ceará e vai traçando novos caminhos para as(os) formadoras(es), buscando, em congressos e formações, se atualizarem na abordagem. Em um dos *workshops* que Lika Queiroz deu em fortaleza, em 1987, Maria do Carmo, ao se interessar por um cartas da oficina apresentado por César Wagner, fora interpelada por uma forma terapêutica gestáltica que, em sua narrativa, julgava já praticar de antemão:

Aí Cesinha [César Wagner] me mostrou um cartaz onde mostrava que Lika Queiroz iria dar um *workshop* em Maceió junto com um outro profissional, ex-marido dela, que fazia um trabalho corporal em biossíntese. Eu e Fátima Diógenes fomos para lá fazer esse *workshop*. Quando eu vivenciei lá eu disse: “Gente! Eu faço isso aí!”. Era um *workshop* de Gestalt-Terapia com um viés corporal, porque tanto a Lika trabalha dentro desse viés, trazendo o corpo para o primeiro plano da experiência, como a Jean Clark Juliano aponta, Lika foi supervisionada dela... Daí eu me toquei que eu já trabalhava dentro da metodologia fenomenológica. Porque na perspectiva Reichiana de bioenergética o terapeuta dirige a experiência do cliente a partir de uma leitura corporal, a partir da proposição dos *actings* que são exercícios tanto de enraizamento e de respiração. Só que de uma forma dirigida pelo terapeuta. E às

vezes isso não me parecia legal. Se eu propunha uma coisa e eu via que não fazia sentido para o cliente, eu tentava saber: “o que faz sentido você experimentar aqui? Qual sua necessidade? Qual a sensação presente?”, ciclo do contato né meu amigo, eu já começava a fazer. Então, qual é a sensação, qual a necessidade... Então quando eu fui fazer esse trabalho com Lika eu pensei: “Gente, eu faço assim também...”. Aí comecei a conversar com ela, porque a gente se conheceu nessa época, já era 1987 e não nos largamos mais (Maria do Carmo, 2023).

Mendonça (2022) traz a ideia de fio condutor da intencionalidade com o mundo através do corpo, em interlocução com a Gestalt, considerando as ideias de Merleau Ponty sobre corporeidade, onde há uma junção entre corpo e mundo, a essência na existência, quebrando com os dualismos assim como se propõe a Gestalt-Terapia em seus conceitos de organismo, ambiente e ajustamento criativo com o mundo. Para Fátima Diógenes, as histórias participam desse entrelaçamento, são interconectadas no tempo:

Eu trabalho muito com histórias, tanto a história da pessoa, como com histórias: contos. E eu sempre me encanto com o entrelaçamento das histórias: toda história tem seu fio condutor, então a história da Gestalt-Terapia não foge à essa regra (Fátima Diógenes, 2022).

A história da Gestalt-terapia entre as(os) pioneiras(os) no Ceará parece ser intercruzada nesse fio, não obstante, passando por várias bifurcações de práticas e teorias entre eles e ao mesmo tempo, de alguma forma, se encontrando e ajudando a criar seus caminhos na Gestalt.

Não apenas na Gestalt, mas outras formações ajudaram a construir o caminho de Fátima Diógenes, como arteterapia, análise Junguiana e até a Teoria Cognitivo Comportamental, o que pode levar a compreender o campo, não apenas de forma objetiva, mas ultrapassando a objetividade naturalista, como traz Belmino (2020, p. 97, nota de rodapé 96) diferenciando-se da ideia física de campo de Kurt Lewin, mas considerando sua dimensão temporal, que não abarca apenas os conteúdos de forma separada, mas intercala de forma intersubjetiva:

Acho que eu nem sabia, aliás, eu não conhecia o conceito de ajustamento criativo e com a Gestalt-Terapia eu percebi como eu já fazia isso, como eu já buscava essa criatividade dentro do meu trabalho. Eu fiz meu estágio na Teoria Cognitiva Comportamental (TCC) como eu falei mas em seguida eu fui para arteterapia de orientação Jungiana porque eu não me sentia pertencendo à TCC, embora minha supervisora foi, é, porque ainda está viva, uma pessoa excelente e ela me dava muita liberdade para trabalhar. Eu trabalhava com crianças inicialmente. Então meu encontro com a Gestalt foi a partir da Lika e eu me encantei tanto que eu sugeri eu ser a coordenadora dos cursos dela aqui (Fátima Diógenes, 2022).

Fátima Diógenes em sua perspectiva traz como esta ideia temporal de campo intercruza seus caminhos na Gestalt Terapia até chegar no encontro com Lika Queiróz, abrindo-se para esta nova teoria e encantando-se com ela. As influências da formadora não param por aí, o campo temporal supracitado parece se formar de maneira fluida em sua vida, e os encontros diversos que ficam em sua memória, parecem emergir como importantes caminhos para sua autorização como formadora:

Então eu fui me autorizando a ser Gestalt-terapeuta a medida em que eu fui conhecendo Lika, que eu fui conhecendo a abordagem, que eu fui conhecendo meus colegas, Sergio Lizias por exemplo, Maria do Carmo Latorre[12], Lenise Cajueiro[13], Raimundo Severo[14]. Então eu fui, no contato com eles, me permitindo criar, fazendo muitas coisas, trabalhar com arte por exemplo, que eu não fazia, que eu não me permitia, então, à medida em que eu fui... ah fui fazer terapia também dentro da abordagem Gestáltica. A minha terapeuta na época tinha sido aluna da Gercy, então Gercy é minha avó nesse aspecto (Fátima Diógenes, 2022).

Fátima Diógenes afirma a importância ancestral de seus encontros com colegas na Gestalt terapia, assim como a influência do campo temporal que marca estes encontros e sua trajetória como formadora. Mas este campo não é estático, mas fluido, é um *continuum* que não fica perfeito nunca e nem se acaba, mas que não tem um início predefinido também (JUNQUEIRA, 2022). Este conceito abraça o que aconteceu com a formadora em seus caminhos gestálticos:

Por exemplo, eu gosto muito de escrever, eu escrevo principalmente conto. Eu escrevo um conto, aí leio e escrevo de novo, aí tem um momento que eu escrevo de novo, aí tem um momento que eu digo 'Fátima para se não tu não vais publicar esse conto é nunca, porque nunca vai estar perfeito', então essa minha característica dificultou eu me autorizar como formadora. Interessante, eu estou falando agora e estou me dando conta de que, para ser Gestalt-terapeuta eu levei menos tempo, porque eu fiz uma boa formação, eu considero que eu fiz uma boa formação com a Lika, depois eu fiz pós-formação em Gestalt, depois eu fiz uma especialização em Gestalt, então eu fiz um bom percurso, além de, obviamente, estudar e praticar, eu já trabalhava há muitos anos (Fátima Diógenes, 2022).

A formadora pioneira teve um *insight* enquanto falava na entrevista em relação a sua formação com Lika e sua pós formação. Stevens (1978, p. 14) vislumbra a ideia de campo na Gestalt-Terapia neste sentir no corpo, no presente, as condições de seu próprio caminho, é olhando para si que se tem noção do todo, e rememora, assim como Fátima Diógenes, dos encontros marcados que dão sentido para seu ser Gestalt-terapeuta, não é alguma autoridade externa que deve mostrar. Ainda sobre o percurso na Gestalt-terapia, Stevens (1978, p. 15) traz que se assemelha ao Zen budismo: é um processo que pode demorar anos, não se tem uma medida certa e não se sabe quanto tempo leva para uma transformação significativa na Gestalt-Terapia também:

Eu levei muito tempo. Acho que uns 10 à 12 anos para eu me autorizar. É tanto que o primeiro curso que eu fiz que foi com o Sérgio para formadora, não foi para Psicóloga, foi para multiprofissões, tinha pedagogos, tinha assistentes sociais, tinha fisioterapeuta, tinha advogado, que foi na 'Abordagem Gestáltica'. Para mim foi um treinamento. Aí depois eu fui para pequenos cursos, pequenos cursos que eu falo é: 'Cursos de pequena duração', até poder chegar como formadora (Fátima Diógenes, 2022).

A formadora pioneira revela como foi gradual seu processo de integração nos cursos até virar formadora. Seus caminhos perpassaram por várias histórias e instituições, fazendo uma mescla como um "ser-com" o mundo que a atravessa. Ter

consciência disto, segundo (CAMPOS; RIBEIRO, 2017, p. 2) é estar integrada e se perceber não separada de suas experiências, o que a ajuda a evidenciar a importância que cada momento desse teve em sua trajetória para se autorizar:

Eu já tinha um bom caminho em escola, porque eu fui diretora de escola, tanto fui Psicóloga escolar como fui Diretora de Escola, então eu já tinha um trânsito muito bom na Educação e na Organização, trabalhei muitos anos na área Organizacional paralelo à Clínica. Então quando eu encontrei o Sérgio na formação aliado à experiência dele também em outras áreas além da psicoterapia aí nós fizemos, idealizamos e facilitamos esses cursos para outros profissionais (Fátima Diógenes, 2022).

Para esta tecitura temporal, muito importante aqui trazer a ideia de “campo cocriado” trazida por Francesetti (2018, p. 160) onde exemplifica que, na clínica, não é o cliente que tem que ser mudado, para algum tipo de comportamento adequado, mas a Gestalt-terapeuta deve compreender qual seu envolvimento junto com a história trazida. Fátima Diógenes traz isto muito bem em sua entrevista que, neste caso, não é bem uma consulente, mas seus encontros e experiências com diversos parceiros, instituições e teorias diversificadas, tanto da Gestalt-Terapia como para além dela:

Eu acho que foi minha experiência na educação. Como eu falei eu era Diretora de Escola, antes eu já tinha sido Psicóloga escolar, e eu trabalhava lá no CDH – Conselho de Direitos Humanos, e nós trabalhávamos muito dando consultoria para os professores e para os gestores de escola. Então eu lidava muito bem com isso, lidava muito bem com essa atividade. Outra coisa também que foi muito importante para mim foi a minha formação em biodança. Então eu era docente em Biodança, fazia parte da escola de Biodança do Ceará e isso me deu um manejo... assim, uma boa experiência para manejar grupos, para facilitar grupos. Eu devo muito à Biodança o que eu aprendi, todo o aprendizado para facilitar grupos (Fátima Diógenes, 2022).

Então, a formadora evidencia como a outras teorias e práticas, como a biodança, foram cruciais para seu manejo com grupos e para incorporar em seus caminhos gestálticos. Ora a Gestalt-Terapia é plástica e porosa, segundo Belmino (2020, p. 32), fala que se deve compreender a incompletude da teoria sem, ao mesmo tempo, descaracterizá-la, pelo contrário, a Gestalt-terapia detém uma abertura para o novo importante para atualização dos pensamentos contemporâneos porvir, talvez por isso o tempo para autorização seja um processo não tão curto:

Então quando eu juntei, quando eu me dei conta que eu tinha experiência suficiente e que eu poderia contribuir com a formação de outros profissionais, aí foi que eu me autorizei a ser formadora. Por isso que eu demorei tanto tempo. Quando eu terminei... deixa eu olhar... eu terminei a Gestalt antes da Biodança, da minha formação de Biodança, primeiro da Gestalt, depois formação em biodança. Ah! Ainda fui fazer Psicologia Transpessoal, terminei a minha formação em Psicodrama, menino eu fiz tanta coisa, até no Xamanismo eu fui nessa minha busca! Mas nunca saí da Gestalt-Terapia. Gestalt-terapia é minha base, é minha maneira de trabalhar (Fátima Diógenes, 2022).

Ainda sob a égide desta abertura gestáltica, Fátima Diógenes evidencia nomes que a inspiraram, como Jean Clark Juliano e Beatriz Cardela, duas importantes Gestalt-terapeutas que participaram da história da abordagem no Brasil nos primeiros grupos, que, assim como ela, viam a Gestalt-Terapia como ampla, integrativa, mas que clama também a novidade e incorporação de novos saberes.

Então é isso, essa minha bagagem, ao mesmo tempo que me fortalecia, mas me impedia. Por isso, eu ficava pensando: "e aí? Eu vou passar esse conhecimento, mas eu tenho que dizer de onde é que vem, porque eu não li nos livros dos teóricos da Gestalt-Terapia". Mas sabe um teórico da Gestalt que me ajudou muito a quebrar isso? Foi a Jean Clark Juliano e a Beatriz Cardela. Porque: eu não sei se elas também têm formação, tem estudos em Antroposofia[15], eu não sei. Com certeza elas têm uma bagagem imensa. Mas elas também trabalham muito com contos, com poesias, com histórias, com a arte... então, quando eu conheci as duas, que já faz muito tempo obviamente, a Jean Clark eu só conheci pelos livros, mas a Beatriz Cardela eu conheci

pessoalmente, que eu fiz trabalhos com ela como cliente. Então quando eu conheci as duas eu digo: “Puxa! Pronto: Duas que, a partir do que elas me inspiraram... e me inspiram, eu posso me permitir também trazer todo o meu conhecimento”, porque, na fala delas, eu percebia que elas tinham outras... outros conhecimentos além da Gestalt-terapia. E quando eu digo além, não é porque eu acho que a Gestalt-terapia seja pouca não, muito pelo contrário: é porque eu acho que a experiência do ser humano é larga. Eu acho que nenhuma teoria contempla tudo. Nenhuma! Nem a Gestalt, nem a Psicanálise, nada! Mas uma coisa que ainda me faz ficar apaixonada pela Gestalt-Terapia é a capacidade que ela tem de dialogar com as outras abordagens, aí eu gosto! Na abertura! No encontro! Porque nós trabalhamos muito com o encontro. Então assim, no diálogo... o diálogo acontece a partir de um encontro. Então a Gestalt, ela também se encontra com as outras abordagens e nesse diálogo, aí a gente pode crescer juntos. É diferente de outras abordagens, como eu lhe falei... (Fátima Diógenes, 2022).

E esta, deveras, é uma característica peculiar da Gestalt-Terapia, esta conversa entre teorias que ajudam a estudante ou terapeuta a sintetizar suas experiências e conceitos. Em sua pesquisa sobre Yoga, Gestalt-terapia e fenomenologia mundana, Mendonça (2022, p. 64) traz que a significação produzida por um sujeito remete à suas experiências, seus encontros, sua história, fazendo uma síntese desses encontros no aqui-e-agora, formando um campo de presença, através do corpo, de passado, presente e futuro. Boris recorre ao passado para falar de uma das principais influências para seu ser Gestalt-terapeuta:

Eu fazia Universidade Federal do Ceará, sempre quis fazer clínica, já tinha experiência ao longo do curso de trabalhos com grupos, gostava muito, tive professores que me apresentaram a Gestalt-terapia bem ou mal (risos)... a gente brincava que era a Gestalt-terapia né, que era aquela coisa de pôr o paciente na parede... apareceu, uma professora... tinha uma professora que conhecia professores de Recife e eles abriram uma formação em Psicodrama Triádico e eu, de início, fiquei em dúvida, mas de última hora procurei e fiz uma formação de 3 anos e tanto e tinha elementos de Gestalt-terapia (Boris, 2022).

Apesar de caminhos diferentes, é muito semelhante como os encontros dos dois formadores influenciaram nos percursos da autorização e das influências em suas práticas e teorias sobre a Gestalt-Terapia. Como diria Francesetti (2018, p. 161), é uma abordagem que tem um movimento temporal dinâmico peculiar, que, na sua presentificação como Gestalt-terapeuta, influencia de maneira vertical e geracional: a transformação se dá para além do encontro. Por isso retira a(o) Gestalt-terapeuta do enclausuramento teórico, e a(o) coloca num movimento de contínuo aprendizado e reconfiguração, como traz Fátima Diógenes:

Por exemplo a Biodança: devo muito à Biodança, mas a Biodança é uma caixinha: não dá pra você sair do que ela propõe, entendeu? Assim, é muito boa, me ajudou bastante, inclusive ela dialoga com a filosofia, com a física quântica, porém, com as outras abordagens, eu sinto que tem um impedimento: não dá para misturar as coisas! Na Gestalt, não é que se misture, para mim é o diálogo. Eu acho que a Gestalt dialoga bem com Jung, dialoga bem com o Psicodrama, e se a gente for pensar nos primórdios, nos antecedentes da Gestalt-Terapia a gente vai ver né Erick a influência que o Fritz Perls teve e a Laura também. Acho que eles eram mais livres do que os Gestalt-terapeutas que vieram depois deles, sabia? (Fátima Dógenes, 2022).

Fátima Diógenes traz a liberdade como uma abertura ao diálogo, transcendendo as dogmáticas rígidas de uma abordagem. Belmino (2020) mostra que a Gestalt-Terapia, desde sua gênese, tem uma pluralidade significativa na arte, filosofia, medicina, psicanálise, sociologia, dentre tantas outras perspectivas. O autor também enfatiza o grande encontro entre Fritz Perls, Paul Goodman e Laura Perls, evidenciando assim esta pluralidade e a enorme contribuição que este desbravamento ancestral deu para a abordagem, assim como Gercileni Campos traz na entrevista como esses traços guiam os caminhos para ser Gestalt-terapeuta:

Também você é orientando do Marcus que é um desbravador também, seguindo as trilhas do Marcus Müller, Granzotto, então... quer dizer seguindo trilhas, não caminho já percorrido, trilhas que a gente vai deixando ao longo do caminho: trilhas, marcas, traços, que têm a ver com o jeito com o qual a gente exerce a atividade da gente, a práxis da gente (Gercileni Campos, 2022).

A formadora pioneira fala das trilhas em consonância com o que Belmino (2020) traz como projeto ontológico da Gestalt-Terapia, através da teoria do *self*, saindo dos ditames positivistas, para uma temporalidade que não é estritamente fixa e concreta, mas se organizam num campo temporal inabarcável. Assim como Marcus, ela também deixou algumas trilhas e marcas a serem consideradas por outros formadores:

Comecei a fazer terapia, com a Gercy, fazia terapia de grupo, e eu fiz um grupo com ela, muito, também, muito significativo de psicoterapia de grupo, e a Gercy, já fazia, já tinha iniciado uma formação na qual eu não participava, e eu me interessei tanto que eu digo “não, eu vou fazer...”, aí já foi uma escolha (Boris, 2022).

Nestes caminhos, a Gestalt-Terapia parecia atrair novos estudantes e terapeutas por sua forma peculiar e inovadora. Segundo Mendonça (2022), o corpo é o próprio tempo atravessado de passado, presente e futuro, que leva essas marcas, que criam uma forma no aqui-e-agora. Ademais, Boris fala de suas marcas através de Gercy assim como, ela própria, fala de suas próprias marcas:

Não sei, ao mesmo tempo que eu trabalhava com eles, eu continuava me, entre aspas, formando porque a Maureen Müller, ela foi uma, e a Therése, em termos de Gestalt, foram as pessoas que eu acho que mais me marcaram, pela integridade, pela [...] muito, marcaram muito (Gercileni Campos, 2022).

Esta linha temporal, não apenas cronológica, mas dinâmica em seus encontros, faz-se vislumbrar a autorização do ser Gestalt-terapeuta nas formadoras(es). Lika Queiroz, por exemplo, teve contato com um dos pioneiros no Brasil, vindo de *Esalen*, nos Estados Unidos, onde fez um treinamento intensivo com John O. Stevens, e depois chega no Brasil cheio de energia e novidades, atraindo a atenção de muitas(os) estudantes (Rehfeld, 2007):

E é muito engraçado porque na verdade eu entrei em contato com a Gestalt-Terapia muito antes, eu ainda estava na faculdade. Foi

em [...] eu me formei em 1974 [...] eu acho que foi em 1973 mais ou menos. Paulo Barros veio de Esalem e aí em São Paulo ele abriu o primeiro grupo de vivência. E aí, a mulher dele da época, Denise Gimenez, era minha monitora, porque ela é um ano mais adiantada do que eu, falou, aí eu me interessei, eu já tinha visto alguma coisa que eu estava ajudando a traduzir porque estava traduzindo algumas coisas para ele, que Paulo criou a primeira linha de publicações em Gestalt-Terapia através da Summus aí eu fui. E era bem no estilo de Esalem, aquelas vivências *Hard* (Lika Queiroz, 2023).

Lembrar de *Esalen* e suas experiências faz parte das marcas para Lika Queiroz que ainda se apresentam tão importantes para o reconhecimento da(o) Gestalt-terapeuta. Ao falar da psicoterapia, Francesetti (2018) retoma a importância de se entender esta interlocução temporal, estas marcas, caminhos e experimentos em *Esalem*, trazidas como oficinas por Paulo Barros, passando por Lika Queiroz, entre outras manifestações, são tecituras que são “uma arena para mudança social, são investimentos no futuro” (p. 161). Não obstante, Boris traz como marcas, também, outras perspectivas:

E tinha experiência em psicodrama, ACP, Gestalt-Terapia, mas não me perguntassem por que eu trabalhava assim, o foco do presente, e outras questões, de onde é que vinha isso, eu fui descobrindo à duras penas com... a partir da filosofia (Boris, 2022).

Esta inseparabilidade entre passado e futuro é evidenciada em inúmeros estudos da Gestalt-Terapia usando a filosofia como Boris usou e usa, em sua trajetória. Junqueira (2022) usa a fenomenologia para estudar a Gestalt-Terapia de maneira não dicotômica, não só em relação à inseparabilidade do organismo/ambiente, mas também sobre várias outras dicotomias que a autora chama de ilusórias, “fruto do movimento cientificista da modernidade” (p. 21). Em contrapartida a este cientificismo, Fátima Diógenes traz uma integração com o passado no seu presente e celebra suas predecessoras:

Por exemplo no Xamanismo, participei de muitos trabalhos do Xamanismo, eu aprendi uma coisa muito importante! A valorizar o que vem antes de mim, o que veio antes de mim. Todo o conhecimento que veio antes de mim, se ele está em mim eu preciso reconhecer, valorizar e honrar e isso o Xamanismo faz muito bem. Eles têm isso muito claro! Então isso para mim ficou como um aprendizado muito forte, por exemplo: a Lika veio antes de mim, a Gercy veio antes de mim, Jean Clark Juliano veio antes de mim, então eu me inspiro nelas, mas eu sei que elas vieram antes de mim, eu as tenho em mim por todo o trabalho que eu me permiti fazer com elas (Fátima Diógenes, 2022).

Stevens (1978) fala da importância de respeitar a ancestralidade e perceber a força que ela tem nas experiências do agora, já que há um incorporamento destas experiências: “E claro que não é uma volta, eu *recordo*, entro em contato com experiências do meu passado que estão incorporadas em mim. Este é o único lugar em que essas experiências existem” (p. 19). O que não significa dizer que é uma mistura onde se pode fazer tudo, mas que a Gestalt-Terapia é uma abertura para ajudar nos caminhos de se autorizar:

Sou fora da forma. Porque eu acho que cada um de nós tem que ampliar fronteiras e não se encaixar, para poder diferenciar e dizer: ‘Isso aqui é puro, isso aqui é impuro’. Mas também não pode ‘tudo é!’. É uma capacidade de ficar se interrogando sempre: ‘Aonde eu estou indo?’, ‘Por onde eu estou indo?’, eu acho isso muito fenomenológico. Eu acho que eu continuo parecida comigo, embora [...] quer dizer, uma coisa que eu acho que ampliou o meu trabalho é o fato de que eu trabalho muito, eu acredito no inconsciente, mas não quero convencer ninguém, quero convencer ninguém! Se me pergunta eu digo, se não, eu não quero fazer essa... enfim, já tem tanto maniqueísmo [...] eu sou só mais uma com as minhas cores (Gercileni Campos, 2022).

Esta forma de perguntar sempre “onde se está” é uma maneira fenomenológica de estar *aware* da situação, porquanto, abrindo-se para a experiência do campo (BELMINO, 2020, p. 102). Esta abertura fez com que Boris também buscasse

compreender seu lugar, entre tantos caminhos na Gestalt-Terapia, sua trajetória fora bem peculiar:

A minha dissertação de mestrado que trata da psicoterapia de grupo em Gestalt-Terapia, e eu falo muito dessa coisa da psicoterapia com o processo educativo, uma educação para a vida, que fazia toda essa articulação, era um mestrado marxista, eu tive a sorte de ter uma professora que era comunista, não tinha televisão em casa, mas que confessava tinha uma, eu simpatizo com Carl Rogers. Deu-me essa oportunidade, eu queria escrever algo, e não queria escrever sobre é... relação professor aluno, era o que me ocorria na época. Eu fiz o mestrado, que tinha entrado na Unifor e tinha que ter mestrado, mas alavancou a minha formação, da mesma forma que os encontros da ACP alavancaram minha produção de artigos. Então eu comecei a estudar! “O que você quer estudar?” “Eu quero estudar grupos!” As pessoas perguntam: “Como que é um grupo?” “O que é que acontece num grupo?” E era sempre difícil dizer! (Boris, 2022).

De outro modo, Sergio Lizias também segue caminhos bem singulares, que deram forma para o que ele estuda hoje e para o modo de autorizar-se próprio:

Aí 2012, eu... teve concurso aqui na Federal da Bahia, aí eu falei ‘não, oportunidade de voltar para a terrinha’ aí nesse tempo eu comecei a trabalhar com audiovisual, meu mestrado e doutorado foi sobre gênero também, grupo de pesquisa, de extensão sobre gênero e audiovisual e psicoterapia, e eu comecei a me afastar um pouquinho mais da produção em Gestalt-Terapia, ainda era muito convidado, como ainda acontece hoje de dar módulos em institutos e tal, aí depois de um tempo a Fatinha fundou, que aí você vai ver com elas exatamente a data o centro Gestáltico, e eu passei também a fazer parte do corpo docente, de vez em quando, não era algo muito frequente não mas, como eu estava me dedicando mais à universidade então eu mesmo fui diminuindo as minhas atividades de assim, de dar aula de Gestalt-Terapia nos Institutos, só agora depois de muito tempo é que estou retomando, mas nunca perdi o contato com Fatinha como eu falei, mais que amiga é uma irmã, então de vez em quando ela me chamava para dar algum módulo no centro gestáltico e eu com muito prazer, eu adoro lá o ambiente do centro gestáltico, com um pessoal fantástico, tem muita história junta, tem muito afeto entre a gente (Sergio Lizias, 2022).

Mendonça (2022, p. 69) lembra que o campo da experiência é compartilhado. É uma temporalidade que atravessa os corpos sem uma deliberação dos sujeitos, mas que, de alguma forma, conversam entre si em suas histórias de vida. Boris e Sergio Lizias trazem seus percursos acadêmicos e se encontram nesta experiência como professores. Ao mesmo tempo que Sergio Lizias traz “fatinha” (Fátima Diógenes) como colegas que se encontraram na profissão, mas também para um campo afetivo que os convida a pensarem a Gestalt-Terapia juntos. Esta tecitura, esta ligação histórica entre as(os) formadoras(es), delineia como o campo (des)organiza estas conexões, assim como descreve Fátima Diógenes:

Hoje, eu me lembrei agora de uma coisa muito interessante, hoje era 12:39 quando eu me lembrei do meu filho, de uma coisa que eu tinha ficado de fazer para ele, 12 e quar... e fui fazer, que era pela internet. 12:40 ele me mandou uma mensagem, olha que coisa curiosa, muito possivelmente nós mandamos a mensagem um para o outro na mesma hora, a questão é que o relógio é que, um dos dois estava errado. Entendeu? Isso o que é? É campo, é conexão! Isso é conexão...! Isso... isso aqui que nós estamos fazendo é uma conexão, e eu acho plenamente possível. Quando a Lika falou disso eu digo: ‘Caramba! É isso mesmo!’, é porque a gente não sabia que tinha ou a gente não se apropriava disso, quer dizer, a física quântica já falava, eu é que não sabia. Então isso é... essa coisa maior... ‘ah, você é fã do trabalho online’, não! O que eu acho é que eu tive que me reinventar, eu tive que aprender para poder sobreviver profissionalmente, porque eu só tinha... minha experiência era toda presencial. Alguns profissionais já até trabalhavam, eu tenho amigas que já trabalhavam com o online e eu não. Então assim, se deu certo agora, e se é o que nós temos então vamos lá (Fátima Diógenes, 2022).

Para a Gestalt-Terapia, a presença sempre foi crucial, mesmo porque, assim como lembra Francesetti (2020, p. 161), a situação presente no campo é cocriada junto com o outro que se apresenta, formando assim uma intersubjetividade em que as pessoas envolvidas são coparticipantes. Contemporaneamente, a discussão acerca sobre esta presença tem que ser atravessada pelas tecnologias on-line, sobretudo quando se trata de terapia e, particularmente, da Gestalt-Terapia. Não se

pretende, aqui, fazer juízo de valor sobre tais tecnologias, de todo modo Boris frisa que a experimentação vivencial na Gestalt-Terapia, que na época era apenas presencial, é crucial para uma formação significativa:

Que é essa coisa do vivencial, eu me lembro, ao contrário de alguns, que 'ah! Essa coisa da vivência...' era a parte mais interessante. Em que as pessoas vivas se expressavam, puder compartilhar, descobrir os outros, eu descobri muita coisa, foi muito terapêutico pra mim, é claro que isso tem níveis, tem relações e relações, e nem sempre você tá ali... você não tá ali pra fazer terapia, mas eu me toquei de muita coisa pra minha vida, várias descobertas, tive momentos terapêuticos muito significativos na minha formação que eu lembro até hoje que eu tenho como referência, essa vivência do grupo, talvez até mais do que a de ser professor (Boris, 2022).

Belmino (2020) traz que “*self* é o sistema de contatos, ou seja, a tentativa de sintetizar (mesmo que nunca totalmente completa) os vários vetores relacionados do campo” (p. 104), evidenciando-se a estrutura intercorpórea e intersubjetiva que este campo, organismo/ambiente, se configura, onde a experiência não é de um indivíduo, mas sim acontece no “entre”. Assim, estar *aware* desta experiência, é compreender esta dinâmica temporal. Boris parece estar *aware* quando compreende que suas vivências de grupos tenham dado lugar para sua existência. O que não quer dizer que não hajam mais aberturas, porquanto que, na teoria do *self* evidenciada pelo autor, Boris também não é um indivíduo fechado, mas sim participa de uma experiência temporal, num *continuum* que se transforma a toda hora.

Fátima Diógenes também descreve seu lugar em seu processo de descoberta e autorização:

Então, tem um texto que fala, é de uma jornalista inclusive, é 'O vendedor de história'[...] 'A vendedora de histórias', em que ela fala de uma mulher que ela quer vender histórias, ela tem tantas histórias dentro de si que ela quer vender, e ela não encontra quem escute, não encontra. Aí um dia ela está sentada, assim, muito chateada né, triste porque não tem para quem ela vender histórias. Aí passa um senhor, aí ela diz: Moço, por favor, deixa eu lhe vender

uma história”, aí ele para, olha para ela e diz: ‘Oh! Minha história é tão feia...’, e ela diz: ‘Pois me conte!’, aí ele conta: ‘É a história de um bandido...’, a vida dele de bandido..., ela escuta, escuta e escuta, daí ela diz: “Era uma vez um menino muito pobre e muito triste que resolveu sair pelo mundo, e viu o que é que esse mundo poderia oferecer a ele, mas esse homem, esse garoto era tão mal amado, teve tão poucas oportunidades que ele começou a se desviar do caminho do bem, e aí ele foi fazendo uma coisa errada aqui, outra aculá, mas um dia ele se arrependeu profundamente, porque ele olhou para trás e viu que aquela vida não estava o fazendo feliz e ele resolveu voltar para a cidade dele e recomeçar tudo de novo.” E o homem começou a chorar e disse: ‘Mas que bela história que eu tive, que bela história...’. O que é psicoterapia a não ser isso, né? Então às vezes eu me sinto essa mulher querendo vender meus contos e ninguém quer comprar e eu faço grupo de 4 pessoas, mas eu faço. Tem que resistir! Há de resistir! (Fátima Diógenes, 2022).

Todos esses percursos são delineados para compreender o processo de ser e se autorizar Gestalt-terapeutas e a resistência é uma característica eminente na Gestalt-Terapia, que é uma abordagem que nasce disruptiva. Fátima Diógenes parece ter aprendido este jeito, e ensina aqui que, nesses caminhos, clínica é resistir.

#### 4.4. RECONHECENDO-SE E AUTORIZANDO-SE GESTALT-TERAPEUTA

*Então foi uma coisa... porque para mim... eu não posso dizer assim ‘quando foi que você se reconheceu formadora?’, não foi me reconhecer formadora entendeu? Foi assim, eu brinco que eu digo que a minha escolha de alma foi Ceará. Então quando eu gosto de alguma coisa, quando eu descubro algo que eu acho que é importante eu saio divulgando. Aí continuei estudando e a coisa foi assim, foi uma coisa muito... eu acho que as coisas na minha vida são muito assim: orgânicas. O universo vai abrindo um caminho e se aquilo me chama a algo no meu coração eu vou (LIKA QUEIROZ, 2023).*

Este tópico visa compreender na narrativa das(os) formadoras(es) pioneiras(os) do Ceará, depois de ter traçado em unidades de sentido o percurso que as(os) levaram para pensar a autorização e reconhecimento do “ser” Gestalt-terapeuta, como elas(es) pensam hoje, e como está o processo deste reconhecimento, para assim se pensar em novas perspectivas e caminhos para a Gestalt-Terapia na contemporaneidade. Apesar de não parecer ter um fechamento para esta questão:

Então Gestalt-terapeuta nunca se termina, nunca se acaba essa formação. Então você pode ter assim ‘ah! Eu sou psicólogo e posso atender! Ah! Eu sou Gestalt-terapeuta posso me dizer enquanto tal! Mas esse processo de formação, ele não termina nunca!’ (Sergio Lizias, 2022).

Assim, sobre o início de sua autorização, Maria do Carmo nos traz como foi importante ter reconhecido em Reich uma abertura para se trabalhar o corpo, a respiração e a forma, caminhos esses que têm uma força significativa da terapia gestáltica. Para a formadora, as teorias Reichianas foram de extrema importância para sua autorização e para o encontro com esta forma que já havia e pertencia a ela:

E aí eu fui estudar a terapia reichiana, a terapia energética e aí trabalhei com bioenergética e aí eu vi o quanto que eu era aquilo. Quando eu fui estudar Reich, as angústias e as colocações de Reich, tipo, não tem que interpretar tudo à medida que aparece se o paciente não tem condições de absorver de outro jeito, mas era mais ou menos isso. Ele trabalhava a coisa da forma. Como é que o paciente chegava? O início da terapia e da análise é muito importante: é preciso a educação da análise através da análise da resistência básica. Eu falei: eu gosto disso! E aí ele foi a pessoa que trouxe o corpo para a terapia. O que acontecia no corpo. Trouxe a respiração! Dizia que: a terapia tem que levar o paciente a perceber que respira! Que respira mal e que isso causa bloqueios. Isso já estava dentro de mim. Essas coisas que eu estou te falando sempre direcionaram e direcionam até hoje o meu trajeto. O que eu vou aprendendo, o que eu... como diz a minha formadora de Gestalt, a Lika Queiroz, minha comadre também, tem que tornar a teoria nossa! Isso é muito verdadeiro na minha experiência! Eu acho que eu fui me autorizando em me tornar uma

terapeuta reichiana, uma terapeuta de bioenergética e aí eu fui para o Ceará! (Maria do Carmo, 2023).

Estar atenta(o) à esta dinâmica é imprescindível para este reconhecimento. Muller-Granzotto e Muller-Granzotto (2007, p. 318) trazem que é importante que o clínico Gestalt-terapeuta se deixe afetar pelo inesperado que aparece na situação. O processo de autorizar-se parece estar atrelado a este afetar-se, para que seja surpreendida(o), não pela ganância de querer ser um bom terapeuta, mas pelo risco de jogar-se nesse caminho:

E aí eu acho que é uma responsabilidade muito grande. Eu gosto do termo formação, mas não no sentido que eu sou formadora, mas no sentido que eu convido o outro, a outra e outre a mergulharem e descobrirem um algo novo e dentro do seu trabalho, porque todas as minhas propostas sempre foram teórico vivenciais, a pessoa então vá se descobrindo e descobrindo seu estilo. Óbvio que dentro de toda uma fundamentação teórica e de todo um arcabouço, mas é a pessoa que vai encontrando seu estilo de ser Gestalt-terapeuta. Para mim isso é muito importante (Lika Queiroz, 2023).

Lika Queiroz traz o cuidado ético e profissional de atrelar a teoria com a prática, para assim estar mais segura sobre o seu modo de ser Gestalt-terapeuta. Ademais, esta descoberta de estilo, segunda a formadora, participa do próprio processo pessoal de ser quem se é:

Primeiro eu poder... o jeito de eu ser como eu sou. De eu poder... então é a questão da postura mesmo, dentro de um referencial fenomenológico, de um referencial humanista, de um encontro entre pessoas. Então poder me expressar do meu jeito, para mim isso é fundamental. Esse encontro de humanidades. Óbvio que eu não estou ali para um papo de mesa de bar. O foco não sou eu. O foco é meu cliente, minha cliente ou clientela onde esteja atuando. Mas eu poder ser eu do meu jeito. Então é isso que me... eu não

diria, eu não funcionaria de jeito nenhum tendo que ter uma postura de cara de ovo. Não é... eu sou muito expressiva para isso. Então isso seria me amarrar (Lika Queiroz, 2023).

A realidade primeira para a Gestalt-Terapia é o contato, é a experiência, é na pele, o lugar mais profundo em que se pode sentir o campo desta experimentação (PHG, 1997). Assim, estar “amarrada”, como Lika Queiroz relata, é não conseguir ser do seu jeito, pois neste campo há um convite na fronteira de contato entre o organismo/ambiente, ou, no caso da clínica e da formação, terapeuta/consulente, para ser junto com, onde aparece, num fundo de hábitos, toda a teoria, experiências anteriores, e potencialidades que vão se atualizar no presente:

Só a experiência vivida é que dá essa articulação, você fazer sentido, aquilo que você leu, que racionalmente *ok*, mas que na sua experiência, precisa ser confirmado, no contato com o outro, na confirmação, ou na revisão que alguns de nós trazemos e que muitas vezes a gente precisa rever, refazer, ‘ressituar’, é uma das preocupações, uma complicação que a gente tem tentado alertar, mas que depende muito da disponibilidade, da implicação das pessoas (BORIS, 2022).

Só na experiência junto com o outro pode-se encontrar esta dinâmica de ser quem se é. Este pensamento gestáltico corrobora com o que Fritz Perls e Paul Goodman falam em seu texto: “A teoria da ‘Remoção do conflito interno” onde deslocam a perspectiva individualista dos distúrbios de personalidade ou doenças mentais, para um distúrbio no campo (PHG, 1977, p. 63). Assim, os estilos clínicos desses autores compreendem uma integralidade com o meio que vai desvirtuar a lógica medicalocêntrica tradicional e vai dando contornos na prática das(os) formadoras(es) pioneiros do Ceará:

Eu me identifico mais com o coração[16] sem dúvida nenhuma. Agora, eu tenho que te dizer que assim que eu fiz a formação eu fui muito influenciado pelo estilo Fritz Perls, muito! Porque eu lia

muito ele, até mesmo antes das formações acontecerem eu lia muito, todos os livros de Perls então, Gestalt-Terapia explicada, que a gente via assim exatamente mas ele em ação, ali, nos workshops, trabalhando as pessoas e “tarará”, e eu tinha esse estilo mais confrontativo. Só que isso não é de mim, a confrontação, e eu achava que eu teria que fazer esse elemento... trazer esse elemento para a clínica. Em algumas vezes isso... aconteceu de uma maneira que deu certo, e outras maneiras não, que as pessoas não entenderam (Sergio Lizias, 2022).

A confrontação para Sergio Lizias fora importante para perceber seu estilo, até mesmo para negar um modo e ampliar as dinâmicas de ser Gestalt-terapeuta. De toda forma, é evidente que o trabalho com o corpo é crucial nesta abordagem, não como substância, mas como caminho de intervenção, o que corrobora com o projeto fenomenológico de PHG quando querem tratar a teoria do *self* gestáltica com o método fenomenológico (MULLER-GRANZOTTO & MULLER-GRANZOTTO, 2012, p.61):

O corpo como instrumento mesmo de trabalho, não numa perspectiva de uma reflexão filosófica, a reflexão filosófica entra, o Merleau Ponty entra como um aporte de compreensão, me ajuda pelo aporte fenomenológico, mas o corpo como manejo, recurso, leitura, como se faz isso dentro de um referencial fenomenológico, dentro da Gestalt-Terapia que é diametralmente oposta à abordagem Reichiana e às Neoreichianas que eu conheço todas... quase todas, só não fiz treinamento em Core. Mas eu ia fuçar para ver como é! Não para copiar, mas para ver como é, o que é (Lika Queiroz, 2023).

A busca em ter segurança para Lika Queiroz a fazia permutar por várias áreas do conhecimento, tomando várias fontes que, de alguma forma, faziam uma ligação com a Gestalt-Terapia. Este processo é relatado por Robine (2006) como uma dinâmica de acumulação e assimilação, onde raramente se rejeita os aprendizados antigos e se percebe a incompletude da abordagem, fazendo com que se deva procurar em outras teorias complementos para se pensar contemporaneamente, não a qualquer preço ou de qualquer modo, mas sim numa dialética onde se busca os conflitos das diferenças epistemológicas sem uma assimilação prematura. A segurança em autorizar-se parece seguir este caminho de cuidado com a teoria

reconhecendo seus limites, tanto da abordagem quanto de si próprio. Boris lidou com esta situação fazendo grupos de estudos:

Quando eu terminei a formação, havia um interesse de muita gente e eu não me sentia com segurança para dar uma formação, então abri grupo de estudos, era muita gente, eu me lembro que eu fiz dois grupos de estudo, que era um grupo grande de vinte e tantas pessoas para eu administrar, pelas datas e pra... e as pessoas começaram a pedir formação. Eu não me sentia seguro, eu convidei a Gercy para fazer formação (BORIS, 2022).

Boris vê em Gercileni Campos um apoio para sua insegurança, ela não só foi uma grande influência para as(os) outras(os) formadoras(es) como também referência para esta autorização. Müller-Granzotto e Müller Granzotto (2007) trazem que o contato é uma experiência temporal. É a experiência primeira que constitui o real. Mas não é um lugar substancial, mas sim, um presente atravessado pelo passado, retido em outras experiências, para um futuro potencial. Boris vê na sua narrativa do seu ser Gestalt-terapeuta a importância de Gercileni Campos em sua história, apesar de que esta seja atravessada por uma temporalidade diversa:

Então, essa palavra 'Autorizar', que é uma palavra acho que do Século 21, quer dizer... pelo menos muito em moda agora. Naquela época, a gente não... não fazia parte de nosso vocabulário, mas fazia parte de nosso vocabulário o desejo de aprender essa busca de coleguismo, essa junção de esforços facilitação do companheiro. Então eu acho que isso era uma coisa nossa sabe? E cada um de nós de alguma forma foi nas suas cidades nas suas regiões (Gercileni Campos, 2022).

Companheirismo parece ser o caminho para Gercileni Campos, que coloca este movimento como central a falar do seu ser Gestalt-terapeuta. Neste sentido, entrar em contato com sua autorização tem a ver com o que ela chama de "coleguismo", junto com o outro. Entrar em contato e tomar consciência de si, segundo

Robine (2006), tem a ver com o fato de o indivíduo não poder ser considerado uma mônoda, mas sim uma temporalidade junto com o outro. É nesta fronteira entre o organismo e o ambiente que há a experiência, o que corrobora com a “junção de esforços e facilitação do companheiro” que, em certa medida, constrói a autorização do ser Gestalt-terapeuta neste “entre”. Sergio Lizias, em sua narrativa, dá um exemplo de como trabalhou este contato e interação com grupo de modo que uma das consulentes percebesse a relação entre ela e seus companheiros:

Um exemplo de uma pessoa que, eu facilitava na época um grupo de terapia, aquele grupo de terapia que hoje não existe mais, praticamente na década de 90, tinha muita proliferação de grupos de terapia. Grupos de psicoterapia de um ano com contrato, com tudo, era bem legal. E eu facilitava com uma colega, um grupo de psicoterapia, psicoterapia de grupo, e eu me lembro que tinha uma pessoa que ela estava falando, falando, falando, e ninguém dava atenção para ela. Ela falava mas parece que não... deitava... que a gente trabalhava uma coisa também que era muito legal nas primeiras formações em Gestalt-Terapia, que a gente trabalhava tudo com almofada, eu acho legal o centro gestáltico lá porque Fatinha mantém isso, essa coisa da almofada e do tatame sabe? Eu acho muito legal, você se sentar na cadeira e assistir aula de Gestalt-terapia é diferente de você sentar numa almofada e ter uma aula lá. E, nos grupos de psicoterapia também era assim, almofada, tatame, aqueles colchonetes, e a pessoa falando e ouvia que as pessoas se deitavam assim, às vezes um deitava no colo do outro, deitava na almofada, e ia ali mostrando que não estava prestando atenção na fala da menina, e eu cheguei para ela e falei para ela ‘eu sei que o que você está falando deve ser importante, mas a sua fala não está impregnando aqui o grupo, chega eu cheguei em até algum momento a sentir sono!’ E aí, pêy! Bati! Aí ela falou: ‘quer dizer então que o que eu estou falando não está sendo interessante para você?’ aí eu falo assim: ‘Não é que não seja interessante, imagino que sim, mas a forma, alguma coisa não está chegando, veja o grupo!’, aí eu mostrei para ela o grupo, estava todo mundo deitado, não sei o que e tal, aí ela olhou assim, e ficou brava comigo, ficou muito brava comigo. Mas aquilo foi legal porque quando eu fiz esse assinalamento, o grupo despertou, não só ela, como o grupo todo e, nesse sentido, foi algo que eu arrisquei falar de um modo bem confrontativo e isso foi engraçado porque ela criou um vínculo comigo de respeito (Sergio Lizias, 2022).

Ao falar de “forma”, Sergio Lizias retira a consulente da sua percepção de “mônoda” independente e a coloca em relação a seus companheiros, pois esta forma é delineada à medida em que se entra em contato com as(os) outras(os), o que denota a influência intrínseca do ambiente com sua própria experiência. Segundo Perls, Hefferline e Goodman (1997), não há função alguma que se complete sem objeto e ambiente. Por isso, nunca se teorizará em Gestalt-Terapia sobre o organismo isolado, pois “isto é simplesmente uma ilusão devida ao fato de que o movimento através do espaço e os pormenores internos chamam a atenção a si próprios em comparação com a relativa estabilidade e simplicidade do *background*” (p. 43). Para ser e se autorizar Gestalt-terapeuta, esta dinâmica é considerada pelas(os) formadoras(es) pioneiras(os) do Ceará. Fátima Diógenes relata em sua narrativa como o suporte de Lika Queiroz foi importante para este reconhecimento:

Então assim, para eu me permitir ser Gestalt-terapeuta foi a partir da formação que eu fiz com a Lika, foi a partir da minha terapia pessoal e obviamente quando eu comecei a aplicar (00:07:05) e a me experimentar dentro do meu trabalho. Então foi mais ou menos isso, a partir daí. O que me encantou na Gestalt foi ela não ser, como ela se diz (00:07:20) exatamente uma teoria ou uma técnica, como ela se diz, ela é um estilo de vida, então, para mim, isso faz todo sentido. Fez na época, era tudo que eu buscava e faz todo sentido, continua fazendo todo sentido, eu tenho formação em várias outras abordagens inclusive no Psicodrama, como eu falei é uma influência muito forte da minha formação, mas nenhuma eu tive um encontro tão profundo quanto o que eu tive com a Gestalt-Terapia. E o Gestalt-terapeuta eu acho que ele se autoriza. Eu dou formação, trabalho com formações no centro Gestáltico, mas eu sei que o certificado é apenas um papel, cada pessoa se autoriza à medida em que se concebe como o ser Gestalt-terapeuta (Fátima Diógenes, 2022).

Fátima Diógenes se reconhece como Gestalt-terapeuta junto com seu processo histórico de formação, com Lika Queiroz e com suas influências teóricas. O campo organismo/ambiente temporal, então, é considerado, como mediador destas relações e a “concepção” como o ser Gestalt-terapeuta, que estaria ligada à uma

tomada de consciência ou *awareness* do contato (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2007, p. 199).

Aqui poder-se-ia comparar a dinâmica de se reconhecer e se autorizar Gestalt-terapeuta como uma forma de ajustamento criador como uma ação de recriar a própria história frente às possibilidades abertas pelas contingências materiais num *continuum* de *awareness* em proveito de um sistema de contatos denominado *self*. Neste campo de co-presença, portanto nunca individualizado, a atividade do *self* é a formação de figura e fundo relacionados ao campo histórico temporal junto ao meio. Portanto, a teoria do *self* e corroboração com as narrativas das(os) formadoras(es) pioneiras(os) no Ceará, não se pode analisar de forma caracterológica, sem considerar esta temporalidade:

A gente não analisa no sentido caracterológico, a gente não trabalha com tipologias em Gestalt-Terapia. Então o trabalho da terapia Reichiana e da Neoreichiana é de fora para dentro, os trabalhos nossos são de dentro para fora. Quer dizer, dentro da minha perspectiva. Tem um outro ponto que é importantíssimo: Nós não trabalhamos quebrando a defesa, pois a defesa para nós faz parte do ajustamento criador e da sabedoria organísmica, faz parte da autorregulação. Dentro das abordagens Neoreichianas eles têm um aporte que justifica, não é maluquice, está entendendo? Mas é um aporte teórico diferente: eles trabalham quebrando a defesa para que o conteúdo possa emergir. O nosso é o oposto, a gente trabalha desenvolvendo o suporte para que o conteúdo possa emergir. Então eu trabalho muito o corpo dentro da perspectiva do desenvolvimento do suporte interno, como o suporte interno está expresso no corpo, costumo dizer: “o que a gente não expressa, o corpo grita!”. Então esse olhar: “O que é que o corpo está gritando...? De que forma...? Como...? (Lika Queiroz, 2023).

Neste sentido, quebrar a defesa é deixar vulnerável uma formação de figura/fundo onde a(o) sujeita(o) se ajustou criativamente. Por isso, compreender os caminhos para autorizar-se tem mais a ver com estar mais consciente destas defesas ou conflitos do que um conjunto de regras topológicas que desconsidera a temporalidade do campo (PHG, 1977).

Boris foi tornando-se consciente sobre sua forma de ser Gestalt-terapeuta à medida que experienciava, também, outras abordagens:

Eu fui confirmando que essa é a forma que eu sei que func... consegue funcionar, que funciona pra mim, que faz sentido, que condiz com minha percepção de mundo, e não se trata de dizer que o que não é isso é errado, eu não conto pra todo mundo, porque pode parecer estranho, mas eu fiz análise de 2016 até o início da pandemia. Eu não vi essas diferenças todas, eu aproveitei o que me serviu, mas eu não consigo funcionar, ou não faz, pra mim sentido funcionar daquele modo. E foi útil é claro. E não se trata de dizer que isso é errado. Não é o meu modo de funcionar, da mesma forma que não funcionaria com um modelo positivista cognitivo comportamental em que eu passo tarefas... sei lá! Vou nem entrar para não dizer absurdo (Boris, 2022).

No processo de autorização, parece que saber disso se torna fundamental, assim como é fundamental reconhecer de que modo a(o) formadora(o) funciona melhor, de modo que, ao mesmo tempo, não se agarre numa perspectiva fixa e se abra para o que de novo apareça para complementar sua abordagem. Gercileni Campos concorda com Boris que as várias abordagens são modos de funcionar:

Eu nunca gostei muito de casta, eu sempre acho que a verdade não está dada nem aprisionada com essa escola de filosofia ou aquela, mas que são olhares diferentes que privilegiam aspectos diferentes e que trazem a sua contribuição para o saber, para o conhecimento, para... então a gente faz o melhor que pode, o melhor possível (Gercileni Campos, 2022).

As contribuições de várias abordagens e outras perspectivas ajudaram até no desenvolvimento da Gestalt-Terapia. Perls, como foi dito, estava sempre com artistas, jornalistas, médicos, psicanalistas, anarquistas, beatnicks (SUASSUNA; HOLANDA, 2009).

A forma de atuação de Perls fora permeada por influências diversas e esta forma influenciou diversos terapeutas mundo afora, inclusive no Ceará do Brasil.

Sergio Lizias, ao narrar as influências que Perls teve em sua prática gestáltica, destaca a importância de ter reconhecido e depois negado algumas destas formas:

E aí fui começando a rever, falei assim 'cara, não é meu isso! Não é meu! Eu posso dizer essas coisas mas de outra maneira'. Pode arriscar de a menina chegar e dizer assim: 'Então vá todo mundo para a puta que pariu, eu vou embora, eu vim para falar e vocês não estão me ouvindo'. Então, que, Perls trabalhava muito com frustração, então ele entendia que a neurose era uma forma de manipular o mundo e a própria pessoa e... lembro-me que, até no livro 'Isto é Gestalt' que ele e o Erick, seu chará, Erick Van Dusen, eles vendo algo parecido, de uma mulher falando no grupo e eles começaram a rir, Erick começou a rir, Perls olhou ele rindo e começou a rir também, eles estavam rindo da senhora Neurose, vendo a Neurose lá da pessoa (Sergio Lizias, 2022).

Identificação e alienação do que faz sentido para a experiência e o que não faz são questões para saúde e doença para a teoria do *self* gestáltica (PHG, 1997). O que não é interessante, pois não se identifica como organicamente da pessoa, é alienado, alijado, para que dê lugar à figura de real interesse. Estar consciente foi essencial para que Sergio Lizias se autorizasse ir para outros caminhos que não aqueles em que tinha características diretas com o modo de Perls, ao mesmo tempo sem deixar de se identificar com o que era interessante para ele, mas participando desta experiência de campo temporal organismo ambiente (PHG, 1997, p. 49). Para Fátima Diógenes, participar desta experiência requer muito trabalho pessoal:

Para mim, para eu me reconhecer como Gestalt-terapeuta e me aprofundar nela através das vivências, dos workshops, eu fiz muitos trabalhos pessoais, muitos mesmo. Eu tive o privilégio de fazer uma formação em que nós entrávamos na sexta-feira à noite e só saíamos no Domingo à tarde. Foram 30 meses, 36 meses aliás, de imersão. Então eu acho que isso foi fundamental. E inúmeros Workshops, inclusive um que existia, que hoje não existe mais chamado "Em comum", que era um trabalho que existia de um grupo de imersão que duravam 10 dias. Então para mim foi fundamental, fundamental a vivência, a experimentação, eu considero como fundamental (Fátima Diógenes, 2023).

As oficinas (*workshops*) em Gestalt-Terapia, foram cruciais para a formadora e sua autorização. Boris (1992; 1994; 2004) já se debruçava em pesquisas para enaltecer a importância do grupo em Gestalt-Terapia para a formação das(os) estudantes. Não só ele, mas este parece um tema em comum através das(os) formadoras(es) pioneiras(os) no Ceará. Ao se deparar com uma oficina de Lika Queiroz, Maria do Carmo ficou encantada e impelida a desenvolver suas práticas teórico-vivenciais em Gestalt-Terapia:

E aí eu falei com a Fatinha, minha amiga Fátima Diógenes: “Vou convidar Lika para dar uma formação para a gente lá”. Fátima empreendedoríssima: “Vamos Maria, vamos! A gente organiza”. Daí conversamos com Lika, e ela e o ex-marido foram dar a formação que começou no final de 1989, foi o primeiro *workshop*. A gente fazia de forma residencial, que a gente ia para uma casa de praia ou no sítio e passava de sexta à noite até domingo à tarde trabalhando. Teórica-vivencialmente (Maria do Carmo, 2023).

O trabalho experimental em grupo, e que trabalhe a interação, fornece um campo de crescimento que alarga as possibilidades da formação teórica e prática, como exemplifica Lika Queiroz em sua prática docente:

Está sempre presente. Eu nunca começo... aliás em qualquer lugar. Se você perguntar aos meus alunos na faculdade a aula de 15 para às 9 da manhã o pessoal entra em sala e eu estou fazendo trabalho de corpo. Durante a formação começa a ver [...] começa a baixar a energia do grupo: ‘Levanta meu povo!’, e aí a gente vai encontrando... e a pessoa... e aí vai desenvolvendo. Como eu falei, o trabalho da Gestalt-Terapia é de dentro para fora, então uma das coisas importantes é o desenvolvimento da propriocepção. O corpo está presente em tudo que eu faço, mesmo online! Seja trabalhando online ou trabalhando presencial (Lika Queiroz, 2023).

O trabalho em grupo ajuda no desenvolvimento da *awareness* na emergência da figura de interesse atual, não sendo apenas uma simples assimilação, mas uma transformação em conjunto de histórias que se entrecruzam frente às possibilidades abertas como desreve Robine (2006) com as(os) outras(os) num campo intergrupal. Boris enfatiza isto em sua narrativa:

Eu gosto da coisa do grupo porque assim, “ó gente, você aprende com o outro”, às vezes nós que temos mais experiência, no papel mais de professor entre aspas e tutores, não percebemos certas coisas que você que tá no mesmo barco e vivendo a semelhança do outro pode perceber e a gente né... então é importante ouvir o colega que tá vivendo isso, e a gente vê às vezes “ó a gente eu faço assim, aconteceu uma coisa semelhante”, e aí as parcerias surgem e elas funcionam de uma forma que eu acho que é significativa, não é simplesmente porque... “ah, somos colegas, fazemos Gestalt-Terapia”, fazemos juntos e eu sei de você e você sabe de mim, eu te ajudo e você me ajuda (Boris, 2022).

Assim, o fazer conjunto, indicando a teoria de campo da Gestalt-Terapia onde “A experiência se dá na fronteira entre o organismo e seu ambiente, primordialmente a superfície da pele e os outros órgãos de resposta sensorial e motora.” (PHG, 1997, p. 41), é a experiência de assimilação, identificação e alienação das experiências, histórias e encontros que se vivem juntos com a experiência de outras pessoas e ambientes. A construção da autorização se dá para além das formações, que poderiam ser consideradas ambientes de facilitação e *awareness* do processo, mas não como determinantes ou únicos lugares para tal. A história, as influências, experiências e caminhos pessoais têm suas parcelas de importância no ser Gestalt-terapeuta:

Mas eu acho que foi um privilégio mesmo. Então, toda coisa da contracultura, nos estados unidos foi nos anos 60, 70, mais pros anos 80, final dos anos 70, mais para os anos 80 e enfim, a minissaia, os beatles, cinema novo, Glauber Rocha. Tudo isso eu acho, é isso que eu digo sabe? não é um curso que faz o terapeuta, são as experiências que ele agrega e faz uma alquimia junto com o que ele lê, de teatro, de música, de... e aí a gente vai ter... eu não gosto de coisa seriada. Eu gosto da originalidade de cada um. Então isso é muito bom: permitir... (Gercileni Campos, 2022).

Uma originalidade privilegiada por uma época, de percalços, mas também de muita arte, revolução e construção de políticas libertárias (CAMPOS, 2006), o que possibilitou uma autonomia para esta originalidade, para além dos cursos, mas também para uma vida política que pensa a sociedade em conjunto. Sergio Lizias

traz, em sua narrativa, uma descrição dos perigos de se fechar nas formações, nos diplomas ou de não procurar uma continuidade no processo de autorização:

Então é fenomenológico você abrir mão de qualquer preconceito, prejuízo, ao mesmo tempo se você tem conhecimento sobre esses elementos vai te dar mais condição de você pensar aquela demanda junto com a pessoa que está vivendo ali, se você não sabe vai atrás, vai ler, vai fazer curso, não vai dizer assim 'ah, pode deixar que eu dou conta', acho que tem essa onipotência na gente, no psicólogo, a gente acha que pode dar conta de tudo, e aí vai e faz os trabalhos mal feitos, a pessoa sai pior do que chegou e ele vai ficar o resto da vida tentando se justificar perante a consciência e perante o trabalho mal feito que ele sabe que foi mesmo. Então não é fácil não a gente estar se atualizando o tempo todo, fazendo cursos realmente ou *workshops*, eu falava assim... o pessoal falava assim 'eu desconfio de quem não faz psicoterapia e queira trabalhar' que nunca fez um trabalho de aprofundamento, de catarse, sabe? De sair do ego... sair do ego a gente nunca vai conseguir sair, mas fazer exatamente o que Perls, Hefferline e Goodman entende, falam... no sentido de treinar o ego, treinar o ego e seus mecanismos de identificação e alienação. Então você não dizer... não deixar que o ego tome conta, mas você está aí analisando como seu ego está querendo tomar a dianteira de situações que mostra que tem ali coisas que talvez precisam ser melhor trabalhadas e só vai com muita terapia, workshop e a vida mesmo que vai te trazendo situações que você vai precisar estar bem atento para estar nesse percurso, porque eu acho que a clínica, a psicologia é quase algo assim, digamos assim missionária, algo missionário quase que sagrado, Ponciano é que coloca muito isso, mas não chega a ser esse fetiche todo de sagrado, mas acho que no sentido de você ter o maior cuidado, porque você sabe que o que sai de sua boca pode abrir uma ferida como pode cicatrizar ali algo, então ajudar a cicatrizar. Então é muito complexa e muito delicada a formação em Gestalt-Terapia (Sergio Lizias, 2022).

Para Sergio Lizias, estar atento ao cuidado é crucial para autorizar-se Gestalt-terapeuta, em uma complexa construção entre abrir-se e perceber-se na fronteira de contato, de maneira que este cuidado esteja sendo trabalhado com *awareness*. A complexa e delicada caminhada para autorização é, também, um olhar para as histórias que permeiam estas relações. Perls (1977) ressalta que a psicoterapia

gestáltica tem como objetivo presentificar o conflito, e não o retirar, ao mesmo tempo que se deve observar como as estruturas hegemônicas de poder são intrusivas nas relações, impedindo o “fluxo de ajustamento criador” (p. 65). Fátima Diógenes, sobre as repercussões de se autorizar, fala como as várias teorias estavam fazendo-a viver uma ambiguidade:

Então é isso, essa minha bagagem, ao mesmo tempo que me fortalecia, mas me impedia. Por isso, eu ficava pensando: ‘e aí? Eu vou passar esse conhecimento, mas eu tenho que dizer de onde é que vem, porque eu não li nos livros dos teóricos da Gestalt-Terapia’. Então, quanto mais louco e mais sanado, melhor o terapeuta. O que isso quer dizer é que a gente precisa estar aberto, que a gente precisa se jogar no mundo, que a gente precisa experienciar. Lembra do arquétipo do curador ferido? Ele nunca se curou, mas ele entendeu finalmente o poder de curar outras pessoas mesmo não tendo curado a si mesmo. Então eu acho que o terapeuta... que o Gestalt-terapeuta é aquela pessoa que sofre, tem conflitos, que tem traumas, que vive, que se relaciona, que está no mundo, que erra para caramba e mesmo assim é capaz de ajudar o outro. Olhar para si mesmo, a sarar as próprias feridas (Fátima Diógenes, 2022).

Trazer o mito do curador ferido[17] faz com que, na narrativa de Fátima Diógenes, a ambiguidade no processo de autorização apareça como abertura, mas num dualismo entre razão e emoção, não como polaridades dicotômicas, mas numa dialética gestáltica que não se deixa determinar-se sem um *Devir*, assim como no mito, onde curador, já atravessado com a dualidade humano/animal, agora deve continuar com a cura dos outros sendo ele mesmo ferido (TORRES, 2023, p. 2).

Lika Queiroz ainda traz, em sua narrativa, a importância de reconhecer esta ambiguidade no ser Gestalt-terapeuta, mas com o cuidado para não negligenciar a preparação e os estudos que vão dar suporte para o encontro:

A Gestalt-Terapia ser aberta no sentido de se criar o seu estilo, mas dentro do arcabouço teórico. Então um Gestalt-terapeuta, eu costumo dizer que a gente trabalha *a posteriori*. Então a clientela traz algo e é a partir disto que é trazido, a partir da relação que você vai criar propostas. Mas isto não quer dizer que isso caia do céu ou é aleatória, não é achismo, muito pelo contrário, isso demanda muito mais conhecimento. Então eu sempre digo que o

Gestalt-terapeuta tem que ter competência pessoal e competência técnica. Então ele tem que estar com o arcabouço teórico tão assimilado... porque se você me perguntar: 'por que que você fez isso agora?', embora isso tenha surgido a partir da relação do agora, eu vou saber te explicar: 'eu fiz isso porque meu cliente trouxe isso e mostrou que é suporte para isso, a partir disso, e eu estou trabalhando nesse nível de gradação, para poder apreender e ele poder trazer o significado dele, eu estou fazendo uma redução fenomenológica a partir disso que foi trazido, eu estou trazendo uma pesquisa daquilo que estava no fundo que é um em-si da coisa para poder emergir como coisa em-si, para isso eu precisei fazer isso, para desenvolver suporte tal. Por que é que eu escolhi esse recurso...'. Então eu devo saber explicar teoricamente o que eu estou fazendo passo-a-passo. Então para isso eu preciso estar com toda a teoria bastante internalizada. Então você precisa estudar muito! É só realmente sabendo é que você pode fazer essa entrega para a relação e surge algo que não é achismo. Porque isso é uma irresponsabilidade, isso é uma falta de ética (Lika Queiroz, 2023).

Na narrativa da formadora pioneira, estudar constantemente é uma questão ética para com a(o) outra(o) e para com o seu próprio ser Gestalt-terapeuta, sempre inacabado, mas se construindo de modo que não seja, ao mesmo tempo, qualquer coisa, jogada sem fundamentos teóricos. Assim, Boris narra como ele percebe esta construção com suas(eus) alunas(os):

Às vezes eu vejo em alunos lá da Universidade, eu digo para elas 'Ó, você tem uma boa... um bom...' Eu convido... eu digo 'ó investe nisso...' né? Outros a gente vê que estão ali ainda perdidos cumprindo papel e tem algumas questões concretas: participação, trazer questões, se questionar, que tem a ver com a relação que você vai estabelecendo. Algumas pessoas passam mais ao largo, não quer dizer que elas não são boas, ou porque não... né? Outras se destacam mais por um envolvimento, um compromisso, uma participação, trazer questões, questionar o próprio texto, a sua própria experiência (Boris, 2022).

Então os destaques para ser Gestalt-terapeuta são variados e a(o) formadora(or) tem que ficar atenta(o) pois é contínuo, é um movimento do todo em cada ponto, em cada um e cada um se desdobra de novo no todo, pensando

gestalticamente através do trabalho de Robine (2006). Neste fluxo, autorizar-se torna-se uma tarefa itinerante e aberta, entre conteúdos e lugares no mundo, nunca estática, como traz Gercileni Campos em sua narrativa:

Quando eu cheguei aqui eu já... eu ficava viajando para São Paulo, viajando para São Paulo para fazer esses Workshops, porque a gente aprendeu na vida, vivendo. A gente aprendeu menos nos livros, mas os Gestalt-terapeutas que vinham de fora, eles ficavam fim de semana com a gente. Teve o Zinker. Isso já foi mais pro final dos anos 80. Teve o Gary Yontef que veio. Amo o Gary Yontef. Cara muito bom, muito bom. Muito sério. Aquele francês... (Gercileni Campos, 2022).

Neste fluxo já ressaltado em sua ambiguidade, as(os) formadoras(es) afirmam a importância de estarem alinhadas(os) entre teoria e prática. Gercileni Campos ressaltava aqui a experimentação do “aprender vivendo”, frisando o cuidado de não estacionar apenas na academia, nos estudos, numa sala de aula. Sergio Lizias também traz em sua narrativa a consciência sobre o dualismo, em seu caso, de insegurança e audácia, como ele foi importante para construir seus caminhos de autorização:

Eu demorei um tempo, eu me sentia muito inseguro quando... mesmo formado, mesmo com formação em Gestalt-terapia, de atender. Ao mesmo tempo a insegurança me mobilizava também a aprender as coisas, eu tinha uma mistura de insegurança e audácia, então eu fui fazendo as coisas e tal e isso é muito engraçado a sua pergunta porque mesmo sem saber as coisas eu fui atrás e hoje isso é tão presente na minha atividade como professor, eu pego alunos às vezes do quarto período, levo eles para a chapada diamantina para escutar pessoas, ‘vamos fazer intervenção?’, ‘não! Vamos só escutar, só escutar na escuta fenomenológica’, e dessas experiências as pessoas chegam e dizem assim ‘óh professor, depois disso, o que eu sinto é que eu quero mesmo é psicologia’, eu vi vários e vários depoimentos sobre isso. E exatamente nesse sentido, nesse crédito sabe? Acho que, quando o facilitador, o professor, o instrutor que estiver na Gestalt-terapia, sei lá, o formador, ele tem esse crédito de confiança, rapaz, parece que só precisa disso, o outro mesmo não sabendo vai encontrar. Vi uma menina dizendo assim ‘eu nunca tinha me dado conta do quanto que eu sei intervir bem em Gestalt-Terapia’, eu

falei 'de boa, exatamente isso, você intervém muito bem'. (Sergio Lizias, 2022).

A co-criação junto com a(o) outra(o), de formador(a) junta(o) com formanda(o) faz da autorização em ser Gestalt-terapeuta uma troca. Neste caso, Sergio Lizias percebe-se nesta realidade de contato identificando-se no tempo com sua autorização à medida em que dá espaço para autorização das formandas corroborando com a ideia de *self* gestáltica que não é uma condição imutável, mas potencialidade que se abrem em conjunto (ROSANE GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012).

Nestes caminhos, Fátima Diógenes enfatiza a integração para autorizar-se junto com a(o) outra(o) e o intercâmbio entre os estudos da teoria e vivê-la:

A terapia individual e grupal, eu acho muito importante o Gestalt-terapeuta se experimentar tanto individualmente, na terapia individual, como no trabalho de grupo. Eu acho que grupo ensina demais, muito, muito, muito, muito, muito mesmo! Leituras obviamente, e viver. Viva! Se relacione. Veja pessoas, faça coisas diferentes, entre em contato com os recursos internos que você tem, se conheça, já que o objetivo final, seja qual abordagem você for, é conhecer a si mesmo, conhecer a sua história, compreender a sua história, valorizar a sua história, se apaixonar pela sua história, enfim, para mim o Gestalt-terapeuta ele tem que estar no mundo, na vida, porque a Gestalt é uma Gestalt viva, o Naranjo dizia isso, Gestalt viva! Fritz Perls para muitos era um louco, para mim era um visionário, uma pessoa fantástica e ele se permitiu viver, e como viveu! Até por conta da época dele, da... dos Hippies, do movimento de contracultura de onde nasceu a Gestalt, olha aí de onde é que nasceu a Gestalt, onde? No movimento de contracultura! Então é isso que eu digo: viva! Resumindo é isso: Viva! Vá para o mundo! Experimente! Veja o que faz sentido para você! Construa sua história! E para construir a história a gente precisa saber o fio condutor dela, né? Saber de onde você veio, o que você está fazendo aqui e para onde você quer ir, mais ou menos isso! (Fátima Diógenes, 2022).

Rosane Granzotto e Müller Granzotto (2012), quando trazem a teoria do *self*, falam desta organização integradora, com histórias e com os ambientes em que se participa. Ter consciência para onde se quer ir, construir a história, o que faz sentido, tudo isto são formas de integração com o *self*, com o fundo de hábitos que representa

os perfis retidos, como com as potencialidades, horizontes de futuro, prospectados por estes perfis que vão abrir para novas experiências, continuamente num “via-a-ser”:

Você parte do pressuposto que toda realidade é realidade significada, o ser humano como ‘vir-a-ser’, como é que eu defino para ele, para ela, para elu o que deve ser, o que deve seguir. Se eu digo que não há verdade absoluta. Que o que existe é o que está sendo a cada momento. O Jorge usa 3 frases que eu gosto muito: O do Zinker, o Gestalt-terapeuta tem permissão para ser criativo, a da Laura, mas não improvise, a Laura discute muito isso no *‘Beyond the boundary’* e da Petruska Clarkson: ‘O limite é a ética e a não violência. E isso é muito importante!’ (Lika Queiroz, 2023).

Autorizar-se, então parece ser um inacabamento, mesmo que consciente no presente, mas integrado às próprias possibilidades do porvir. Compreender o tempo contemporâneo torna-se, então, fundamental para ser Gestalt-terapeuta, assim como narra a formadora pioneira:

Erick eu acho que o tempo ele, realmente, não anda para trás. Então não adianta mais a gente estar se lamentando, não adianta mais! Ou a gente encontra uma nova forma ou a gente vai ficar só olhando para o retrovisor do carro e aí esquece que tem um caminho a seguir (Fátima Diógenes, 2022).

Os caminhos contemporâneos para autorizar-se e ser Gestalt-terapeuta repercutem das histórias narradas pelas(os) formadoras(es) pioneiras(os) no Ceará. Nas narrativas, elas(es) encontram-se nesta temporalidade gestáltica, entre passados, presentes e futuros, que abrem possibilidades para novas configurações de ser Gestalt-terapeuta:

É um prazer grande ser lembrada e estar aqui com você, eu acho muito bacana quando os jovens têm interesse em conhecer as raízes, conhecer sobre o passado, para realizar o presente e produzir o futuro adequado, adequado não no sentido de adequado mesmo, mas no sentido de produtivo, enfim, de reinventado, de não ficar na mesmice, nas nossas conversas prévias, nossas trocas de mensagem, me fazem supor que você é um desses jovens curiosos e para frente! (Gercileni Campos, 2022).

Construir o ser Gestalt-terapeuta atualmente abre-se, então, junto com as narrativas das(os) formadoras(es) pioneiras(os) no Ceará, para uma reinvenção no aqui-e-agora, para uma *awareness* da novidade porvir, uma integração grupal, junto com a(o) outra(o), ousando continuamente na novidade, sem parar de estudar e se experimentar jamais, como um eterno inacabamento.

## 5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como orientação de percurso analisar a experiência de 5 formadores em Gestalt-Terapia no Ceará, as repercussões de suas experiências como história de vida e como pensar a Gestalt-Terapia na contemporaneidade focando na sua formação com as próximas gerações de educandos, visto a importância de novos paradigmas para se pensar na autorização e reconhecimento do “Ser” Gestalt-terapeuta alinhados com as experiências passadas de experiência.

“Ser” Gestalt-terapeuta não tem a ver, apenas, com um curso, pago ou não, de formação curricular, com as burocracias pedidas advindas de uma demanda neoliberal de formalização, onde a empresa educadora oferece um serviço e entrega o produto: O Diploma. Nem com o tempo cronológico de formação, onde se tem um início e um fim bem definido para, passado esse tempo, ser autorizado por outrem “Ser” Gestalt-terapeuta, podendo assim atuar e responder por este título através de autorizações hierarquizadas e que fazem parte de um projeto mercadológico.

Assim como visto nas narrativas e na bibliografia pesquisada sobre a história da Gestalt-Terapia no Brasil, a abordagem surge em meio à revolução, contracultura, movimentos artísticos e políticos. Deste modo, é imprescindível a não separação de suas bases epistemológicas, assim como sua prática contemporânea, deste sentimento a ativismo político com vistas a libertação e crítica à autoritarismos reminiscentes hoje, advindos do passado.

As formações em Gestalt-Terapia devem ser entendidas neste interim, tanto corroborando com os ideais que deram escopo para uma Gestalt-Terapia política e crítica, como entendendo as demandas contemporâneas de distância, estudos, modos de viver e leituras de mundo muito características de uma época que não

pertence mais à Gestalt-Terapia dos anos 60 ou 70, mas que é transformada pelo presente, como leituras decoloniais, os desenvolvimentos da teoria *queer* entre outras.

Destarte, toda a história participa das repercussões sobre ser e autorizar-se Gestalt-terapeuta. Nas narrativas, as(os) formadoras(es) enfatizam como as influências e suas histórias foram importantes para se reconhecerem, sentirem seguras(os) para atuarem e se identificarem como Gestalt-terapeutas. A importância do inacabamento, dos contínuos estudos e, não menos importante, viver esses estudos, experimentar coisas novas, intercambiar com outras perspectivas que não sejam da Gestalt-Terapia e estar atenta(o) ao novo, consciente da transformação de sua época, para que se possa, assim, integrar o passado, realizando o presente, para construir o futuro nesta autorização.

O intercâmbio de vivências que faz o ser Gestalt-terapeuta se autorizar está alinhado com a teoria do *self* supracitada neste trabalho. Como sistema de contatos, o campo *self* é o autor das mediações dos encontros, é um campo temporal onde se experiencia na fronteira de contato a presentificação da história pessoal e, nesse caso, do autorizar-se Gestalt-terapeuta, interligado com as histórias de outras(os) formadoras(es), outras teorias, formandas(os) e os demais encontros que formam o fluxo de vividos para esta trajetória. Este campo temporal, então, é mediador para a autorização. A(o) formador(a) deve estar *aware* nesse processo de campo para se compreender como Gestalt-terapeuta.

Neste interim, pode-se perceber que não existe um manual prático que se possa conceber como chegar até o momento deste reconhecimento. Autorizar-se, segundo as narrativas desta pesquisa, tem a ver com caminhar, com estar atenta(o) ao processo presente, respeitando a história que, em conjunto, repercute na vida do ser Gestalt-terapeuta para assim recriar o futuro desta autorização. Uma busca constante onde deve-se desbravar em vários estudos, vivências, experimentações. Trabalhar o ser Gestalt-terapeuta em grupos, para que um dê suporte ao outro e várias perspectivas contribuam para o crescimento. Estar conscientes das limitações para não violentar a(o) outra(o) mas não deixar de arriscar-se, ser audaciosa(o) nas investidas de experimentações em Gestalt-Terapia.

Este trabalho, enfim, visa tratar estes resultados como algum tipo de suporte para as(os) várias(os) Gestalt-terapeutas que ainda estão nesta caminhada de

autorização e se reconhecer como tal, assim como também constitui uma relevante contribuição acadêmica no sentido de se pensar as várias formações dando aberturas para reavaliar as suas configurações. Porém, esta pesquisa não se finda, visto que, segundo a própria narrativa das(os) formadoras(es) pioneiras(os) no Ceará, não se pode delimitar fixamente, no tempo e espaço, a hora e o lugar onde se pode autorizar ser Gestalt-terapeuta. É um processo tanto individual como grupal, fazendo assim que aqui ainda se abra horizontes para aprofundamento nos temas de autorizar-se individualmente ou coletivamente, as importâncias das demais teorias, influências diretas e indiretas de outros temas e como, na contemporaneidade, a Gestalt-Terapia poderia pensar numa transformação para não alienar conteúdos de relevância para sua prática.

## **6 PRODUTO EDUCACIONAL**

A proposta de produto educacional referente à esta pesquisa foi criar uma ementa de um curso de formação intitulado “Curso básico de Gestalt-Terapia: Processo de formação e autorização do ser Gestalt-terapeuta” em vistas a ser um recurso abrangente e acessível que aborde as experiências das(os) formadoras(es) pioneiras(os) em Gestalt-Terapia no Ceará onde serão capturadas suas narrativas pessoais e profissionais destas(es) formadoras(es), destacando os momentos chaves de suas jornadas de autorização e reconhecimento como Gestalt-terapeutas. Os Insights obtidos nas entrevistas aparecerão como módulos do curso de modo a evidenciar cada conquista, desafios e transformações que as(os) formadoras(es) revelaram em suas narrativas. Com uma abordagem inclusiva, o curso visará auxiliar estudantes, profissionais e interessadas(os) na compreensão mais profunda sobre o caminho e questões sobre reconhecer-se e autorizar-se Gestalt-terapeuta, enriquecendo o conhecimento acadêmico e prático nessa área.

O curso não apenas iluminará as histórias inspiradoras das(os) formadoras(es) pioneiras(os) da Gestalt-Terapia no Ceará, como também fornecerá recursos práticos e reflexivos para aqueles que estão trilhando o mesmo caminho, o que incentivará os leitores a se engajarem num processo pessoal para repensar as questões sobre reconhecer-se e autorizar-se Gestalt-terapeuta. Ao oferecer uma visão ampla das jornadas das(os) formadoras(es) pioneiras(os) da Gestalt-terapia no Ceará, o curso

visa contribuir com a construção de uma comunidade mais fortalecida de Gestalt-terapeutas, promovendo o compartilhamento de conhecimento e a compreensão mútua dentro da prática gestáltica, sem jamais pretender esgotar o assunto, mas abrir caminhos para novas possibilidades.

## REFERÊNCIAS

ALVES, E. F. **Jacques Lacan: a questão da autorização dos analistas**. 144f. 2013. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2013.

ANDRADE JÚNIOR, M. O desejo em questão: ética da psicanálise e desejo do analista. **Psychê**, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 183-196, 2007.

APPLE, M. W., **Ideologia e currículo**. São Paulo: Braziliense, 1979.

BARRETO, E. H. F. L. **Estima de lugar e implicações com a saúde: a perspectiva dos usuários de um centro de saúde do Nordeste do Brasil**. 209f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2017.

BARROS, M. N. O psicoterapeuta invisível: reflexões sobre a prática Gestáltica com ajustamentos autistas, **IGT REDE**, Rio de Janeiro, v.11, n.20, 2014.

BELMINO, M. C. **Gestalt-terapia e experiência de campo: dos fundamentos à prática clínica**. Fortaleza: Paco e Littera, 2020.

BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BORIS, G. D. J. B. Crises e conseqüências das práticas grupais em gestalt-terapia: a mediação indivíduo-sociedade nos grupos gestálticos como processo sócio-pedagógico de cooperação. **Revista Psicologia**, Fortaleza, v. 23, n.4, p. 47-63, 1994.

BORIS, G. D. J. B. Elementos para uma história da psicoterapia de grupo. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 206-212, 2014.

BORIS, G.D.J.B. **O Processo de Cooperação na Psicoterapia de Grupo em Gestalt-terapia**. 1992. 276f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2004.

BRASIL. 2018. **Lato-Sensu**: saiba mais. In: Ministério da Educação. Brasília, DF. <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/180-estudantes-108009469/pos-graduacao-500454045/387-lato-sensu-saiba-mais>>. Acesso em 03 dez. 2021.

CAMPOS, A. F.; RIBEIRO, J. P. Psicoterapia e espiritualidade: da gestalt-terapia à pesquisa contemporânea. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 211-218, 2017.

CAMPOS, R. F. Ética Contemporânea: os anos 60 e o projeto de psicologia humanista. **Epistemo-somática**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 242-262, 2006.

CAVALCANTE JUNIOR, F. S. C.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: Entrevista com Gercileni Campos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 433- 437, 2007.

CIORNAI, S. **Gestalt-terapia, psicodrama e terapias neo-reichianas no Brasil: 25 anos depois**. São Paulo: Ágora, 1995.

CUNHA, D. F. **O jogo no psicodrama**. Belo Horizonte: Summus, 1995.

DESLANDES, S. F.; GOMES, G.; MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

DREY, R. F.; GUIMARÃES, A. M. M. **Reflexões sobre a formação inicial e a constituição da profissionalidade docente**, D.E.L.T.A., 32.1, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/SCFrgv9fxtLgdNDwZr7XkWd/?lang=pt>. Acesso em 29 nov. 2021.

ESCH, C. F.; JACÓ-VILELA, A. M. A gestalt-terapia chega ao Brasil: recepção e desenvolvimento inicial. **Memorandum**, Belo Horizonte, v. 36, p. 1-29, 2019.

FRANCESETTI, G. “Você chora, eu sinto dor”. O self emergente, cocriado, como o fundamento da antropologia, psicopatologia e psicoterapia na Gestalt-terapia. In: ROBINE, J. (Org.). **Self: uma polifania de Gestalt Terapeutas contemporâneos**. São Paulo: Escuta, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 73 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREUD, S. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise: 1912. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, p. 427-36, 1999.

GAMA, J. C. F.; SCHNEIDER, O. Alunos de bacharelado em educação física no Brasil: formação, representação e relações com os saberes. **Educación Física y Ciencia**, Buenos Aires, v. 23, n.2, 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDSTEIN, K. **The organism: a holistic approach to biology derived from pathological data in man**. São Paulo: Zone Books, 1995.

GOMES, P. W. **O processo de cooperação na psicoterapia de grupo em Gestalt-terapia**. 2001. 123 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

GRANZOTTO, R. L.; GRANZOTTO, M. J. M. Self e temporalidade. **IGT na Rede**, v. 1, n. 1, 2004.

HELOU, F. **Frederick Perls, vida e obra**: em busca da Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 2015.

IVANCKO, S. A Gestalt-Terapia e eu. In: MENDONÇA, B. I. O.; BRITO, M. A. Q., **Ensaio em Gestalt-Terapia: Percursos autobiográficos**. Vol 2. Salvador: EDUFBA, 2022.

JULIANO, J. C. Gestalt-Terapia: revisitando as nossas histórias. **IGT na Rede**, v. 1, n. 1, 2004.

JUNQUEIRA, S. S. **Uma clínica de corpos no campo**: a Gestalt-terapia como uma abordagem do sentir. 2022. 36 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LLAVADOR, F. B. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

MASSIMI, M. **História das abordagens humanistas em psicologia no Brasil**. São Paulo: EPU, 2004.

MERNDONÇA, B. I. O.; BRITO, M. A. Q. **Ensaio em Gestalt-terapia: percursos autobiográficos**. Salvador: EDUFBA, 2019.

MENDONÇA, B. I. O. **Yoga, gestalt-terapia e fenomenologia mundana**: vivências de mulheres que estão envelhecendo. 2022. 238 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia, Salvador.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson Learnig, 2004.

MOREIRA, V. Convergências e divergências entre as psicoterapias de Carl Rogers e Frederick Perls. **Revista NUFEN**, São Paulo, v.2, n.1, p. 20-50, 2010.

MOSS, D. The roots and genealogy of humanistic psychology. In: SCHNEIDER, K.; BUGENTAL, J.; PIERSON, J. (Org.). **The handbook of humanistic psychology: leading edges in theory research and practice**. Thousands Oak, Califórnia: Sage, 2001. p. 5-20.

MÜLLER-GRANZOTTO, R. L.; MÜLLER-GRANZOTTO, M. J. **Fenomenologia e Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

MÜLLER-GRANZOTTO, R. L.; MÜLLER-GRANZOTTO, M. J. **Clínicas Gestálticas: Sentido Ético, político e antropológico da teoria do self**. São Paulo: Summus, 2012.

NASCIMENTO, L. C. S., **Gestalt Terapeutas do Brasil: Formação e identidade**. 2019. 138 f. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia, Brasília.

NASIO, J. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

PACHECO, P. C. **TRANSMISSÃO, AUTORIZAR-SE E RECONHECER**. Disponível em: [http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/PPacheco/ppacheco\\_transm\\_autoriz\\_reconhec\\_upld\\_3.pdf](http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/PPacheco/ppacheco_transm_autoriz_reconhec_upld_3.pdf), acessado em 07 ago 2023.

PERLS, L. **Timeless Experience: Laura Perls's Unpublished Notebooks and Literary Texts 1946-1985**. Cambridge Scholars Publishing. (Editado por Amendt-Lyon, Nancy). 2016.

PERLS, F. S. **Ego, Fome e Agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud**. São Paulo: Summus, 2002.

PERLS, F. S.; GOODMAN, P. **A teoria da “remoção do conflito interno”**. In: STEVENS, John O. Isto é gestalt. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PRETELO, E. A história da Gestalt-terapia no Brasil: “peles vermelhas” ou “caras-pálidas”. **Clio-Psyché Hoje**, Rio de Janeiro, 2001.

PROVINCIALTO, L. G. A apropriação do conceito “visão de mundo” pela filosofia de Martin Heidegger. **Prometheus Filosofia**, São Cristóvão, v. 11, n. 29, 2019.

REHFELD, A. Paulo Eliezer Ferri de Barros (1946-2006). **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 165-166, 2007.

RIBEIRO, J. P. Prefácio: Ambientalidade, nossa dimensão ignorada, In: MENDONÇA, B. I. de O., BRITO, M. A. Q. **Ensaio em Gestalt-Terapia: Percursos autobiográficos**, EDUFBA, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2019.

ROBINE, J. **O self desdobrado**. São Paulo: Summus, 2006.

SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

\_\_\_\_\_, **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

\_\_\_\_\_, **Saberes e incertezas sobre currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SALES, Y. N. **Autoetnografia de uma trajetória acadêmicoprofissional no sistema de ensino superior brasileiro**: da formação universitária voltada ao estudo à prática docente em IES não-universitárias privadas. 2020. 221 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação.

SILVA, T. T., **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SMITH, B. **Gestalt Theory**: An essay in Philosophy, Foundations of Gestalt Theory. Munich and Viena: Philosophia, 1988.

STEVENS, J. O. **Isto é gestalt**. São Paulo: Summus, 1977.

STEVENS, B. **Não apresse o rio**: ele corre sozinho. São Paulo: Summus. 1978.

SUASSUNA, D.; HOLANDA, A. **"Histórias" da Gestalt-terapia no Brasil**: um estudo historiográfico. Curitiba: Juruá Editora 2009.

TORRES, R. F. O curador-ferido e a individuação. **Junguiana**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 49-58, 2023.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM FORMADORES EM GESTALT TERAPIA**

Formulário Nº: \_\_\_\_\_

Data da Coleta: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

**Perfil da(o) participante**

Idade quando se formou: \_\_\_\_\_ idade atual: \_\_\_\_\_

Gênero: \_\_\_\_\_ Estado Civil \_\_\_\_\_

Profissão atual: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade onde se formou: \_\_\_\_\_

**Questões disparadoras:**

1 – Como foi para você o processo de reconhecer e se autorizar Gestalt-terapeuta durante os anos como formador(a)?

2 – “Como é para você ser formador(a) em Gestalt-Terapia atualmente?”

3 – “Como é trabalhado por você o processo de se reconhecer e autorizar Gestalt-terapeuta junto com os alunos em formação?”

**ANEXOS**

## **ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Marcus Cézar de Borba Belmino, de CPF: 000.838.323-41, professor do Programa de pós Graduação Mestrado em Ensino em Saúde do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio e seu orientando Erick Linhares de Holanda, CPF: 026.566.743-79 professor do Curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado – UniVS e aluno do programa, estão realizando a pesquisa intitulada “Repercussões no processo de se autorizar e se reconhecer Gestalt-terapeuta: narrativa de formadores no Ceará”, que tem como objetivo geral: Compreender o processo de autorização e reconhecimento do ser Gestalt-terapeuta de formadores pioneiros nas formações em Gestalt Terapia pelo Ceará. Para isso, estão desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: a primeira foi a realização de um projeto composto por introdução, objetivos, revisão de literatura e metodologia. Os dados serão coletados da seguinte forma: Numa entrevista semiestruturada a qual não possui um caráter restritivo, ou seja, as perguntas não são fechadas, o que possibilita à(ao) entrevistada(o) responder livremente o que lhe está sendo solicitado. Os dados serão transcritos, sem mencionar nomes ou identificação do contribuinte, somente o conteúdo da informação. Será realizada a coleta de informações por meio de entrevista pelo aplicativo do Jitsi meet, com perguntas flexíveis e abertas às diferentes maneiras de reações das pessoas entrevistadas. Serão 3 (três) perguntas que irão servir como instrumento mediador ao longo da conversa, da maneira mais espontânea possível

Por essa razão, a(o) convidamos a participar da pesquisa. Sua participação consistirá em realizar a entrevista livremente que represente sua experiência vivenciada em relação a sua trajetória em seu processo de reconhecer-se e autorizar-se Gestalt-terapeuta. Trata-se de uma expressão livre, não há padrão de respostas certo ou errado. Feito isso, a(o) Senhor(a) deve responder algumas perguntas que se relacionam com a sua experiência. O áudio da entrevista será gravado para, posteriormente, ser transcrito e analisado.

Quanto aos riscos, toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, porém, são previstos riscos mínimos e que estão relacionados à possível vergonha, emoções, choro, medo sobre a quebra do sigilo e desconforto no momento da

pesquisa. Para minimizar os riscos, a pesquisa será de maneira on-line e isolada de interferência de terceiros, e será apresentado ao colaborador informações sobre os zelos e cuidados éticos em todo o processo da pesquisa. O pesquisador prestará esclarecimentos sobre o instrumento utilizado, e explicará de forma clara o objetivo da pesquisa, buscando assim amenizar todas as dúvidas do participante. Seu consentimento pode ser retirado em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo algum. Para minimizar os riscos, mesmo no ambiente on-line, a entrevista será feita numa sala fechada, de maneira que não haja interrupções de terceiros, será feita uma conversa de apresentação e de abertura para relaxar e estreitar os vínculos. Além disso, a qualquer momento, o participante pode parar a entrevista para fazer alguma pergunta, ou para que de algum modo fique melhor à vontade, sugerindo alguma mudança na abordagem da entrevista. É mister ressaltar que, caso haja algum dano, desconforto ou inconveniente de caráter psicológico, a(o) participante será encaminhada(o) para um serviço de psicologia para ser acompanhada(o) no seu processo, acolhendo os possíveis desafetos que a entrevista possa causar.

Há o risco também de vazamento de dados. Como se trata de entrevista on Line que será mantida em nuvem as informações podem ser vazadas e parar na mão de terceiros que poderão ter acesso a estes. Para minimizar este risco, será colocado senhas nas pastas compactadas assim como restrição de acesso na nuvem do e-mail que será feito da própria pesquisa. Caso o vazamento ocorra, o participante será prontamente informado, o e-mail reconfigurado ou apagado tentando ao máximo impedir o acesso não autorizado.

Quanto aos benefícios esperados com o estudo, não haverá nenhum benefício financeiro para o participante, somente contribuição para uma melhor conscientização da sociedade a respeito da natureza da construção do conhecimento científico. Apesar de os benefícios não serem diretamente para os participantes da pesquisa, os benefícios indiretos, no que consiste em ampliar a discussão na área da Gestalt-Terapia, trazendo novas perspectivas formativas e os próximos passos de estudos na área, vão influenciar beneficentemente o participante, pois este também é Gestalt-terapeuta. Ademais, a narrativa de sua história, contada a partir de sua própria experiência na Gestalt-Terapia, beneficia tanto a comunidade acadêmica, que terá mais recursos de dados para pensar novos caminhos para a abordagem, quanto ajuda a disseminar o trabalho do participante que ainda atua na área.

Todas as informações que a(o) Senhor(a) nos fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa. Suas respostas serão confidenciais e seu nome completo aparecerá no trabalho assegurando a literalidade de seu relato. A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso a(o) Senhor(a) aceite participar, não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou se desistir após ter iniciado a pesquisa. Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar Erick Linhares de Holanda no telefone (88) 99714 4065 no Centro Universitário vale do Salgado – UniVS, Rua Monsenhor Frota nº- 609, CEP- 63430.000, funciona em horário comercial. Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Avenida Leão Sampaio, Km3, Lagoa Seca - Juazeiro do Norte-Ceará CEP: 63.180-000. Se a(o) Senhor(a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia do mesmo.



Impressão dactiloscópica

\_\_\_\_\_.

**Assinatura da(o) Participante.**

\_\_\_\_\_.

Erick Linhares de Holanda

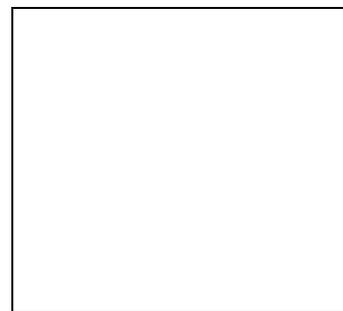
**Pesquisador responsável**

Icó–Ceará , \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

**ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Pelo presente instrumento que às exigências legais, a (o) Senhora (o)

\_\_\_\_\_, portadora (o) da cédula de identidade \_\_\_\_\_ declara que após a leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram explicadas pelas(os) pesquisadoras(es), ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetida(o) e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente da pesquisa: **Repercussões no processo de se autorizar e se reconhecer Gestalt-terapeuta: narrativa de formadores no Ceará.** E, por estar de acordo, assina o presente termo.



Impressão dactiloscópica

\_\_\_\_\_  
**Assinatura da(o) Participante.**

\_\_\_\_\_  
Erick Linhares de Holanda

**Pesquisador responsável**

Icó–Ceará , \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

### ANEXO C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu \_\_\_\_\_, portadora(o) da Carteira de Identidade nº \_\_\_\_\_ e do CPF nº \_\_\_\_\_, residente à Rua \_\_\_\_\_, bairro \_\_\_\_\_, na cidade de \_\_\_\_\_, autorizo o uso de minha imagem e voz, no trabalho sobre título: **Repercussões no processo de se autorizar e se reconhecer Gestalt-terapeuta: narrativa de formadores no Ceará**, produzido pelas(os) pesquisadoras(res) Marcus Cézar de Borba Belmino, professor do Programa de pós Graduação Mestrado em Ensino em Saúde do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio e seu orientando, Erick Linhares de Holanda, professor do Curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado – UniVS e aluno do programa. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionadas em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.



Impressão dactiloscópica

\_\_\_\_\_.

**Cedente**

\_\_\_\_\_.

Erick Linhares de Holanda

**Pesquisador responsável**

Icó–Ceará, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

## NOTAS

[1] Nascimento (2019) faz uma discussão acerca da escrita adequada para a abordagem. Em seu trabalho, a palavra “Gestalt-Terapia” aparece como mais consonante ao que seria a melhor adequação à língua portuguesa, apesar de, na escrita majoritária sobre Gestalt-Terapia em todo o território brasileiro seja escrita de outra forma, a saber, “Gestalt-terapia”. Isso se deve à junção da palavra alemã “Gestalt” que significa forma, totalidade, fenômeno total, etc., mas que não pode ser traduzida, com a palavra em inglês “*Theory*”. Contudo, aqui neste trabalho, usar-se-á a denominação “Gestalt-Terapia” para marcar o posicionamento do autor pela grafia que abrange todo o estudo e prática clínica surgida e desenvolvida sobretudo no Brasil. Para informações sobre a discussão linguística da escrita da “Gestalt-Terapia”, ver o trabalho de Nascimento (2019, pp. 16-24).

[2] Fonte: <https://www.gruposummus.com.br/autor/maria-alice-queiroz-de-brito-lika-queiroz/>

[3] Fonte: <http://academo.ufba.br/pesquisador.php?cod=1965>

[4] Fonte: <https://www.gruposummus.com.br/autor/maria-de-fatima-pereira-diogenes/>

[5] <https://www.awarecentro.com/>

[6] Segundo site do próprio Instituto: <https://www.gestaltce.com.br/sobre>

[7] Marcus Cézar de Borba Belmino é o orientador dessa dissertação. Foi formado no Instituto Gestalt do Ceará e foi sócio e diretor da instituição de 2007 a 2009.

[8] [https://www.igt.psc.br/Gestalt-Terapeutas/afonso\\_henrique\\_lisboa\\_da\\_fonseca.htm](https://www.igt.psc.br/Gestalt-Terapeutas/afonso_henrique_lisboa_da_fonseca.htm)

[9] <https://crp23.org.br/nota-de-pesar-afonso-henrique-lisboa-da-fonseca/>

[10] O psicodrama triádico nasce de 3 epistemologias diferentes: analítica, dinâmica de grupo e Psicodrama, não como influências concorrentes, mas como coexistentes em uma práxis teórico-experimental. Para mais informações ver o trabalho de Da Cunha (1995).

[11] Há muitos trabalhos que enfatizam sua importância na história da Gestalt-Terapia brasileira, seu pioneirismo é evidenciado, de origem holandesa, ela trouxe para o Brasil esta abordagem revolucionária que evidenciava a luta contra a opressão e enfatizava a liberdade. Entre os vários trabalhos sobre sua influência no Brasil, indica-se os trabalhos de Suassuna & Holanda (2009) e ESCH & Jacó-Vilela (2019).

[12] Gestalt terapeuta formadora no Instituto de Gestalt de São Paulo. Fonte: <https://gestaltsp.com.br/author/maria-do-carmo-la-torre/>

[13] Gestalt Terapeuta formadora no Centro de Crescimento humano, em Maceió/AL. Fonte: [https://www.instagram.com/centro\\_crescimento\\_humano/](https://www.instagram.com/centro_crescimento_humano/)

[14] Médico psiquiatra e Gestalt-terapeuta, trabalha com biodança e estuda dança em Fortaleza-Ce. Fonte: <https://www.escavador.com/sobre/197398410/raimundo-severo-junior>

[15] Segundo o site do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (IME-USP), antroposofia é um método de conhecimento do ser humano e do universo que amplia o conhecimento obtido pelo conhecimento científico convencional. Na entrevista, Fátima Diógenes relata que dá cursos que fazem intercâmbio entre Gestalt-Terapia e antroposofia, e explica que veio do alemão, por Rudolf Steiner usando a temporalidade dos setênios, onde divide o desenvolvimento humano de sete em sete anos. Para mais informações: <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/antrop/o-que-eh-antroposofia-meu-site.html>.

[16] Aqui Sergio Lizias se refere a uma antiga rixa entre os terapeutas no sentido de pensar ou fazer: a “Gestalt da cabeça” tinha mais a ver com um estilo intelectual, teórico, mais disseminado pelo grupo dos sete em Nova York. A “Gestalt das vísceras” tinha mais a ver com o estilo de Perls, mais experimental, vivencial, o que corroborou para que muitos terapeutas o imitassem e deixassem de lado os fundamentos teóricos da Gestalt-terapia. A “Gestalt do coração” veio depois, com o casal Polster e com Zinker, sendo uma maneira de tentar conciliar as duas perspectivas anteriores. Para mais informações sobre esses três estilos ver o trabalho de Juliano (2004).

[17] Mito Grego onde Quirion, metade centauro metade humano, curandeiro renomado, é ferido por uma flecha de seu próprio discípulo, Hércules, de maneira não intencional, o que gerou uma ferida incurável, colocando-o, agora, numa posição de curador ferido. Para mais informações sobre o mito, ver trabalho de Torres (2023).

---

<sup>i</sup> Fonte: <https://gestaltsp.com.br/author/maria-do-carmo-la-torre/>